Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ANO 1 · N. 3 15 SETEMBRO 1931

REVISTA NOVA

DIREÇÃO DE PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÔNIO DE ALCÂNTARA MACHADO
GERENCIA DE NELSON PALMA TRAVASSOS

Homenagem a Alvares de Azevedo

ALVARES DE AZEVEDO — MOMENTO
AFRANIO PEIXOTO — QUATRO CAPITULOS DO "LIVRO DE FRA GONDICARIO"
AZEVEDO AMARAL — A ORIGINALIDADE DE ALVARES DE AZEVEDO
HOMERO PIRES — ALVARES DE AZEVEDO, O UNICO ROMANTICO BRASILEIRO
VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO — INFLUENCIA DE ALVARES DE AZEVEDO
ARTHUR MOTTA — ... O FERRÃO BEM NO CENTRO ALVARES DE AZEVEDO
MOTTA FILHO — O DRAMA ACADEMICO DE ALVARES DE AZEVEDO
LUIS DA CAMARA CASCUDO — ALVARES DE AZEVEDO E OS CHARUTOS
AURELIO GOMES DE OLIVEIRA — ALVARES DE AZEVEDO POETA
MARIO DE ANDRADE — AMOR E MEDO

Cronica
PEDRO DANTAS — PERSPETIVAS

Etnografia
RODRIGUES DE CARVALHO — LINGUA NACIONAL (II)
AMADEU AMARAL JUNIOR — SUPERSTIÇÕES DO POVO PAULISTA (I)

Notas
de
MANUEL BANDEIRA, LEOCADIO PEREIRA, ORESTES GUIMARÃES, MARIO DE ANDRADE E ANTÔNIO DE ALCANTARA MACHADO

Resenha

RUA XAVIER DE TOLEDO N. 72
SÃO PAULO

REVISTA NOVA

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

(março, junho, setembro, dezembro)

DIRETORES: PAULO PRADO, MARIO DE ANDRADE E ANTÓNIO DE ALCÂNTARA MACHADO

GERENTE: NELSON PALMA TRAVASSOS

Redação e administração:

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72

SÃO PAULO

ASSINATURA ANUAL . . . . . 18$000
(remessa registrada)

NUMERO AVULSO . . . . . 5$000

REVISTA NOVA

NÃO SE RESPONSABILIZA PELAS IDEAS DE SEUS COLABORADORES QUE GOZAM DA MAIS AMPLA LIBERDADE DE OPINIÃO E CRITICA

ANO 1 15 SETEMBRO 1931 N. 3

REVISTA NOVA

Direção de Paulo Prado, Mario de Andrade e António de Alcântara Machado

Gerencia de Nelson Palma Travassos

VOLUME 1.º

RUA XAVIER DE TOLEDO, 72
SÃO PAULO

Momento

Com êste número a *Revista Nova* comemora o centenario do nascimento de Alvares de Azevedo, publicando alguns ineditos da sua prosa e estudos sobre êle.

O mais dificil da nossa tarefa certamente não foi o trabalho que nos demos de buscar o inedito que não desvirtuasse a memoria do poeta. Nem foi ainda o esfôrço de ajuntar os melhores nomes, e mais adequados, para dizer aos nossos leitores sobre êsse que foi certamente a flor mais caracteristica de mocidade em toda a história artistica nacional. "Mancebo ancião" chamou-lhe Fagundes Varela... Mas, ao nosso ver, nada mais infeliz do que a curta psicologia com que Varela, talvez assoberbado pelas asperezas colericas de quem dissipara o espirito no excesso de leituras e adoração dos deuses da amargura, viu ancianidade experimentada no que era apenas juventude excessivamente infantil.

O mais dificil da nossa tarefa é relacionar Alvares de Azevedo ao momento de agora. Com efeito: nada mais distante de nós que a entediada e amargamente ironica desilusão do poeta. Na leitura dos outros padrões do nosso Romantismo, ás vezes nós nos identificamos com êles, e nos sentimos tomados daquela simpatia humana que deriva das mesmas reivindicações. Esse é mesmo o lado por onde Castro Alves permanece e avulta mais na quotidianidade do nosso pensamento. Mas se nós nos identificamos a uma ou outra queixa, dôr e colera dos nossos Romanticos é porque, sempre com excepção

de Castro Alves, por terem todos êles uma qualidade de inteligencia e de psicologia menos fixa, mais ambulante que a de Alvares de Azevedo, foram ás vezes peregrinar por assuntos que, seja como simbolos, seja como realidade, são os mesmos em que nos castigamos e morremos atualmente.

Alvares de Azevedo é o mais psicologinamente marcado dos nossos Romanticos. E' um ser que, á feição dos antigos herois dos romances, sofre deformação por exclusões. Assim como um Shylock é avarento e só avaro, como o conselheiro Acacio é acaciano e apenas tolo, Alvares de Azevedo tem nas suas obras uma psicologia exclusiva: a do rapaz timido malferido no orgulho duma inteligencia excessiva para a idade. Com rarissimas excepções todas as suas páginas de ficção derivam dêsse mal danado; e no meio do nosso burguêsmente doce Romantismo êle faz a figura do possesso.

Perde a noção das perspetivas e o senso das dimensões para tudo fixar ou examinar num plano irremovivel de sensibilidade em que, se todas as faculdades da inteligencia permanecem equilibradas entre si, elas não podem mais tomar pé na vida. O repiquete das fôrças jovens é violento demais e elas sossobram num falso mar de horror. O desencantamento, o individualismo insoluvel na vida que entediaram Alvares de Azevedo, êle não os colhe propriamente da vida, os colhe da sua propria inteligencia e completo ser. Não experimentou a vida como Byron, Musset ou Castro Alves. Tem essa experiencia, por assim dizer, de antemão, em si mesmo. E por isso lhe basta louvar-se em Byron e Musset. Mas os seus acentos não são os de quem admirando, imita: são, mais do que isso, os de quem, encontrando a coincidencia, se deslumbra.

Mas sempre ha um lado por onde o possesso que Alvares de Azevedo foi, força o nosso momento ao respeito: a utilização continuada da inteligencia nas suas obras. Uma das caracteristicas essenciais da ficção romantica, mesmo europea, é o desrespeito á inteligencia, o abandono das especulações independentes do pensamento. Recorria-se constantemente á ima-

gem para ferir a realidade (*Cachoeira de Paulo Afonso, Y-Juca Pirama*) mas fôra esquecido o lado especulativo, o lado *clerc* da inteligencia — aquele lado de pesquisa contemplativa, que recentemente Eugenio D'Ors salientava em Socrates.

Em Alvares de Azevedo a preocupação da inteligencia, das explicações filosoficas da vida, é constante. Não basta lembrar aquela passagem infantilmente pretenciosa, mas tipica, da introdução da *Noite na Taverna*: — "Estás ebrio, Johann! O ateismo é a insania, com o idealismo mistico de Schelling, o panteismo de Spinosa — o Judeu, e o esterismo crente de Malebranche nos seus sonhos da visão em Deus. A verdadeira filosofia é o epicurismo. Hume bem o disse..." Nem basta ainda lembrar os seus estudos criticos, as suas preocupações de estetica (Garnier, 7.ª ed. I, 227; 283; II, 5 e 6; 150; 155; III, toda a parte crítica, 381), mesmo de estetica aceitavelmente social, como quando exalta a arte antiga, "arte santa, Que orava de joelhos e vertia O seu raio de luz e amor no povo" (I, 232), conceito tão firme no esteta, que ainda está fortificado pela explicação de Satan (III, 258) a uma teoria de Macario passivel de interpretação falsa. Não bastará mostrar as justas noções com que fixa o que deve ser o teatro, não apenas na *Carta sobre a Atualidade do Teatro no Brasil,* como no monólogo de Puff; e que fazem do *Macario* a certamente mais elevada invenção teatral que nunca se escreveu entre nós. Mas ainda provam isso especialmente as especulações doutrinarias, sem nenhuma especie de didatismo, sobretudo a metempsicose pregada por Solfieri (III, 334) e aceita na *Gloria Moribunda*; a continuada citação de filosofos, de criticos, de artistas, demonstrando uma cultura absolutamente incomum na idade dele e naquele tempo brasileiro; a clarividencia ás vezes notavel das suas observações, como as sobre a situação literaria do Brasil em relação a Portugal (III, 184 a 186), as sobre o caracter do estilo (III, 133), as de Penseroso sobre os filhos da America (III, 308), as sobre a descrença (III, 318); aquele senso tantas vezes admiravel do qualificativo eficaz que não lhe dá a metafora ru-

tilante, mas de preferencia o epiteto acordado... Dentro do possesso do mal-do-seculo a inteligencia ainda aumentava o desequilibrio do ser, lucida mas apaixonadamente amorosa dos seus jogos. E se o Macario chegava prematuramente áquela profunda afirmativa que "as idéas do homem o fascinam mas não o esclarecem", o moço não pôde abandonar jamais as fôrças rarissimas de inteligencia que possuia, porque soube reconhecer tambem que "a inteligencia é como o oleo, sobrenada a tudo".

E, pois que nos momentos comemorativos sempre é permissivel aquela comoção que sem cegueira, nos inclina a ver no comemorado de preferencia o em que êle nos leciona, Alvares de Azevedo que brilhe agora para nós naquilo que nele sobrenadou a tudo o que êle foi: preocupação de cultura, o direito da inteligencia.

O Livro de Fra Gondicario [1]

PARTE III — Labios e Sangue

Capitulo I

OASIS

Ne la connais tu pas la terre du poète,
La terre du Soleil où le citron murit,
Où l'orange aux tons d'or dans les feuilles sourit?

Goethe — (Trad. por Th. Gautier).

I

Oh! Veneza! eu te sonhei num desses rorantes serões dos estios da America, na madorna das praias perfumosas onde o vento espalha pelas noites de lua cheia as flores desfolhadas dos manacás e das laranjeiras: — eu sonhei-te, vela a erguer-te das águas com tua grinalda de pedrarias e flores — sôbre um mar de nacar e ouro no mais donoso dos sorrisos d'alma.

E eu sonhei-te bela e muito bela! Como a Leda lúbrica meia dormida á sombra dos mirtos, e dos arvoredos de folhas

---

(1) Devemos á gentileza de Homero Pires esta publicação de quatro dos onze capitulos que compõem a parte III do romance inédito de Alvares de Azevedo.

d'esmeralda e frutos de oiro — como o paraiso onde as mulheres têm a lingua do anjo, onde o falar é uma harmonia, e o canto é como um eco de vibrações perdidas de querubins errantes!

Sonhei-te bela — a ti onde o volutabro anátema da orgia recama-se de rosas e angélicas, de rosi-flores, loureiros e jasmins — onde o leito do lupanar pompeia com os brocados de Stambúl arrenegada, os veludos de Alepo a Sarracena, as cassas de Mossoul, essas télas que a naveta argentea das lindas trigueiras de Kabul matiza de arabescos de oiro nos arrelvados das quebradas do Himalaia.

Eu sonhei-te, minha rosa desatada de teus setins vermelhos como a donzela em volta de um baile, cismando ainda, quasi despida, no sofá — minha rosa aberta aos calores do verão, com teus labios ardentes como os das mil amasias de um emir — com teus seios a pulos como o das virgens palpitantes de voluptuosidade de susto na primeira noite de amor.

Sonhei-te e amei-te.

Veneza de meus sonhos eu te amo.

II

Mancebo — nunca aí cobiçaste uma noite de lua, na cidade das magias, o sonho das visões lúbricas?

Nunca lhe sorriste siquer depois de uma das idéas ebrias de Byron, ao fechar de um dos cantos voltairianos de Beppo — ao volver da página da ode fatidica do Inglês a seu talamo dos amores — siquer após de um dos romances de Jorge Sand a mulher de fronte febril e de coração meridional ou num dêsses contos de Hoffman, o Alemão, concebidos no aceso de seu fantasiar estranho, ao luzir doirado do Johannisberg nos cristais verdes, — em uma dessas creações, que são como sombras doiradas pelos manchados escuros dos clarões de um palacio encantado?

E tu, donzela — nunca ao cerrar de teus olhos sentiste-te absorta no passar de uma dessas Walsas sem fim como as das Willis ligeiras nas névoas dos lagos do Norte, — numa dança de morrer-se nela de gôzo e afã?

Ao luzir humido de umas pupilas negras entre o veludo de uma mascara, não parou-te em frente no imaginar um vulto de Cavaleiro Italiano com o sombrero de plumas longas e negras, o bigode retorcido, a capa de veludo caindo no ombro e erguida ao lado pelo espadim — e as longas esporas de ouro a retinir nos calcanhares?

E tu, velho pensador com essa longa fronte calva, sulcada de rugas e amarelecida aos fumos bruxoleantes da lampada, nas longas e perdidas noites de estudos insanos, pobre coração resequido nas cavernas rotas do peito que a tosse da tisica dilacera — diz meu velho sabio, com tua coroa de cãs nunca sentiste-te hirtas em meio ao transudar frio da fronte — ante o surgir do espectro sem cabeça de Faliero o Doge e o soluçar do espectro sem coração de Foscari — sem coração, que o arder das lagrimas lho desfizera em sôros de lava nas duas horas de agonia insabidas do Tribunal inexoravel de Bruto e do patamar da escada dos Gigantes no terrivel dia 30 de Outubro de 1457 em que o sino de S. Marcos se abalava anunciando ao Adria um novo esposo, — e emquanto Malipieri subia ao Dogado — o velho Francesco caía em desmaio de morte á porta de seu palacio?

. . . . . .

Mas eu amo-te ainda assim com tuas cortezãs caprichosas, e teus esbirros da traição — com os beijos das noites e as noites de festim, e o estilete das trevas — com teu Lido de marmore, teu S. Marcos ducal á beira dagua, teu Bucentauro reluzente — e a fauce hiante do *leão*, a ponte segredeira *dos Suspiros*, e os calabouços dos *Chumbos* e do *Poço*.

III

Veneza! Veneza! e quem te não sonhou um dia — siquer nos vislumbres incertos do sonhar juvenil?

Quem te não viu nas nuvens de um doirado imaginar avultando sob teu manto de alabastro a erguer-te donairosa do azul das águas do Adriatico, a desenhar o rendado e as agulhas de tuas catedrais, os teus arvoredos folhudos e lustrosos no seu verdegal — as soteias de marmore de teus palacios cujas escadarias brancas se banham no chamalote das águas, como as plantas niveas e nuas da virgem de Ischia e Procida adormecida na rocha solitaria?

Quem te não imaginou a erguer-te das ondas como o cisne côr de perola entre o esmalte do borrifar de escumas do rio deserto, como a Dionéa nevada do mar de torquezas do Mediterraneo?

E quem te não amou como a nereida dos sonhos, como a fada dos luares, como a ninféa sem nódoa das lagoas, a magnólia do Oriente, e ao correr derramado de incensos das margens peregrinas pelo purpureo de um crepusculo d'estio, o alvejar das aves de arribação?

O filho das raças do Norte ideou-te o Walhalla enlevado das Walkyrias de olhos azulados e soberbos, ao Oriental sombrio alisam-se as rugas da fronte acardumadas como as vagas do alto mar — ao sonhar em ti e tuas pensativas morenas, com os cabelos tormentados pelos contornos arquejantes, o requebro languido dos olhos escuros, do altear dos colos — como a escuma fervedoura das cataratas, — e o vivaz do amaranto dos labios, essas perolas que ao abrir de um riso enfeitiçam no luzir — e essa lingua mórbida e cadente dos vales do aquém dos Alpes — tudo isso lhe acorda as huris do Profeta e as lascivas do Jamat-al-adlen da promissão!

Oh! Veneza! Veneza! quem no devaneio ardente dos sonhos de verão não criou-te ante si — a Roma dos mares de Lady Morgan — com as casarias iluminadas, golfando ás lufadas pelas

ogivas o delirio das musicas e o frenesi das dansas — e as visões brancas ao destacarem-se no deslumbre do damasco dos salões, e os risos que matam, e os perfumes que atordoam, e os beijos que queimam, e a lua além despontando nos mares como a ave branca boiando no horizonte das águas — e a frouxidão dos clarões da Diana velada das noites belas, derramando-se em chuvas de lágrimas argenteas pela fachada embranquecida dos palacios, pelas rendas e laçarias de marmore das varandas frescas, e as vidraças multicôres e fascetadas das catedrais onde o ar da noite suspira no alento morredoiro dos tubos do órgão?...

Foste a terra dos amores do Oriente Indiano, foste a ilha dos enlevos, das paixões ebrias e louquejantes do palido Bretão — esse forasteiro em cujos cabelos negros, sôbre cuja testa livida se enlaçavam as coroas de nobre e poeta — Byron! Foi em teu leito de flores, que o poeta-rei dormiu as noites de tresvario e amor, nos enlaces niveos da bela Condessa Italiana — foi adormentado por teus aromas com a fronte caida nos joelhos dessa mulher bela em cujo colo ele respirou as flores dos cantos mais belos, e em cujos olhos sob o derramar de um véu de languores, ele bebeu inspirações de Parisina e Medora.

E és bela, Veneza! Como as Peris do Oriente para onde volves olhares de saudosa — ao sumir-se á tarde o sol roxeado — como as silfides leves e as Ondinas brancas da ilusão dos nevoeiros, como as amantes louras das inspirações das harpas gaelicas, estas rosas desmaiadas dos velhos bardos de Erin.

E a ti — minha Veneza do passado, não a gelada e imovel de hoje como a Atenas do Giaour, desmaiada em flor ao golpear da cimitarra descrida — a ti minha bela — os chuveiros de perolas de escuma das vagas azues, o perfume dos jasmineiros e madresilvas — o manto de aljofares do céu e a opala das luas cheias do Sul — as virações da Grecia correndo suspirosas por teu golfo — as orvalhadas cheirosas das anêmonas recem-abertas — e o desalinho das canções mais langues e absortas dos menestreis estrangeiros.

A' outra — sôbre sua capela de flores sêcas e a tunica de sangue e seu roto sudario de morte — a ela — o véu negro da nenia repassado de lágrimas.

Capitulo IX

O ROMANCE DA MADONA

Pauvre Graziella

Lamartine

Triste foram teus fados, Dona Inez,
Triste ventura a tua

Ferreira — Castro

I

Não riaes, não! dessas pobres mulheres! mesquinhas Eloas sem um anjo que chore por consolar, Medoras sem uma fronte febril de Corsario por ter nos joelhos e arrefecer com suas lágrimas de amor...

Porque maldizê-las essas miseras, a quem a timidez de vosso coração de mancebo, ou o orgulho de vossa alma de poeta vedara o arregaçar com mãos frementes ao sangrento véu do drama que aí corre no coração — ou o desvelar aos mimosos dedos da donzela dêsse bandolim argentino do sentir virgem?

Oh! o amor da mulher — não riaes dele! Mancebos gastos no dansejar dos salões, não zombeis de todas pelo visto dessas estatuas de cera dos bailes, levianas creaturas que só vivem á vida morna do galanteio, cujo amor se encerra nas sedas Italianas, nos schalls da India, no furtacôr das pedrarias...

Oh! o amor da mulher, esse sentir que se lhe enfeitiça nos folhos do coração, como pomba branca entre as ramadas sussurrantes de um jardim em flor, que se lhe corra no seio como a andorinha do mar, esquecida no pincaro solitario e algôzo do Oceano — que lhe sorri como trinos perdidos no vôo entre nuvens, das aves doiradas do céu...

Oh! não riaes das mulheres... Após do osculo languido, morta num beijo e revivida noutro, acordada na vida longa de

um olhar colhido a furto — não sentiste o cintilar do punhal Siciliano? não viste o polvilho do veneno a precipitar-se no cristal limpido do vinho de Chipre — e o rir da vingativa — a planta nivea sôbre a garganta afogada do moribundo?

II

— Ninguem nos ouve aqui? Quero contar-te uma história.

— Mas seja curta, Belvidera.

— Belvidera! para os outros sim — eu sou a cortezã Belvidera — mas para ti...

— Pois bem, Juana... Sê breve — esperam-me...

— Eu sei... — E um sorrir de fél franziu-lhe os labios. Ela deixou-se cair numa cadeira e falou:

— Lembras-te da Sicilia? E' um céu bem azul, um mar bem puro, não Cavaleiro? E', é bem lindo esse promontorio de S. Vito com suas cabanas e sua capelinha alvejando entre as cêrcas em flor, — e essa baía de Castellamare a perder-se-lhe á direita com suas escumas de prata no longo semi-círculo das arêas da praia! Na encosta de S. Vito, enlaçada de parreiras, ao cabo de uma rua de murtais era a cabana alvazinha de Giovanni o pescador. Era essa casinha um paraiso, e o bom do velho ao voltar ás Ave Marias, do mar, sentado á sombra das oliveiras, descansava a cabeça branca nas mãos, e ao ver sua familia leda em frente da casa, as crianças rosadas, e Juana a mais velha, fresca flor de 14 anos aberta aos calores da vida da Sicilia — perdidas todas as três no sorrir de uma das vidas felizes que se vão breves como alvura de nuvens no céu — o cansado pescador tambem sorria e uma lágrima de prazer bailava nos olhos pardos do velho e lhe escorregava pelas faces crestadas de Sol do mar... A filha do velho era linda — os moços da montanha chamavam-na a *Madona* — e os mancebos pescadores apressavam os remos ao azular das noites de lua em que no adro da Capellinha de S. Vito, as meninas da aldeia dansavam — só para ver a filha de Giovanni na tarantella. E

quando voltavam — quando o escurecer da lua ou o soar da meia-noite avisavam do fim do baile, os mancebos dos arredores, os camponezes da montanha, e os pescadores da baía voltavam lentos...

"E todos queriam muito a essa pobre Juana. Nem as meninas lhe tinham inveja — Juana era tão boa..."

A moça parou aí — descansou a fronte nas mãos e suspirou. Tancredo fez um gesto para levantar-se. Ela continuou:

"Uma noite... a tempestade se erguera no mar, o vento lascava os arvoredos, e estalava na floresta aos écos medonhos do Oceano revolto — Era uma noite terrivel — O raio ás vezes serpeava livido e rapido e o mar, a essa luz, se estendia ao longe em terras verdes e abismos de escuma.

"E depois as trevas caíam sôbre tudo como um pano mortuario.

"Entre o rumor dos aguaceiros, entrecortado pelo rouquejar da tormenta, ouviam-se tiros de peça.

"Um navio sossobrava na costa.

"A noite ia sempre medonha: o raio estalava nas pedras, e o vento desraizava as árvores da encosta, e açoitava as montanhas com seu látego de chuva.

"O pai de Juana não voltara ainda.

"A pobre orava. Pelas faces frias da moça caíam ondas de pranto; aos pés da imagem da *Madona* no seu nicho de flores, a irmã de Juana adormecera; Giorgione, o filhinho do velho, olhava espantado para Juana, e a cada raio escondia a cabeça nos vestidos dela.

"Foi uma noite feia, toda essa, foi uma longa insonia velada aos pés da Virgem.

"O vento apagara os cirios, e o rosto da imagem da *Madona* esclarecia-se de tempos a tempos com o passar do relampago... Juana erguera-se. Giorgione dormia aos pés de sua irmã. Embalde a chuva e a ventania e o bafo da tempestade: fôra-se ela sentar na praia, á espera de seu pai.

"Uma hora passou. Cansada dessa dôr tamanha, opressa do muito doer e do muito chorar, a virgem adormeceu.

"Quando ela acordou, viu junto de si a fronte calva de seu pai, que trazia nos braços um homem desmaiado..."

Tancredo passou a mão pela fronte, como para sacudir um idéa contínua e importuna.

A Belvidera continuou:

"Giovanni carregou o mancebo até a casa. O velho vinha cansado, e Juana o ajudava. Quando ia passar o umbral da porta um fuzil derramou suas luzes sôbre o vulto desmaiado...

"Era um rosto palido, uma fronte olimpica, os cabelos longos e negros, ensopados da água do mar e gotejantes como suas roupas...

"Não eram traços infantis, mas havia no selvagem das feições dele uma harmonia bela, um profundo senho nesses desenhos irregulares — na bôca larga e de labios desmaiados, no prolongado do nariz aquilino, nos longos cilios e nas espessas suissas negras, no bigode crespo, — e nas leves e mal distintas rugas horizontais do alto da fronte — que traduziam um caracter varonil, e uma alma ardente, e um coração daqueles onde o sangue borbotôa...

"Juana passou a noite toda junto do estrangeiro passando as suas mãos ardentes na friez do peito dele — procurando aquentar-lhe os labios com o calor dos seus, e as mãos do moço nas suas...

"Quando o moço tornou a si — quando ele viu Juana junto dele com as tranças soltas, as faces sem côr, os olhos humidos, com as roupas em desalinho — ele sorriu — levantou-se a meio — e com as mãos juntas murmurou: "Anjo! obrigado!" Juana corou — e ele tornou a cair desfalecido a cabeça no travesseiro.

"Quando o pai de Juana veiu ver o seu hospede pela manhã — o sono o calmava tranquilo — e uma leve côr revivia nas faces dele. Juana não estava aí...

"Pobre creança! fugira vermelha de vergonha ao sentir os passos de Giovanni...

. . . . . .

"Tu o sabes, Conde. O mancebo ficou como filho da casa. Era um pobre tocador de guitarra, assim dizia ele. Embarcado em Cadix para Palermo a correr a vida, o navio lhe sossobrara em S. Vito. Quando o pescador Giovanni, na escuridão da tormenta se preparava para ir socorrer com perigo de vida os naufragos, ao soltar sua barca topou na areia um corpo que se debatia com as ondas, com o nutar do afogado. Salvou-o, e levou-o comsigo para a sua cabana.

"O mancebo se chamava Guido."

A Belvidera fitou um longo olhar no Conde Tancredo. Ele fez um gesto de impaciencia.

Ela continuou:

"Pescarias no alto mar com Giovanni, caçadas nos montes com os camponezes visinhos — essa era a vida de Guido.

"A' noite o menestrél tomava uma guitarra, e tocava as dansas espanholas ou cantava com sua voz sonora as modas languidas e os soláos brilhantes de sua terra. E quando a voz de Guido emudecia, e ele atirando a guitarra, saía — todos se levantavam com o peito cheio dessa melancolia doce que sussura como uma saudade que se esváe ou um amor que desabrocha, que vivem e orvalham-se nos *dubiosi desiri* do Dante...

"Guido não falava em partir — e ninguem o lembrava tambem. Embora quando lhe perguntavam pelo ido e de seus anos, pela historia de sua vida, a fronte dele se ensombrasse taciturna, embora em seus dias negros ele fugindo aos folguedos fosse embrenhar-se na mata ou sentar-se nalgum rochedo da praia, embora seu olhar faiscasse ás vezes soberbo, e se parecesse querer afundar no lago d'alma o limo mais fundo da idéa — comtudo os homens de S. Vito lhe perdoavam tudo isso: uns lastimavam que um tão belo moço tivesse suas nuvens de loucura, outros adivinhavam nesse passado de homem o ferrão

de alguma dôr... E quando a voz de Guido se enlanguecia nas trovas de seu país, as donzelas lhe perdoavam seu orgulho...

"Dois meses se passaram assim — e Guido não falava em partir...

"Uma tarde um marinheiro chegou á cabana. Pelos sinais que deu, entenderam que procurava Guido. Sairam juntos, conversaram muito e a sós. E Juana, que ficára na porta a vê-los, notou que o marinheiro tinha o chapéu na mão e curvava-se quando Guido falava.

"Havia pois aí uma relação de superior a inferior. Um presentimento correu-lhe pela mente...

"Quando Guido voltou, ao sorriso de seus labios, nem siquer ela animou-se a perguntar quem era esse marinheiro, a que viera, e porquê esse singular respeito no homem do mar.

"Um sorriso dele era a vida da pobre moça — ela vivia — sentia, e não pensava. Que póde imaginar a flor quando o orvalho se lhe destila pelo colo e o vento lhe estremece as folhas?

"— Amanhã partirei, Juana... — murmurou ele.

"— Partir! Partir! — tão cedo...

"— Tão cedo! Não vês Juana, que minha demora alonga-se muito? Tão cedo! Dois meses! E o que dirão aí? que dirão de ti?

"— Partir! Partir — balbuciava a pobre moça e cada vez mais empalidecia.

"— Que tens? que tens? Juana — minha Juana?...

"Ele amparou-a com os braços. Ela caiu inanime sobre ele e murmurava ainda: Par... tir...

"Um beijo do estrangeiro pousou quente nos labios dela — era o primeiro — e eles estavam frios. Ela abriu ainda os olhos e desmaiou.

"Quando Juana tornou a si estava no seu leito de cortina côr de rosa, onde davam em cheio os clarões da tarde, e nos braços de seu pai.

"Aos pés da cama estava um vulto de pé, quasi no escuro. Foi comtudo quem ela viu primeiro: era Guido.

"Coitada! Ela o amava!

"— Minha filha! minha filha! dizia o velho Giovanni chorando, com a cabeça da moça nos seus joelhos.

"Ela então foi que ao erguer a cabeça viu seu pai: o velho chorava — e ela sem saber porque desatou a chorar.

. . . . . .

"Era alta noite. Ia uma dessas noites calmosas em que o sono foge do leito abafado e o peito falta de ar. Ela não podia dormir.

"Abriu sua janela e repoisou a face no peitoril borrifado de sereno ao rorejar da noite — e com humido olhar na limpidez dos olhos seguia como adormecida, sem vê-la, a lua correr pelo céu deserto.

"Sonhava! Talvez alguma idéa virgem — um aroma candido em que a alma se lhe embebia, como uma esponja das águas do mar — talvez algum cismar orvalhado lhe bafejasse as palpebras febris, que ela aí vinha arrefecer á noite...

"E era bem formosa aí (não me coram as faces ao dizê-lo) a Juana do passado. Pobre donzela, morreu-se com sua rosa branca de virgem. A Juana de hoje...

"Ela era pois muito bela assim, com a lua clara inundando-a com os raios de luz, nos claros escuros da escola flamenga, nos quadros de Rubens, caindo pelas frontes lisas dos anjos e nas rosas embranquecidas das virgens misticas. Ela era bela — muito — porque quando Guido entrou, ao vê-la tão serena, temeu blasfemia cortar-lhe o fio argenteo a esse colar furtacôr — tão enleado de flores! — do imaginar, desfazer-lhe com uma palavra o encanto, acordando-a do seu sonho...

"Ficou aí imovel. Encostado com o braço nas costas do leito — com a outra mão no seio como a conter-lhe o tropél — a alma esmaecida afogada num sonho, os olhos embebidos nessa candida forma de virgem á lua, sentia o menestrel revi-

verem-lhe crenças esvaidas — como flores que a sésta desbotou, e ao orvalho renascem de vida nova!...

"Quando Juana voltou-se e viu Guido — abriu os labios para soltar um grito mas um beijo dele abafou-lhe — os olhos da virgem se velaram de lagrimas e ela deixou cair sua cabeça mórbida balbuciando:

"— Tende pena de mim!

"E as duas sombras no fundo claro do luar se confundiram numa só...

. . . . . .

"Quando rompia o dia seguinte — sumiam-se no horizonte as linhas azues do cabo de S. Vito — e do convéz de um brigue uma mulher pálida no ultimo olhar vertia mais uma lágrima de saudade... Ao pé dela estava um mancebo. Não chorava, ele sorria.

"E nesse mesmo dia quando o Sol se deitava no vermelhão da tarde — um velho expirava no liminar de sua porta e suas ultimas palavras entre o ranger dos dentes, a escuma sangrenta da bôca, e o convulso estertor da agonia, no último soluço — foram uma maldição...

"Era Giovanni que todo o dia correra as montanhas e a praia — e ao certificar-se da sua deshonra, de cansaço e da ruptura de uma veia no peito aí morria ao desamparo...

"E quando o velho morreu nem a filha ingrata foi relar seus joelhos na terra que o cobria — nada! só as creanças que sorriam na sua orfandade...

"A moça que chorava era Juana. O mancebo era... — não era Guido, não — esse nome era uma mentira. Todos a bordo o chamavam o Conde Tancredo."

III

A mulher calou-se.

— Queres agora que te conte o resto, Guido?

— Acabaste emfim, Belvidera?

— Emfim, repetiu ela com os dentes rangendo e os olhos raivosos.

— Adeus, boa noite — obrigado por tua história, Madona. Mas esperam-me, já demais me demorei...

— Oh! pois bem!... Então adeus. Mas lembra-te da Sicilia.

Nesse momento meteu ela a mão no seio. Da axila arrancou um punhal, mas Tancredo vira tudo. Apertou com seu punho de bronze o braço da moça. Ela com a dôr deixou cair o ferro que pregou-se no chão.

— E's uma louca, Belvidera. Não sabes fazer as cousas...

— E despedes-me assim, Guido?

O Conde respondeu-lhe friamente:

— Pois que o desejas — conversemos. Ante-ontem vi-te numa soberba gôndola. Os gondoleiros trajavam veludo azul agaloado de prata, os remos eram doirados. Disseram-me que era a do Marquês Orsini...

— Guido!

— Ontem á tarde passavas num soberbo murzelo arabe. Era sem duvida um nedji. Que garbo, que fogo! Um sangue puro, per Dio! Era o cavalo mais precioso de Hartwel o Baronete — esse mancebo que derrama sua fortuna milionaria pelhas malhas dos festins, e pelas mesas de jôgo, pelos leitos das cortezãs e nas apostas de cavalos...

— Ainda! ainda!

— Com quem ceiaste hoje, Madona? O vinho da Espanha te subiu á cabeça. Procida o pirata gosta muito dos vinhos que queimam. Vê, Juana, o Xerez e o Málaga hão de fazer-te muito mal...

— Adeus Conde — já que assim me despedes...

O Conde Tancredo puxou o cordão de froco de uma campainha. Appareceu o Arabe.

— Ali, acompanha esta senhora. Boa noite!

— Boa noite, senhor Conde! E ao voltar-se, ela lançou-lhe aos pés a bainha de prata do seu punhal.

Era uma ameaça?

O Conde sorriu-se e passou.

Nessa ocasião ouviu ele um grito vindo do salão. Lembrou-se de Elisá que deixara só e correu. Um outro grito abafado sucedeu e o cair de um corpo.

Quando ele entrou a sala estava ás escuras e em silêncio.

Nesse instante a Belvidera acompanhada por Ali acabava de descer a escada.

Capitulo X

JEDEDIA' O JUDEU

Le vent que vient à travers la montagne
Me rendra fou!

V. Hugo

Coração o que adivinhas?
Que dizeis, lagrimas minhas?

O'Neill Junior

I

Onde vais, onde vais? Não vês que teu manto escorre como o botilhão marinho repassado dagua? — e a chuva cai em torrentes... Onde váis, homem da noite?

Onde ia? era uma idéa de sangue, uma luz de vingança que aclarava os olhos do vagabundo — e debaixo desse manto pesado e frio do chuveiro, o peito se lhe sufocava, e as mãos febris apertavam o cabo de um punhal.

Onde ia? Perguntai a Otelo, no estremecer do cortinado do leito de Desdêmona semi-núa, perguntai-lhe aos olhos esgares, aos dentes que lhe rangem, ás mãos que tremem, aos joelhos que lhe vacilam, ao peito que lhe estava como o cavalo das Steppes no afrouxar da carreira — onde vais?

Onde ia?... Perguntai ao ciume com sua raiva no coração — á vingança de fronte enrugada, com as unhas sangrentas do apertar convulso da adarga: onde vais?

. . . . . .

O homem da capa negra sentou-se nas escadarias do palacio — e a luz do lampeão mostrou uma face livida, uns cabelos ouriçados, e uns olhos em fogo...

E na cabeça um barrete amarelo...

Era um Judeu...

. . . . . .

— Jedediá — bradou uma voz surda ao pé dele.

O Judeu levantou a cabeça como dum sono. Os olhos alucinados desvairaram-lhe em tôrno. Não viu nada. Só uma nuvem cruorenta que lhe rolava adiante, o luzir de um punhal que lhe estalava, o rir de uma mulher que o traia, a visão núa de uma esposa perfida em abraços de perdição... e uma gargalhada louca, um estremeção violento filtrou-lhe os musculos, e ele caiu outra vez com a cabeça no peito.

— Jedediá — repetiu a voz — não me conheces?

O Judeu abriu fixos os olhos esgazeados e olhou outra vez.

Adeante dele estava um velho. Tinha tambem a capa negra — o barrete amarelo como um ferrete de ignominia o apontava tambem Judeu.

— Vós!...

— Sim, filho! — disse o velho. E' Isacaar que vem á vingança como a hiena ao cadaver...

— Vingança! Vingança! Vai-te velho!... O sangue que aí está é meu — todo e só meu — e pouco ainda para mim. Não vês? Tenho sêde — sêde de vingança — sêde de um homem e de uma mulher. Romper-lhes as carnes com meus dentes, oprimir-lhes o arcabouço com meus joelhos, sufocar-lhes as gargantas com meus pulsos... Não vês? Tenho muita sêde e muito odio... Vai-te, pai!

— Acalma-te, Jedediá! Ela era minha filha, se o crime arrebatou-a de mim, se ermou-ma como Agar no deserto — sua

infamia salpicou-me de lodo as melenas grisalhas, com que coroou-me velha fronte calva a mão de Jeová...

— Jeová! Jeová! Não me fales em Deus! Jeová! Oh! por piedade repeti inda uma feita esse nome que eu quero rir, rir muito... porque eu não creio, Isacaar!

E o Judeu ria ás soltas, com a febre dos demonios e a convulsão dos condenados.

— Não blasfeme, Jedediá! Que importa que a mão do senhor nos lançasse pela terra ao desprêzo, como o joio? — que importa que o Anjo do Eden flamejasse o seu gladio deslumbrante ás raças desterradas de Jerusalem a Santa — e que ajoujados ao poste da maldição, ao escarneo das turbas, ele nos afixasse na fronte o estigma do anatema — a nódoa de Caim? Escuta, mancebo. Pelo languor desse cativeiro de dezessete séculos, pelas albuferas da Babilonia imensa da escravidão, a raça decaida chorou e muito — e eu, o neto das glórias de Canaan, o derradeiro rabi da ultima Sinagoga, eu ouvi o gemer inteiro de uma geração prostrada em tôrno de mim, num lavar de lagrimas sangrentas por faces lividas — chorei tambem e chorei muito nas noites do desterro no esconderijo das florestas, nas perseguições do Santo Ofício — eu vi a morte passar ante mim, como Job a rir — as larvas funebres e os fantasmas de Ezequiel, em seus sudarios, perpassarem-se pelo arrepio das carnes, e rir — e depois dessas insonias funebres, acordei com o rosto macilento, esverdeado como um cadaver, e a fronte mais núa, e a face mais queimada de lagrimas... E creio comtudo, e espero ainda, Jedediá!

— Crer! Crer! Cala-te ainda uma vez. Não vês que essas palavras me dóem? Que importa Jeová ou Dragão, o Deus de David ou Belzebú — que eu quero é sangue e vingança!...

— Sim! o sangue — é a libação dos hômulos nas hecatombes sacras; a vingança é o maná daquele que esparziu irado as massas do cativeiro de 30 anos pelo peregrinar do desterro da eternidade...

— Vai-te agora, pai! O braço de Jedediá é forte.

— O leão tambem é forte — e Sansão rasgou-lhe as fauces com os punhos...

— Vai-te...

— E's pois como o tigre e a hiena que não repartem a prêza.

— Como o tigre e a hiena... sim!

. . . . . .

Ouviu-se rumor no patio do palacio. Os Judeus se esconderam atraz das colunas.

Desceu um homem com uma mulher. Era Alí o escravo e Belvidera.

A Siciliana alongou olhares ardentes para os lados; percebeu na sombra das colunas os dois vultos e sorriu...

— Ali, lembras-te do deserto?

— Oh! sim!

— Dize-me. Nos serões da caravana, junto ás ruinas gigantes do areal, quando vias, no projetar, a sombra das colunas mover-se, o que pensavas?

— Que um homem ou fera aí estavam escondidos.

A Belvidera sorriu.

— Vê — disse ella. E apontou a sombra das colunas.

— Vejo...

— Não notas que duas das pilastras se engrossam mais para baixo como se dois vultos aí estivessem encostados?

— Sim...

— São dois homens — não?

— Dois homens — ... vou ver. E o arabe tomou o punhal na destra e arremeçou-se para ali. A mulher segurou-o pelo braço.

— Vem — disse ela.

— São assassinos?

— Que importa? — disse a Madona num sorriso.

O Arabe fixou-a com espanto... Na verdade essa mulher sorria com uma expressão muito estranha. No tom das pala-

vras dela, nas feições que assumiram palor, havia um quê das imagens de alabastro recostadas nos cemiterios...

— Vem... — disse a Madona.

E o sarraceno como cégo por um dêsses olhares magneticos de mulher que entram no seio como ferro — a seguia.

— Escuta agora...

Quando ela principiava a falar, um rumor ao longe fê-la voltar a cabeça.

Um dos vultos desaparecia pelo portico e o outro caía como arremeçado por ele. — Era a hiena que não queria repartir o cadaver...

O que Belvidera contava a Alí era a história de Juana...

Capitulo XI

CADAVERES

HOENTHER

. . . . . .

Porquê essa água molha-me os pés? Ah! respondei
respondei! que acontece, Frigga?...
A água que molha teus pés — é o sangue
de teu irmão...

OEHLENSCHLAGER

I

Quando o Conde Tancredo entrou na sala, estava escura.

— Quem está aí? — clamou.

Ninguem respondeu.

Ele voltou-se para ir buscar uma luz.

Nessa ocasião sentiu um passo leve que se encaminhava para ele.

Estendeu a mão para o lado e despendurou um espadim nú, que pendia da parede.

Uma janela estava aberta. Através dos vidros e das cortinas caidas, coava-se um raio de lua. A luz era embaçada de mais para esclarecer, mas formava uma réstea mais clara onde não poderia passar uma sombra sem ser vista.

O Conde viu um vulto negro passar o espaço claro, um punhal brilhou.

Antes que houvesse tempo de prevenir o golpe o Conde sentiu-se ferido.

Soltou um grito, mas não era de dôr — era de raiva.

O punhal resvalára-lhe nos ossos do ombro e cravára-se-lhe abaixo da clavicula.

Nessa ocasião luziu outro ferro e o vulto caiu. Era o Judeu que varara o espadim do Conde.

Tancredo foi ás janelas, e abriu-as. O luar entra em cheio, claro e branco pelo salão.

— Quem és? disse Tancredo ao ferido — que se rojava no chão num rasto de sangue.

— Quem sou? Escuta!

O Judeu ergueu-se nos joelhos, continuou:

— Vês aquela mulher?

— Elisá! morta! morta! sicario! Assassino!

— Sicario não — assassino... talvez e tu?

— Quem és maldito?

— Quem sou?... um Judeu... Vê bem se ela está morta. No seio dela correu-me em cheio o golpe... — Queres agora saber quem sou? Vê minhas mãos cheias de sangue daquela morta — vê o ferro que tens enterrado no ombro — vê esses jorros de sangue que borbulham de três corpos — vê...

O mancebo olhou-o fixamente — o Judeu parecia desfalecer.

— Moço, escuta — balbuciou.

O Conde chegou perto dele. O Hebreu fez um ultimo esfôrço — agarrou-o com a destra pelos cabelos e com a mão direita tentou tirar-lhe o punhal do peito...

Faziam uma cena terrivel — esses dous homens ambos lividos, ambos ensopados de sangue, lutando nas trevas onde flutuavam os raios baços da lua...

O Judeu murmurou ainda num arranco com os dentes cerrados:

— Maldito!

Abriu as mãos inteiriçadas, tornou a apertá-las convulsivamente e caiu no seu leito de sanie...

Era um morto.

. . . . . .

O vulto pálido do Conde ajoelhou-se perto do cadaver de Elisá, ergueu-lhe a cabeça alva e fria — pousou o ultimo beijo naqueles labios de flor que a agonia respirára, naqueles olhos azues ferretes que paravam no alento da morte — e murmurou talvez como Romeu:

... ah! dear Juliet
Why art thou yet so fair?...

II

Contemplou-a morta ainda uma vez — beijou-a fria como Otelo a sua Desdêmona pálida — e aí ficou como esquecido — como uma estatua — a fixar a forma bela da moça ao luar...

Depois, ergueu-se, tomou a sua capa que estava estendida numa poltrona, atou um punhal á cinta — e saiu.

III

Odio de morte os punge, sêde crua!
Com sanha desmedida se arremeçam,
Travam-se, investem com destreza e manha
Torvos enlaçam...

ABRANCHES — O Encontro.

A noite ia fresca — esse frescume do ar aprazia a Tancredo. A fronte lhe abrazeava — e o alento da noite que lhe

meneava os cabelos, o frio orvalho que lhe gotejava na testa, sentiu-os doces como mel e rosas.

. . . . . .

Quando ele atravessava o peristilo do seu palacio viu um homem estendido no chão. A lua dava-lhe na cabeça branca de cãs — era um velho.

— E' algum ébrio que dorme... Deixa-lo...

E passou.

O vulto ergueu-se como acordado por aquela voz e caminhou lentamente atraz do mancebo...

— Jedediá morreu... — murmurou o Israelita, e seus olhos verdes brilharam esgazeados de raiva sob as espessas sobrancelhas brancas...

— Olá, "moço" — clamou.

O Conde voltou-se.

— Que queres ebrio?

— Uma esmola... disse ele estendendo a dextra mirrada.

Infelizmente para Isacaar... o olhar do Conde parou no barrete amarelo do Judeu.

"Um mendigo a essas horas... Judeu" — pensou ele. "E' um assassino, o outro era tambem Judeu... Vai-te", disse ele alto e sob o manto desembainhava o punhal.

Quando a faca de Isacaar luziu, a do Conde brilhou tambem e enterrava-se através do braço do velho, no peito dele — o Judeu comtudo estava vivo.

Seguiu-se um combate horrivel. Uma dessas lutas onde o instinto de vida faz de cada lutador um tigre — onde os olhos se avermelham, os dois corpos se enliçam — as cavernas do peito rouquejam uivos de raiva e o suor frio cái da fronte... Era um pugilato de braço a braço, arca por arca, corpo a corpo. Eram duas sêdes de vingança e duas sêdes de vida que se estorciam num grupo convulso como duas serpentes.

Um dos dous caiu emfim — um grito quebrou-se-lhe na garganta — e ficou imovel estendido no chão.

O outro pôs-lhe a mão no peito — sentiu-o frio — frio e mudo. Deu uma risada — prendeu o seu punhal no dentes e lançou-se ao canal...

Tinha um barrete amarelo na cabeça...

Um clarão bateu de subito nas faces frias de Tancredo.

— E' ele — morto, disse uma voz...

ALVARES DE AZEVEDO

A originalidade de Alvares de Azevedo

A' correção classica, de medidas palavras, lagrimas ou sorrisos contados, atitudes e gestos compostos e sóbrios, o individualismo romantico, que lhe foi reação, havia de opôr-se no transbordamento da sensibilidade e da imaginação. Com o romantismo, viria o genero macabro, sombrio, terrificante, entre misterio e fatalidade, perversão e crime. Para lhe acentuar bem a origem anti-classica ou romantica, na Inglaterra se chamou á novela ou ao romance negro ou fantastico: narrativa "gotica".

A poesia começara: poetas tristes, puseram-se a chorar, a desesperar, a visitar os cemiterios: Young escreveu *Meditações das Noites*, que José Bonifacio, e, depois, Gonçalves de Magalhães haviam de traduzir e dariam, mais tarde, *Noites* a Musset e *Noturnos* a Gonçalves Crespo, titulo influenciado pela musica de Chopin; Blair tem o seu *Tumulo* e Gray uma elegia escrita num *Cemiterio do Campo*; Lamartine virá a chorar tanto, que lhe diria Andrieux, revoltado: *mais crève, donc, animal.* Essa lamúria daria no Brasil Casimiro de Abreu e todos os primeiros romanticos. Alvares de Azevedo lamuriento, sombrio, humourista, entre o *spleen* do tédio e a meditação desesperada, tentaria o conto fantastico, a novela negra, criminosas perversidades noturnas, da *Noite na taverna.*

Foi o *Castelo de Otranto,* de Horacio Walpole, de 1764, que inaugurou o genero, com o aposto "historia gótica"; Ana Radcliffe e M. S. Lewis foram os mestres ingleses dele, dêsse

genero negro: o *Romance da Floresta*, os *Misterios de Udolfo*, *Confissões dos Penitentes Negros*... de uma, *O Monge*, *A freira ensanguentada*, *O espectro do Castelo*, do outro, falam até pelos titulos... Estava a familia fundada e a descendencia não tardaria.

Gerardo de Nerval e Teofilo Gautier e Merimée em França, onde mais tarde Villiers de l'Isle Adam viria a escrever os *Contos Crueis*; principalmente Hoffman, na Alemanha, com os *Contos Fantasticos* e dêste lado do Atlantico, Edgar Poe, com as suas historias maravilhosas... são as cumiadas de uma serrania na qual cabeços menores e pontas eventualmente desgarradas se encontram, na perspectiva literaria.

O romantismo circunstante dos outros generos colaboraria para essa nota terrifica e perversa, de loucura e de crime. Basta lembrar, dessa colaboração, aqui e alí — os perversos e criminosos de toda a obra de Byron; os *Salteadores*, de Schiller, hontem, como depois os *Miseraveis*, de Hugo; *Jacques Rolla*, de Musset, suicida, como *Werther*, de Goethe; o *Diabo Mundo*, de Espronceda, as *Diaboliques*, de Barbey d'Aurevilly, as *Memorias do Diabo*, de Soulié, como os satanismos de Huysmans e as perversões de Zola; os *Misterios*, de toda a parte, de Londres, de Paris... dos Féval, dos Sue, como os *Monte Cristo, et reliqua*, de Dumas; o espiritismo de Balzac ou de Gautier, *Serafita* ou *Romance da Múmia* (o nosso Carlos Ferreira fará um baile, dessas Mumias) até a perversidade, loucura, crime, misterio policial, cientifico, dos Maupassant, Mirabeau, Farrère, Wells, Conan Doyle, Carco, Lorde, Mac-Orlan. (Nós mesmos colaboramos, com Neto, Medeiros, Viriato Corrêa, num *Misterio*, como Eça de Queiroz e Ramalho antes, lá para as bandas da estrada de Cintra. Antes daquela tentativa, na *Fruta do Mato*, perpassa o assombramento, o feitiço tragico de uma mulher, que perde os homens).

O conto de Alvares de Azevedo, *A noite na taverna*, é nota de um genero grave, e raro, nas letras nacionais.

A *Noite na taverna* é um conto fantastico e um conto perverso: aí duas influências explicitas, citadas, — de Byron, dominante na perversidade, de Hoffmann, na fantasia —, que não chega ao misterio, mas vai até á fatalidade, que assombra. Sem que se possa derivar, como fonte, ha similitudes, precedencias, concordancias, com o maravilhoso do genero, que fazem pensar em Gerardo de Nerval, Edgar Poe, Gautier, Merimée, Villiers de l'Isle Adam, que provavelmente uns, certamente outros, não conheceu ou podia conhecer Alvares de Azevedo. Entretanto, ou por isso mesmo, a sua originalidade. Toda a perversidade do amor aí está; todas as fatalidades possiveis da vida, tambem.

Resumamos o enrêdo do conto, para melhor apreciá-lo. Numa taverna — onde, quando? Não é dito. Os nomes são estrangeiros: germanos, saxonios, italianos: Hermann, Johann... Solfieri, Gennaro... Ha vinho. Não é no Brasil. Será no comêço do seculo: um dos convivas apertou a mão de Napoleão, em batalha... Bem comêço do seculo: o primeiro capítulo intitula-se "uma noite no seculo". No comêço e no fim, é que as centurias são tratadas com essa liberdade, sem os designativos, "este", "neste", etc. Numa taverna, uma noite. Convivas habituados e conhecidos uns dos outros, que discutem, discutem como nesse tempo, metafisica, imortalidade da alma, existencia de Deus: isso, bebendo. Passam, por aí — o alcool é indiscreto — ás confidencias. Talvez á emulação.

Um, Solfieri, em Roma, acompanha uma mulher ao cemiterio, depois, encontra-a morta, numa igreja, profana-a. Mas é uma cataleptica, que acorda; foge com ela, que morre, realmente, depois. Faz executar uma imagem de cera, que jaz no seu leito...

Bertran reune muitos miseraveis. Ama uma espanhola, que deixa pelo pai, na Dinamarca (terra de Hamlet, citado mais de uma vez), a morrer, enquanto o filho, indiferente, pensa

na amante, em Espanha. Volvendo, encontra-a casada, com um filho, que ela mata, como ao marido, para ser de novo do amante, abandonado entretanto, pouco depois... *Fragility, your name is woman.* Louco de amor, bebado, ladrão, espadachim, cai Hermann ás portas de um palacio, recolhido pelo nobre, cuja filha profana, rapta, vende a outro bandido e, por isto, ela se suicida... Trôco, a outrem. Assim é o mundo. Na Italia, tenta êle morrer afogado e ao que o socorre mata, sendo salvo, a bordo de uma corveta. Ama e profana aí á mulher do comandante e, num naufragio, com ela, mata um homem, para comer, canibais pela necessidade, satisfeita a lei cruel, sufocada, assassina a mulher amada... Lembra-se de *Don Juan*: Byron muito concorreu para este Bertram, até na antropofagia.

Gennaro conta o romance de um pintor, mulher jovem, filha adolescente, de que se fizera aprendiz. Ama a uma, profana a outra, e esta, depois de matar o filho, indesejado, mata-se de amor. O velho compreende, leva o adultero e sedutor a um precipicio, tenta matá-lo e o arremessa ao abismo. Salvo, milagrosa ou misteriosamente, procura vingar-se e na casa maldita encontra dois cadáveres, marido e mulher, envenenados...

Hermann é a riqueza, o luxo, o jogo, as orgias, até o encontro de uma divina mulher, uma duqueza, feliz com o seu duque. (Referencias a *D. Juan, Lovelace, Clarice Harlowe,* o *Corsario, Gulnare*). Uma chave comprada, um filtro ou narcotico, a posse da mulher amada, até o rapto. Despertar cruel, num albergue, declaração, convicção; ela cede, por fim. Um dia encontra, entrando em casa, um louco e um cadaver... o marido, o duque Mario e a duqueza Eleonora...

Johann, finalmente, é o conto, de que isto que precede é o *hors d'oeuvre,* a ambiencia indispensavel. Jogo, desafio para o duelo, carta do parceiro á mãe, despedindo-se, e tiros na treva, á queima roupa. Toma a carta do moribundo para levá-la, e com ela encontra um bilhete da noiva dele, para um *rendez-vous,* nessa noite. Vai e, na treva, ousado, o que não ousara

o outro, conspurca uma pureza. Ao partir encontra alguem, um homem, que compreende, e quer vingar a profanação. Batem-se, mata-o, leva-o a uma luz... seu irmão! Ela, pois, sua irmã... No epílogo, *Ultimo beijo de amor,* uma mulher, essa Georgia, noiva e irmã profanada, que se vinga, mata o irmão, esse Johann e desperta o noivo, que não morrera, e aí está, para o desenlace... Faz-se reconhecer e êle a quer amar ainda, êle que a havia perdido. "Na terra o nosso leito seria impuro; o mundo manchou nossos corpos. O amor do libertino e da prostituta. Satan riria de nós. E' no céu, quando o tumulo nos lavar em seu banho, que se levantará nossa manhã de amor..." E Georgia, que assim diz, ouve a redenção, do noivo: "Nossas lagrimas nos lavarão como a chuva lava as folhas, do lodo!" Mostra-lhe o irmão, punido com a morte, e mata-se tambem. O rapaz colhe-lhe na boca o ultimo bijo e mata-se, sôbre ela caído.

Como num drama de Shakespeare, morrem todos. Shakespeare que dá epigrafes ao conto, influi, como Byron: Romeu e Julieta na taverna e profanados, com Otélo, *et committente caterva.* "Dois gemidos sufocaram-se no estrondo do baque de um corpo... A lampada apagou-se". *Acta est fabula.*

Tal é a *"Noite na taverna",* uma obra-prima de puro romantismo, que póde estar, e estaria bem, entre obras peregrinas desse genero terrifico, perverso e cruel. Delirio sombrio e ensanguentado de uma criança casta e bôa, um doce poeta lirico, que teria, por originalidade, tambem sua nota rara, na literatura nacional.

O lirismo de Alvares de Azevedo é laivado de humourismo. Todas as variedades do humourismo. Desde o facêto, ao *shoking,* o que faz sorrir e o que repugna. Releiam-se as quadras do *Namôro a Cavalo*:

Eu moro em Catumbí: mas a desgraça
Que rege a minha vida malfadada,
Pôs lá no fim da rua do Catete
A minha Dulcinéa namorada.

Alugo (tres mil réis) por uma tarde
Um cavalo de trote (que esparrela!)
Só para erguer meus olhos suspirando
A minha namorada na janella...

Como os bons humouristas, perfeitamente exato. Não havia então dancings e estádios. A' clausura opunham os namorados elegantes o unico meio de ver as suas prediletas o passeio a cavalo: duraria meio seculo essa arte de ver as namoradas, antes das "baratinhas", ou do cinema:

Ontem tinha chovido... Que desgraça!
Eu ia a trote inglês ardendo em chama,
Mas lá vai senão quando... uma carroça
Minhas roupas tafuis encheu de lama...

Mas vai assim mesmo, tanto é o amor.

Mas eis que no passar pelo sobrado,
Onde habita nas lojas minha bela,
Por ver-me tão lodoso ela, irritada,
Bateu-me sôbre as ventas a janela...

O cavalo ignorante do namoro,
Entre dentes tomou a bofetada,
Arripia-se, pula e dá-me um tombo
Com as pernas para o ar, sôbre a calçada...

Circumstancia agravante. A calça inglesa
Rasgou-se no cair de meio a meio,
O sangue pelas ventas me corria
Em paga do amoroso devaneio!...

"E' ela! é ela" diz o poeta, vendo a sua apaixonada... Por ela ousa o impossivel.

Esta noite eu ousei mais atrevido
Nas telhas que estalavam nos meus passos
Ir espiar seu venturoso sono,
Vê-la mais bela de Morfeu nos braços!

Afastei a janela, entrei medroso:
Palpitava-lhe o seio adormecido...
Fui beijá-la... roubei do seio dela
Um bilhete que estava alí metido...

Uma carta de amor? Versos dela?

Tremi de febre! Venturosa folha!
Quem pousasse contigo neste seio...

Abri cioso a pagina secreta...
Oh! meu Deus! era um rol de roupa suja!

A Julieta, a Beatriz, a Carlota do Poeta, era lavadeira.

A nota humouristica é constante, em metade da produção de Alvares de Azevedo.

A lagartixa ao sol ardente vive
E fazendo o verão o corpo espicha.
O clarão de teus olhos me dá vida,
Tu és o sol e eu sou a lagartixa.

Esse poema do *Spleen e charutos*, desde o título, é todo de puro humour, até ás notas graves macabras:

Coração porque tremes? Vejo a morte,
Alí vem lazarenta e desdentada...
Que noiva!... E devo então dormir com ela?
Se ela ao menos dormisse mascarada!

No lirismo nacional, lamartiniano ou mussetiano, piégas e chorão, essa nota "inglesa" ia dizer, se não fôra Henrique Heine e o mesmo Alfredo de Musset, que as têm comparaveis, é coisa nova no Brasil, em que, ao tempo, a poesia era séria e grave, com os Casemiros de Abreu e Gonçalves Dias e, depois, com os Fagundes Varella e Castro Alves...

Celebrando o primeiro centenario de Alvares de Azevedo quisera acentuar-lhe apenas a originalidade, em nossa literatura. Poeta lirico, de notas graves e profundas, á Lamartine ou Vigny, possuia tambem notas irreverentes e humouristicas, novas ao nosso lirismo e ainda não banalizados pela imitação de seus admiradores. A cultura que revela nos seus versos, e nos seus ensaios, mostra que essa criança de genio tinha, aos vinte anos, um cabedal de leitura e pensamento, singular no seu tempo e, noutros poetas e homens de letras ainda hoje relativamente rara. A prosa artistica no Brasil, disse-me um mestre que o admira, Constancio Alves — nasceu com essa de Alvares de Azevedo. *A noite na taverna,* finalmente, é preciosa página original, conto fantastico, unico em nossas letras, situado entre o horror de Poe e de Hoffmann, e a perversão de Byron e de Baudelaire.

A originalidade de Alvares de Azevedo é ainda essa: haurindo todas as influencias de seu tempo, precedendo a outros, que se lhe seguiram... não foi imitado, e continua original. Sai-se da sua obra com o sentimento admirado e compungido: o que seria essa esplendida aurora, se subisse e transmontasse?!... O que foi e o que é, unanime depoimento, é isto: Alvares de Azevedo é o primeiro, e o maior, dos nossos meninos-prodigios. Menino de genio que excedeu, em tudo, a inumeros e incontaveis homens feitos e caducos. Um milagre, Alvares de Azevedo.

AFRANIO PEIXOTO

Alvares de Azevedo, o unico romantico brasileiro

Nenhuma das grandes figuras que se enquadram na história cultural do Brasil exige, como Alvares de Azevedo, o conhecimento profundo da sua personalidade e dos fatores que atuaram na sua formação espiritual, afim de tornar-se possivel o entendimento do dinamismo psiquico expresso na sua atividade literaria. Aos pesquisadores da historia das nossas letras, o autor de "A Noite na Taverna" apresentou-se como tema fascinante por um conjunto de circunstancias, que o singularizavam em posição peculiarmente sedutora ao trabalho da biografia crítica. A natureza vulcanica do seu talento, traços fulgurantes de franca genialidade, episodios estranhos de uma vida tempestuosa que na vertiginosa precipitação orgiastica o leva á morte antes de completar vinte e um anos, são outros tantos sinais de que em Alvares de Azevedo o homem é incomparavelmente maior e mais interessante que a obra por ele deixada. O que nos ficou da sua passagem é um residuo quasi mesquinho a marcar a trajetoria que se perde no abismo, dandonos apenas o direito de conjeturar sôbre as possibilidades não realizadas do poeta paulista.

O interesse empolgante da personalidade de Alvares de Azevedo explica a curiosidade que levou á investigação da sua vida e ás lendas com que as tradições da Paulicea imortalizaram em um quadro macabro fatos reais e episodios imaginarios do seu dionisiaco estagio universitario. Mas o estudo do poeta não

podia ser obra de biografos mais interessados pela objetividade da vida exterior do seu heroi, que pela análise das profundezas do seu psiquismo. Alvares de Azevedo pertence á categoria de homens cuja vida e cuja atividade intelectual só puderam tornar-se compreensiveis depois da moderna psicologia ter-nos dado, como Mefistofeles ao Fausto, as chaves magicas que nos permitem acesso á maternidade secreta do inconciente. A incandescencia erotica que as orgias da velha cidade provinciana não conseguiram saciar e que irrompe em afrontoso triunfo falico através da sua obra tumultuaria, parece-me ter sido apenas um enxame de fogos fatuos denunciando na sua fosforescencia evanescente a agitação demoniaca de uma grande alma submersa e recalcada. As cenas impudicas das noitadas de devassidão, que sobresaltavam a gente prudente e honesta da Paulicea de 1850, como as passagens mais audaciosas da creação literaria de Alvares de Azevedo, refletem apenas paisagens de um inferno interior muito mais chocantes á conciencia etica do Brasil do segundo reinado, que as cenas macabras e provavelmente inveridicas de tragicas orgias noturnas de cemiterio.

A psicanálise de Alvares de Azevedo não póde ser tentada através apenas da sua obra e do que da sua vida foi conservado pela tradição academica, na qual se misturam episodios autenticos e aventuras lendarias. Para a formação de um juizo seguro sobre a personalidade do poeta e para a reconstrucção mais ou menos exata dos seus verdadeiros traços psicologicos seria preciso uma restauração minuciosa do ambiente domestico em que se formou Alvares de Azevedo, afim de poder-se á luz desses dados apreciar devidamente o papel das influencias hereditarias no seu dinamismo psiquico. Creio que semelhante trabalho não póde ser realizado. Circunstancias personalissimas colocaram-me em posição excepcionalmente favoravel de contato direto e constante com os ultimos sobreviventes da ambiencia, em que viveu Alvares de Azevedo até completar o seu curso do bacharelado no Pedro II. Entretanto, pelo prisma infantil a que a idade me restringia então a observar as cousas, não

pude por certo fixar e reter senão a impressão indelevel do culto que a mãe do poeta votava á memoria do filho, cuja sobrevivencia subjetiva ela assegurou por mais de quarenta anos em uma exaltação afetiva atingindo as raias da anormalidade, que contrastava pelo seu carater singular com a pujança da inteligencia e o equilibrio admiravel de um espirito stoico que uma longa vida e sofrimentos crueis não conseguiram abater.

Mais interessante sob o ponto de vista psicologico foi, sem dúvida, o que pude vir a saber nos anos seguintes através das reminiscencias da unica das irmãs sobreviventes de Alvares de Azevedo que, por ter dele menor diferença de idade, conservava recordações razoavelmente precisas. Essa boa senhora sujeita ao interrogatorio de um psicologo mais esclarecido e melhor orientado que o adolescente cuja curiosidade procurava satisfazer, poderia ter sido testemunha de inestimavel valor para uma reconstituição psicanalitica da alma de Alvares de Azevedo. Nela se personificava, realmente, uma expressão tipica da ambiencia domestica, que provavelmente representou papel tão decisivo na formação espiritual daquele menino estranho e anomalo. Apresentando traços inequivocos das mesmas influencias hereditarias que haviam culminado em precipitação critica no psiquismo de Alvares de Azevedo, a sua velha irmã constituia entretanto um especimen inequivoco da vitória decisiva dos elementos concientes, que debalde haviam recalcado o tempestuoso sub-conciente do poeta paulista. Nas reminiscencias do irmão transparecia o traço indestrutivel da impressão perturbadora que êle deveria ter produzido tanto pela sua extraordinaria precocidade intelectual e pela não menos notavel capacidade de aplicação ao estudo, como por certos traços singulares que provavelmente o cercavam entre os seus companheiros de infancia de um ambiente certamente mais de admiração que de carinho.

Um dos traços mais interessantes da psicologia e da vida de Alvares de Azevedo, tal qual estas podem ser apreciadas através das recordações dele conservadas na sua familia, é o modo pelo qual ele impressionou afetivamente os que dele mais

proximos se achavam. Alvares de Azevedo deve ter sido um individuo fortemente afetuoso e é provavel que as primeiras influências perturbadoras da sua formação espiritual tenham sido exatamente pequenos e repetidos traumatismos morais, exercidos, sem duvida involuntariamente, pelos que o cercavam e entre os quais com exceção de sua mãe e talvez da irmã mais velha a quem o ligava afeição particularmente intensa, ele não encontrou resposta á altura do ritmo da sua ardente emotividade. As diferenças de temperamento que lhe devem ter tornado a convivencia com os irmãos causa permanente de atritos, que repercutiam desfavoravelmente no seu psiquismo infantil, não foram os unicos elementos a serem levados na análise da formação de Alvares de Azevedo. Muito mais consideravel que a influência dessas circunstancias da sua infancia, foi o papel representado pelo processo educativo, a que o submeteu a contingencia da posição social da sua familia e das aspirações que esta naturalmente entretinha em relação á creança, cujas aptidões superiores se revelavam tão precocemente.

Em Alvares de Azevedo temos um dos exemplos mais impressionantes da tragedia de deformação intelectual e moral a que foram sujeitos os nossos antepassados sob o pêso da viciosa pedagogia, cujos efeitos politicos, sociais e economicos se fixaram na nossa história. O poeta paulista não teve a sorte feliz de nascer entre gente sem pretensões e de poder formar o seu espirito em um ambiente mais conforme com as realidades da vida, escapando assim ás deformações e ás compressões de um convencionalismo mortificante e de uma absurda e tumultuaria educação intelectual. Tudo que o cercava devia ser uma coligação hostil de circunstancias e de vontades, visando recalcar todas as expansões de uma personalidade, em que a força nativa dos instintos irrompia pujante como expressão irresistivel da sintese de uma multiplicidade de fatores hereditarios, que da ascendencia tanto materna como paterna nele confluiam. E o menino que ao avizinhar-se da adolescencia já devia ter o subconciente sobrecarregado de tantas emoções recalcadas e em

tôrno das quais se iriam formando os mais insidiosos e perturbadores complexos, teria de sujeitar-se nos anos imediatos aos efeitos de um curso secundario, concebido nas linhas do pedagogismo irracional que deformou a inteligencia da classe dirigente do Brasil, e que, no caso particular de Alvares de Azevedo, eram agravados pela pressão do ambiente domestico, onde um culto singular pelas precocidades prodigiosas o forçava a trabalho cerebral certamente superior ao que lhe seria possivel realizar naquela idade, sem grave prejuizo para o desenvolvimento normal das suas faculdades mentais.

Alvares de Azevedo aparece-me assim como um caso tipico e altamente instrutivo dos efeitos devastadores da anarquia educativa, que continuou no Brasil os metodos de formação intelectual do universitarismo coimbresco e de disciplina moral calcada nos processos ineficientes e irracionais de comprimir em vez de educar os instintos. Essa educação grosseira e primariamente empirica, que produziu entre nós a imbecilização artificial de individuos dotados de aptidões aproveitaveis, reagia como causa profunda de desequilibrios irreparaveis quando as suas vítimas eram do estôfo de um Alvares de Azevedo. Este, pelo menos sub-concientemente, não permaneceu alheio ao mal que lhe haviam feito. Desde a adolescencia, observa-se nêle um esforço ansioso para libertar-se da personalidade deformada que lhe haviam imposto. Toda a sua vida torna-se uma tentativa desesperada para ser qualquer cousa diferente daquilo que a sua conciencia o tornava e o seu ambiente lhe traçava como finalidade social. A sedução da orgia e da embriaguez, a fascinação que os disfarces carnavalescos sobre êle exerciam, o gosto por todas as mistificações em contraste com a profunda lealdade do seu carater eram outras tantas manifestações da ansia de libertação do seu proprio eu, que se exprime ainda por forma muito mais impressionante nos traços distintivos da sua obra literaria.

Tocamos aqui em uma das questões mais interessantes que se nos deparam na historia do desenvolvimento intelectual do

Brasil. O aparecimento de uma escola romantica, ou antes pseudo-romantica, entre nós, constituiu fenomeno cujo carater artificial lhe imprime feição completamente diferente da que carateriza fáto analogo nas literaturas da Europa. Entre o romantismo autentico do Velho Mundo e a imitação brasileira existe a diferença profunda que distingue o produto genuino das contrafações. Na Europa, o romantismo surge como expressão literaria de uma reação geral contra o espirito do racionalismo empirista do seculo XVIII e contra as tendencias sociais e politicas da revolução francesa. O culto dos valores medievais é a forma pela qual a intelectualidade e a estesia reagem em um esforço de obliteração da ideologia revolucionaria. Chateaubriand e os poetas do renascimento nacional alemão polarizam ao lado de Byron o esforço de retrocesso social da filosofia politica de Joseph de Maistre. Dada a nossa posição de colonia intelectual da Europa, recebendo sempre mais ou menos tardiamente o influxo das correntes transatlanticas, não podiamos escapar nas decadas subsequentes á pressão do formidavel movimento romantico propelido pelo genio europeu. Mas faltava-nos o que a Europa possuia para crear um autentico romantismo. Não tinhamos uma tradição medieval.

Entre os países europeus, Portugal singularizara-se pela impermeabilidade ás grandes forças plasmadoras do espirito da Idade Media. Concorreram para essa situação peculiar dois fatores principais. Em primeiro logar, o extremo ocidental da peninsula iberica havia ficado fora da area de penetração das invasões nordicas; além disso, a organização precoce da monarquia lusitana em meiados do seculo XII sustara o desenvolvimento do feudalismo com a creação de um poder politico unificador, ante o qual tanto os nobres como a Igreja se viam reduzidos a uma situação subordinada, como só começou a acontecer nos outros países europeus a partir da segunda metade do seculo XIV. Ainda contribuiu decisivamente para apressar e consolidar a precoce unificação monarquica de Portugal a luta contra os arabes, que teve ali aspecto muito mais acentuada-

mente nacional que na Espanha, onde o combate ao sarraceno reflete até a epoca de Fernando e Isabel o carater de episodio iberico da luta geral da Cristandade contra o Islamismo.

A ausencia de tradições medievais na metropole, que do espirito da Idade Media apenas conhecera o que resultou da influência pessoal e efemera do rei D. Diniz, destituia obviamente o Brasil de elementos historicos para a creação de uma genuina literatura romantica. Assim o que se acha catalogado na nossa história literaria com a denominação de romantismo não passa de uma creação artificial, de um esforço imitativo do que se passara na Europa. O indianismo de José de Alencar e de Gonçalves Dias encerra a prova mais irrespondivel dêsse artificialismo que, para crear um romantismo nacional, precisou falsear a historia da formação brasileira, atribuindo ao selvicola uma significação que êle não teve, nem poderia ter nas origens de uma civilização elaborada inteiramente á sua revelia.

Entre os poetas e escritores do nosso ciclo romantico, Alvares de Azevedo é o unico que escapa ao artificialismo, sendo o unico romantico espontaneo e sincero. No autor de "A Noite na Taverna", o romantismo não é uma contrafação tropical do artigo genuino de importação europea; é a expressão veridica de uma tentativa desesperada para emancipar-se da realidade ambiente, para transcender as limitações da personalidade consciente e realizar nas aventuras de um eu fiticio as tendencias recalcadas em um sub-conciente tempestuoso. Alvares de Azevedo não se preocupa como esmerado artifice de tecnica literaria em forjar um ambiente romantico em torno de imaginárias fantasias, que não são apenas pseudo-historicas como até pseudo-lendarias. O seu romantismo nada tem de brasileiro, nem pretende vestir-se de penas para impôr-nos a sua artificialidade a golpes de tacape. Exatamente por ser espontaneo e sincero, isto é, por promanar do dinamismo real da sua mentalidade e da sua estesia, nada podia ter de brasileiro.

As circunstancias da formação espiritual de Alvares de Azevedo, que o deslocaram das condições reais do meio para

um subjetivismo em que êle se formou um mundo a parte, determinaram para a sua obra literaria uma categoria excepcional na história intelectual do Brasil. Integrado na cultura europea do seu tempo e dominado pelos valores que então já começavam a entrar em declinio no Velho Mundo, Alvares de Azevedo se é a unica expressão autentica do romantismo no Brasil, isola-se, exatamente por esse motivo, como figura exotica na evolução da nossa literatura. Examinado por um prisma psicologico, o grande paulista aparece como um europêu que escreveu no Brasil e em lingua portuguêsa. Este aspecto peculiar da obra de Alvares de Azevedo, longe de contestar-lhe um dos logares mais honrosos entre as figuras representativas do nosso desenvolvimento intelectual, confere-lhe a posição privilegiada de pioneiro da integração da cultura brasileira no grande círculo da inteligencia universal.

O Brasil não se encaminha nem pode encaminhar-se para o provincianismo engrandecido, com que sonham os dominados por uma hipertrofia do instinto da nacionalidade. Sem duvida, teremos de individualizar-nos; mas essa individualização, traduzindo-se na consolidação de uma personalidade nacional autonomica, não poderá divorciar-nos do curso comum da civilização geral a que pertencemos. Se nenhum povo conseguirá mais escapar ás influências universalizantes em uma epoca de aniquilamento das distancias, de inevitavel associação dos interesses e de forçada mistura dos sangues de todas as raças, muito menos o poderemos fazer nós que, pelas proprias condições da heterogenea formação nacional, já reproduzimos dentro das nossas fronteiras o drama mundial da internacionalização planetaria. Quando nos elevarmos dos fragmentarios esforços de elaboração cultural para a realização de uma verdadeira cultura nacional, as manifestações da maturidade do espirito brasileiro terão a sua individualidade expressa apenas na forma e em certos traços peculiares com que se refractarão, atravessando a nossa ambiencia, as correntes projetadas pela cultura universal.

Por certo faltou á obra de Alvares de Azevedo contato e simpatia com as realidades do ambiente nacional ao extremo de desnacionaliza-lo. A grande literatura do Brasil futuro terá de mergulhar as suas raizes na terra. Mas Alvares de Azevedo, com a sua ansia morbida de libertação da realidade que o cercava, representa a promessa e envolve a lição de que os nossos artistas de amanhã, aurindo forças nas profundezas da brasilidade, terão de iluminar-se na radiosa claridade solar das ideas, dos sentimentos e das aspirações humanas.

A celebração do centenario do nascimento de Alvares de Azevedo exprime o reconhecimento de S. Paulo ao paulista que, na ansia de libertar-se da realidade, foi o precursor do sentido cultural que terá de orientar-nos na idade adulta da nacionalidade.

AZEVEDO AMARAL

Influência de Alvares de Azevedo

Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Castro Alves, Fagundes Varella, tiveram e teem os seus devotos. Não faltam elementos com que se assinale o rastro de todos eles em nossa produção literaria. Seria esse aliás um estudo interessante. O sr. Afranio Peixoto, por exemplo, já o fez quanto a Castro Alves.

Intentamos aqui proceder a identica indagação relativamente a Alvares de Azevedo. Um simples ensaio, e mais nada.

Afigura-se-nos entretanto que nenhum daqueles poetas sobrepuja ao autor da *Lira dos Vinte Anos* em influência sôbre os nossos homens de letras.

E essa influência tem motivos poderosos. Além da sua poesia mesma, — a vida e a lenda de Alvares de Azevedo. A sua figura atravessa a nossa história literaria envôlta numa tradição de desordem e genio, que não há talvez como a suprimir das nossas imaginações. Ele é o nosso romantico por excelencia.

Conhecêmo-lo cedo, logo ás primeiras leituras. E' o preferido dos moços e dos estudantes. Pelo menos em nosso tempo ainda era assim. Trazemos no coração e no ouvido o espirito da sua poesia, os desvarios das personagens da *Noite na Taverna*, as confissões da sua alma inquieta, a cadência numerosa da sua arte de prosador, o arranque magnifico das suas apóstrofes. De colegio nos ficou nos olhos a sua capa romantica, e nunca mais a sua lembrança se nos apaga da memoria. Abri-

mos a *Lira dos Vinte Anos* ou o terceiro volume das suas obras, com os seus discursos, a sua crítica, os seus contos fantasticos, a sua criação dramatica, — e em muitas páginas a retentiva nos vai reavivando passagens, lugares que nos são familiares e que sabemos de cór. E' verdadeiramente uma resurreição.

Não nos consta, para entrar logo em materia, que a figura de qualquer dos próceres do nosso romantismo servisse de pretexto a composições dramaticas. Mas a proposito de Alvares de Azevedo já se escreveram dois dramas. Uma deles, conforme o testemunho de Sacramento Blake, chegou mesmo a ser levado á cena no Recife. O seu autor é Manoel Lopes de Carvalho Ramos, e o proprio nome do poeta serviu de título á peça, que nunca vimos. Mas a julgar pelo livro *Os Genios,* do mesmo escritor, não será coisa que mereça maiores atenções.

Conhecemos, porém, o *Alvares de Azevedo ou Amores da Mocidade*, do dr. Joaquim de Paula Sousa, que publicou o seu trabalho em São Paulo, em 1870. O autor confessa ingenuamente que procurou "pintar Azevedo, imitando seu dizer, estudando seus conceitos, impregnando-se de sua tristeza com sua constante leitura". Excusado será dizer que não conseguiu nada disso. O drama não tem merecimento nenhum. O dr. Paula Sousa dá-nos um Alvares de Azevedo melancolico e apaixonado. Mas "a mulher amada nunca encostou-lhe aos labios a face linda". Azevedo, — textual —, "morreu inteiro, ardente, sem exaurir-se".

Como quer que seja, estas criações dramaticas provam o culto de Alvares de Azevedo entre nós. Essa influência deriva-se tambem um pouco da corrente literaria que ele representa em nossa história mental com um brilho inconfundível. Foi ele a mais sonora e autêntica voz do byronismo no Brasil, num tempo em que Byron ainda fazia a volta do mundo com uma sensação formidavel. "O autor da *Lira dos Vinte Anos*", depôs Machado de Assis em 1866, "exercera uma parte de influência nas imaginações juvenis. Com efeito, se Lord Byron não era então

desconhecido ás inteligencias educadas, se Otaviano e Pinheiro Guimarães já tinham trasladado para o português alguns cantos do autor do *Giaour,* uma grande parte de poetas, ainda nascentes e por nascer, começaram a conhecer o genio inglês através das fantasias de Alvares de Azevedo".

Quantos e quantos livros de versos, dessa época até alguns anos atrás, não trazem, em muitas das poesias que os compõem, disticos, epígrafes extraidas das obras de Alvares de Azevedo! A's vezes é o proprio nome do poeta que surge num verso. Casimiro de Abreu, dirigindo-se a Macedo Junior, que acabou de fato morrendo muito moço, disse:

Não vás como Azevedo — o pobre genio —
Embrulhar-te sem dó na flor dos anos
Da morte no lençol!

Em Fagundes Varella ele tambem aparece, citado nominalmente em um verso.

Na sua poesia *A Lapis,* das *Ardentias,* canta Castro Rebello Junior:

Mas sem os agros tons byronianos
Do romanesco heroi da Paulicea,
Que encheu de assombro, ao fuzilar da idea,
O negrume da "Lira dos Vinte Anos".

E na sua satira *O Pseudo Realismo*:

O' Azevedo, basta a "Lira dos Vinte Anos"
Para que o genio ensaie uns vôos sobrehumanos!

No *Campo Santo,* de Mucio Teixeira, ele aparece como um dos paraninfos do poeta.

Outros, como Teixeira de Mello, Franklin Doria, Luiz Guimarães, além de todos aqueles que foram reproduzidos por Joa-

quim Norberto de Sousa e Silva na edição das *Obras* de Alvares de Azevedo, cantaram a êste em numerosos e sentidos versos, que atestam uma admiração excepcional.

Lamenta José Verissimo, sem inteligencia aliás, que a *Noite na Taverna, Macario, Boemios,* fossem das produções mais influentes em certos circulos literarios, principalmente naqueles que se compunham de moços. Para o crítico paráense, havia nisso falta de gôsto. A verdade, porém, é que aquelas composições estão entre as melhores de Alvares de Azevedo. E daí a sua repercussão.

A da *Noite na Taverna* então é a maior de todas. *As Ruinas da Glória,* conto fantastico, escrito por Fagundes Varella em 1862, em São Paulo, saem direta e imediatamente da criação de Alvares de Azevedo, no gôsto das coisas horriveis e macabras, nas imagens, na lingua. Ha poucos anos se publicou na Baía um pequeno volume de contos, — *Miserias* —, á feição dos da *Noite na Taverna.* Um dos capitulos desta foi em 1873 condensadamente posto em verso na poesia *Meia Noite,* de João de Britto, que a publicou nas *Vozes do Ar,* com êste distico de Alvares de Azevedo: "Dizem que a esta hora vagam espiritos, que os cadaveres abrem os labios inchados, e murmuram misterios". Nos *Pecados,* do sr. Medeiros e Albuquerque, há, entre as paginas 40 e 45, uma poesia intitulada — *D'A Noite na Taverna.* E em nota, á página 160, diz o autor: "E' uma paráfrase em verso do prologo d'*A Noite na Taverna,* do nosso grande Alvares de Azevedo. Foi uma fantasia, talvez de mau gôsto, mas da maxima fidelidade". Pela *Noite na Taverna,* pelo *Macario,* pelos seus discursos e escritos, Alvares de Azevedo influiu no gôsto da prosa artistica. No Rio de Janeiro, numa das festas comemoradoras do centenario da nossa independencia, um jovem academico que muito cedo foi deputado federal pela Baía, falando no Teatro Lirico, iniciou assim o seu discurso: "Argonautas sequiosos de um grande futuro para o Brasil, o velocino que nos seduz tem uma refulgencia indizivel". Há nisto um reflexo das primeiras palavras proferidas por

Alvares de Azevedo no tumulo do estudante João Baptista da Silva Pereira, as quais acabavam de ser lidas por aquele moço. Ainda a proposito da *Noite na Taverna*: é impossivel, e nós agora mesmo passámos por esta prova, um registo completo das suas edições. E' ela a parte mais divulgada das obras de Alvares de Azevedo, a que maior numero de vezes tem sido reimpressa.

Noticiando a morte do poeta paulistano, o *Correio Mercantil,* do Rio, terminou o registro funebre com a publicação da poesia *Se eu morresse amanhã.* A imitação veiu imediata. Fê-la, a 27 de abril de 1852, João Duarte Lisboa Serra, que foi deputado geral e presidente do Banco do Brasil. São quatro estrofes, a ultima das quais assim:

Mas esta dôr que a vida me devora,
A pungente saudade, amargo afã,
Não sentira cruel, poupara ao menos,
Se morresse amanhã.

Em 1859 editou Franklin Doria os *Enlevos,* onde vem uma poesia — *Se eu agora morrer,* tambem dirigida á sua mãe, e que começa desta maneira:

Se eu agora morrer, em teu regaço,
Como o arbusto entre flores, cairei...

Vejam, de Francisco Otaviano, os versos intitulados — *Na manhã dêste dia.* Teem a mesma forma estrofica, a mesma toada, os mesmos recursos de *Se eu morresse amanhã.* A *Flor do Vale,* ainda de Otaviano, guarda a maneira de Alvares de Azevedo noutras composições. Mas voltemos áquela poesia, e leiamos isto:

SE EU CAISSE AMANHÃ

Se eu caisse amanhã (que triste idea!)
Meu pai as barbas, como Abderramã,
Arrancava a bramir lá na Assemblea,
Se eu caisse amanhã!

Quão negro meu futuro se fizera,
Sem a estrêla que eu amo, e sem manhã!
Ai! subsídio, bilhar, "landau" perdera,
Se eu caisse amanhã!

O sol da Sambambaia, aos teus fulgores
Do "high-life" a criatura mais louçã
Não viria outra vez jurar-me amores,
Se eu caisse amanhã!

Mas do "Trinta-Galinhas" me livrara;
De dinheiro arranjar no triste afã
O Costinha não mais se atrapalhara,
Se eu caisse amanhã!

Sabem de quem é esta paródia? E' do venerando sr. Miguel de Carvalho, que a revolução de Outubro encontrou com uma poltrona no Senado. Fê-la contra Alberto Torres, quando êste era presidente do Estado do Rio.

Em Casimiro de Abreu há alguma coisa da *Lira dos Vinte Anos*. Tambem Alvares de Azevedo, como tantos namorados, tinha *amor e medo*:

Ah! perdoa êste beijo! eu te amo tanto!
. . . . . .
Não ouso te fitar... eu tenho medo!

Atentemos para estes versos da *Cantiga do Sertanejo*, de Alvares de Azevedo:

Donzela! Se tu quiseras
Ser a flor das primaveras
Que tenho no coração:
E se ouviras o desejo
Do amoroso sertanejo
Que descora de paixão!...

Casimiro de Abreu guardou um pouco desta maneira. E Joaquim Inacio Alvares de Azevedo, no *Anjo do Lar,* á pagina 131 das suas *Poesias,* versejou igualmente:

Ah! mulher, se tu souberas
Quanto valem as quimeras
Que guardo no coração!...
Neste peito quantas flores
Abririam seus amores
Ao contato dessa mão!

Aliás Joaquim Inacio nem uma só vez alude ao irmão, autor da *Lira dos Vinte Anos.* Dele não cita nem mesmo um verso como distico, á maneira do que fez com varios. Parece que não se quis recomendar á custa do outro, julgando-se com projeção bastante... Sómente ao irmão Inacio Manoel, morto aos dezenove anos, dedica uma poesia.

Em 1860, seguiu Fagundes Varella para São Paulo, onde Ferreira de Menezes o saudou como o continuador de Alvares de Azevedo: "Já não eras a criança de outros tempos; eras o poeta cujos cantos a Academia inteira repetia, repete e repetirá sempre; eras o sucessor daquele outro poeta que todos adoramos, e em cujas estrofes têmo-nos todos inspirado; eras a reencarnação de Azevedo".

Abram, na *Lira dos Vinte Anos,* o lugar onde vem esta poesia:

SONHANDO

Na praia deserta que a lua branqueia,
Que mimo! que rosa! que filha de Deus!
Tão palida — ao vê-la meu ser devaneia,
Sufoco nos labios os halitos meus!
Não corras na areia,
Não corras assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! E a onda bravia
As roupas de gaza te molha de espuma;
De noite — aos serenos — a areia é tão fria,
Tão humido o vento que os ares perfuma!
E's tão doentia!
Não corras assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!

A brisa teus negros cabelos soltou,
O orvalho da face te esfria o suor;
Teus seios palpitam — a brisa os roçou,
Beijou-os, suspira, desmaia de amor!
Teu pé tropeçou...
Não corras assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!

E o palido mimo da minha paixão
Num longo soluço tremeu e parou;
Senteu-se na praia; sózinha no chão
A mão regelada no colo pousou!
Que tens, coração,
Que tremes assim?
Cansaste, donzela?
Tem pena de mim!

Deitou-se na areia que a vaga molhou.
Imovel e branca na praia dormia;
Mas nem os seus olhos o sono fechou
E nem o seu colo de neve tremia.
O seio gelou?...
Não durmas assim!
O' palida fria,
Tem pena de mim!

Dormia — na fronte que niveo suar!
Que mão regelada no languido peito!
Não era mais alvo seu leito do mar,
Não era mais frio seu gelido leito!
Nem um resonar!...
Não durmas assim!
O' palida fria,
Tem pena de mim!

Aqui no meu peito vem antes sonhar
Nos longos suspiros do meu coração:
Eu quero em meus labios teu seio aquentar,
Teu colo, essas faces, e a gelida mão!
Não durmas no mar!
Não durmas assim!
Estatua sem vida,
Tem pena de mim!

E a vaga crescia seu corpo banhando,
As candidas formas movendo de leve!
E eu vi-a suave nas águas boiando
Com soltos cabelos nas roupas de neve!
Nas vagas sonhando
Não durmas assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!

E a imagem da virgem nas águas do mar
Brilhava tão branca no limpido véu!
Nem mais transparente luzia o luar
No ambiente sem nuvens da noite do céu!
Nas águas do mar,
Não durmas assim!
Não morras, donzela,
Tem pena de mim!

E agora Varella, em

NEVOAS

Nas horas tardias que a noite desmaia,
Que rolam na praia mil vagas azues,
E a lua cercada de palida chama
Nos mares derrama seu pranto de luz,

Eu vi entre os flocos de nevoas imensas,
Que em grutas extensas se elevam no ar,
Um corpo de fada, serena dormindo,
Tranquila sorrindo num brando sonhar.

Na forma de neve, purissima e núa,
Um raio da lua de manso batia,
E assim reclinada no turbido leito,
Seu palido peito de amores tremia.

Oh! filha das nevoas! Das veigas viçosas,
Das verdes, cheirosas roseiras do céu,
Acaso rolaste tão bela dormindo,
E dormes, sorrindo, das nuvens no véu?

O orvalho das noites congela-te a fronte,
As orlas do monte se escondem nas brumas,
E quêda repousas num mar de neblina,
Qual perola fina num leito de espumas!

Nas núas espaduas, dos astros dormentes,
Tão frio não sentes o pranto filtrar?
E as azas de prata do genio das noites
Em tibios açoites a trança agitar?

Ai! Vem, que nas nuvens te mata o desejo
De um férvido beijo gozares em vão!...
Os astros sem alma se cansam de olhar-te,
Não podem amar-te, nem dizem paixão!

E as auras passavam, e as nevoas tremiam,
E os genios corriam no espaço a cantar,
Mas ela dormia tão pura e divina
Qual palida ondina nas águas do mar!

Imagem formosa das nuvens da Iliria,
Brilhante Walkyria das brumas do norte,
Não ouves ao menos do bardo os clamores,
Envôlta em vapores, mais fria que a morte!

Oh! Vem, vem, minh'alma! Teu rosto gelado,
Teu seio molhado de orvalho brilhante,
Eu quero aquecê-lo ao peito incendido,
Contar-te ao ouvido paixão delirante!...

Assim eu clamava tristonho e pendido,
Ouvindo o gemido da onda na praia,
Na hora em que fogem as nevoas sombrias,
Nas horas tardias que a noite desmaia.

E as brisas d'aurora ligeiras corriam,
No leito batiam da fada divina...
Sumiram-se as brumas do vento á bafagem
E a palida imagem desfez-se em neblina.

As duas transcrições foram extensas em demasia. Mas não se póde mais flagrantemente apanhar a influência de Alvares de Azevedo, em quem Varella se inspirou agora de uma fórma que risca pela cópia. Não desfiamos aqui o confronto entre as duas producções, sómente porque não queremos alongar ao excesso êste escrito. Faça por si proprio o leitor êste trabalho.

Nas *Noturnas,* ainda de Varella, vem um canto intitulado *Arquétipo,* datado de São Paulo, 1861, e que é evidentemente moldado pelo *Poema do Frade.*

Castro Alves não podia faltar a esta parada. E nenhum dos nossos grandes poetas acusou mais do que ele a influência de Alvares de Azevedo. Logo na sessão celebrada pela mocidade academica de São Paulo para protestar contra a subida inesperada de Itaboraí ao poder, ele recordou o poeta da *Lira dos Vinte Anos* e recitou aí a sua ode a *Pedro Ivo,* o que já significa alguma coisa. Antes, porém, disse estas palavras: "Senhores. Alvares de Azevedo outrora atirou as suas estrofes no tapete de um rei, pedindo a vida de um heroi. Eu rodo as minhas no coração da mocidade, pedindo-lhe o obulo da imortalidade para o filho espurio da realeza". No sul, Castro Alves sente-se na terra de Alvares de Azevedo. E' dêste que ele se lembra para falar de São Paulo. Dirigindo-se a um amigo, escrevia-lhe em 1868: "Eis-me em São Paulo, na terra de Alvares de Azevedo, na bela cidade das nevoas e das mantilhas, no sólo que casa Heidelberg com a Andaluzia"... Depois, quando na Baía tratou de imprimir as *Espumas Flutuantes,* teve o cuidado de fazer uma edição tipograficamente parecida com a das obras de Alvares de Azevedo, o que não obteve. Ia até aí a influência do poeta da *Lira dos Vinte Anos.* Já não era literaria sómente. Há, nesse livro de Alvares de Azevedo, uma poesia sem título, em que ele pinta uma situação de desespêro, de sofrimento, de incerteza. Amou perdidamente a quem não o merecia. Foi uma ilusão. Quer por isto abandonar a amante.

Mas os sentimentos do poeta se contrapõem e repelem. Ora quer repudiar a mulher amada. Ora lhe pede ainda amores. E afinal não a maldiz, mas a si mesmo, ao seu amor:

Fui um doido em sonhar tantos amores...
Que loucura, meus Deus!
Em expandir-lhe aos pés, pobre insensato,
Todos os sonhos meus!

Meu triste coração, é tempo, dorme,
Dorme no peito meu!
Do ultimo sonho despertei e n'alma
Tudo, tudo morreu!

. . . . . .
... Não te maldigo,
Maldigo o meu amor!...

Oh! fala-me de amor!... Eu quero crer-te
Um momento sequer...

Esta situação não é nova. Nem no capítulo das paixões humanas, nem nos versos de amor dos poetas. Castro Alves sentiu-a como ninguem. Viveu-a e pintou-a em versos, que lhe sairam do coração despedaçado. Com toda essa marca de sentimento proprio dolorosamente experimentado e expresso em versos de incomparavel beleza, há, contudo, na sua poesia, ao descrever um caso identico, reminicencias de Alvares de Azevedo, servindo-se das mesmas palavras dêste, representando-se através das mesmas vozes como um igual alucinado, repelindo e chamando a amante e por fim sem animo para amaldiçoar a perfida Dalila:

Foi desgraça, meu Deus!... Não!... Foi loucura
. . . . . .
Pedir amores a Marco sem brio.

. . . . . .

Foi um sonho!
Mas um dia acordei... E mal desperto
Olhei em tôrno a mim... — Tudo deserto...
Deserto o coração...

. . . . . .

Não te maldigo não!

Na carta de Alvares de Azevedo, dirigida ao seu amigo Silva Nunes a 23 de agosto de 1848, ele transcreve uma poesia sua, onde veem estes versos:

Corre frio o trovão nos céus bramindo;
Vão torvos do relampago os livores —
Quero ás rajadas do tufão gemê-la
A canção dos meus ultimos amores!

Na poesia *Durante um temporal,* Castro Alves associa a mesma idea da tempestade e das luzes do relampago á do amor:

Vai funda a tempestade no infinito,
Ruge o ciclone temido e feroz...
. . . . . .
Uiva a jaula dos tigres da procela.
— Eu sonho tua voz.

. . . . . .
Do relampago a luz rasga até o fundo
Os abismos interminos do ar...
. . . . . .

Que importa o vendaval, a noite, os euros,
Os trovões predizendo o cataclismo...
Se em ti pensando some-se o universo,
E em ti sómente eu cismo?

Na mesma poesia acima aludida, diz Alvares de Azevedo logo na estrofe seguinte á transcrita:

Vem pois, meu fulvo cão! Ergue-te asinha,
Meu derradeiro e solitario amigo!
Quero me ir embrenhar pelos desvios
Da serra — ao desabrigo...

E Castro Alves, na *Queimada*:

Meu nobre perdigueiro! Vem comigo.
Vamos a sós, meu corajoso amigo,
Pelos ermos vagar!
Vamos lá dos gerais, que o vento açoita,
Dos verdes capinzais n'agreste moita
A perdiz levantar!...

Em *Macario,* primeiro episodio, "Deus dorme no seio da criação, como Loth no regaço incestuoso de sua filha".

Castro Alves, em *Rezas*, escreve:

Como Loth, o homem dorme
No colo da criação.

Alvares de Azevedo, em *Spleen e Charutos,* tem esta imagem:

As nuvens são uns frades de joelhos,
Rezam adormecendo no oratorio...

E, ainda em *Rezas,* Castro Alves reproduz essa imagem:

As nuvens, ajoelhadas
Nos claustros, ermos e vãos,
Passam as contas douradas
Das estrêlas pelas mãos.

Há coisas menores. Em *Glória Moribunda,* de Alvares de Azevedo, e em *Sonho,* de Castro Alves, os amantes "fogem" para "longe", vão ocultar-se no deserto.

Nas lamentações de amor de Castro Alves há muito desta maneira de Alvares de Azevedo:

Foi por ti que num sonho de ventura
A flor da mocidade consumi,
E ás primaveras disse adeus tão cedo,
E na idade do amor envelheci.

No discurso que o sr. Medeiros e Albuquerque pronunciou na sessão de 30 de novembro de 1922, da Academia Brasileira, em homenagem a Carlos de Laet, aludiu ele a uma poesia dêste ultimo, dedicada a Pedro II, citando, entre outras, esta estrofe:

Deus vos proteja! — O povo como os mares
Vem fremendo bater de encontro á plaga;
A procela enegrece o firmamento,
Vós podeis impedir que o vento a traga...
Tenho medo, Senhor, da tempestade,
E gemo; — eu sou a vaga!

Depois, comentou: "Sente-se que, no moço que fez esses versos, pesava a lembrança das estrofes de Alvares de Azevedo sôbre Pedro Ivo. O molde é o mesmo" (*Revista da Academia Brasileira de Letras,* ns. 23-24, pags. 308-309). Surpreende-se de fato nos versos de Carlos de Laet a maneira do poeta paulistano.

Até a Machado de Assis chegou a influência de Alvares de Azevedo. E' dêste, por exemplo, nas *Ideas Intimas*:

Vem, fogoso "Cognac"! E' só contigo
Que sinto-me viver. Inda palpito,
Quando os efluvios dessas gotas aureas

Filtram no sangue meu correndo a vida,
Vibram-me os nervos e as arterias queimam,
Os meus olhos ardentes se escurecem
E no cerebro passam delirosos
Assomos de poesia.

Na *Marmota Fluminense* de 12 de abril de 1856 publicou Machado de Assis uma poesia intitulada *Cognac,* que assim principia:

Vem, meu "Cognac", meu licor de amores!...
E' longo o sono teu dentro do frasco;
Do teu ardor a inspiração brotando
O cerebro incendeia!...

Há, nas *Crisálidas,* de Machado de Assis, uma *Elegia,* em que ele diz que desejaria sepultar a uma jovem, cuja morte pranteia, numa floresta virgem:

Se, como outrora, nas florestas virgens,
Nos fosse dado, o esquife que te encerra,
Erguer a um galho de árvore frondosa,
Certo, não tinhas um melhor jazigo
Do que ali, ao ar livre, entre os perfumes
Da florente estação, imagem viva
De teus cortados dias, e mais perto
Do clarão das estrêlas.

Esta mesma idea já vinha na *Virgem Morta* de Alvares de Azevedo:

Lá bem na extrema da floresta virgem,
Onde na praia em flor o mar suspira,
E, quando geme a brisa do crepusculo,
Mais poesia do arrebol transpira;
. . . . . .
Manso repousem a beleza morta.

Ambos, porém, Machado de Assis e Alvares de Azevedo, talvez se tivessem inspirado em Th. Moore:

Oh! make her a grove where the sun-beams rest,
When they promise a glorious morrow!
They 'ill sink o'er sleep, like a smile from the west,
From her own loved land of sorrow.

Na sua *Pequena História da Literatura Brasileira*, descobre o sr. Ronald de Carvalho a influência de Alvares de Azevedo "através das fórmulas pomposas do modernismo", repontando neste "muitas vezes a duvida ironica ou a fantasia colorida" do poeta paulistano. E acrescenta: "No *Meu Sonho*, em que o poeta dialoga com um fantasma, aparecem tambem alguns motivos mais explorados pelos pretensos decadentes, que, com Cruz e Souza, tiveram a ingenuidade de supôr que estavam abrindo novas estradas á poesia nacional."

Na poesia que Ronald de Carvalho cita, vemos, por nossa vez, uma fonte de inspiração de Antero de Quental, que, no soneto *Mors-Amor*, reproduz a mesmissima idea de Alvares de Azevedo, que ele conhecia.

São as ultimas transcrições que fazemos.

De Alvares de Azevedo é êste o

MEU SONHO

EU

Cavaleiro das armas escuras,
Que vais pelas trevas impuras
Com a espada sangrenta na mão,
Porquê brilham teus olhos ardentes
E gemidos nos labios frementes
Vertem fogo do teu coração?

Cavaleiro, quem és? O remorso?
Do corsel te debruças no dorso...
E galopas do vale através...
Oh! da estrada acordando as poeiras
Não escutas gritar as caveiras
E morder-te nos pés o fantasma?

Onde vais pelas trevas impuras,
Cavaleiro das armas escuras,
Macilento qual morto na tumba?...
Tu escutas... Na longa montanha
Um tropel teu galope acompanha?
E um clamor de vingança retumba?

Cavaleiro, quem és? — Que misterio,
Quem te força da morte no imperio
Pela noite assombrada a vagar?

O FANTASMA

Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descansa,
O delirio que te há de matar!...

Agora, o soneto de Antero de Quental:

MORS-AMOR

Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me aparece
Da noite nas fantasticas estradas,

Donde vem ele? Que regiões sagradas
E terriveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror das crinas agitadas?

Um cavaleiro de expressão potente,
Formidavel, mas placido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a estranha fera sem temor,
E o corcel negro diz: "Eu sou a Morte!"
Responde o cavaleiro: "Eu sou o Amor!"

O que aí fica, feito ás pressas, está longe de significar toda a extensão da influência de Alvares de Azevedo sôbre a poesia e a prosa nacionais, principalmente sôbre a primeira. Aqui mesmo não nos utilizámos de todo o material de que dispomos. Abusámos excessivamente da hospitalidade que se nos ofereceu. Não nos era licito entretanto levá-la ainda mais além dos limites com os quais já a transpuzemos.

Acreditamos porém que, na celebração do Centenario de um poeta como o autor da *Lira dos Vinte Anos,* nada mais a proposito do que uma investigação desta natureza, até certo ponto justificativa da comemoração que se leva a efeito.

Apenas realmente lamentamos que não nos fosse permitido, por motivos varios, realizar êste estudo conforme ele na realidade o merece e o desejariamos ver concluido.

HOMERO PIRES

... O ferrão bem no centro

> *Alvares de Azevedo personifica um caso patologico que poderia acontecer em qualquer parte. E' um degenerado superior; e um estudo psiquiatrico sôbre ele seria contribuição de preço para nossa história literaria.*
>
> *A evolução da idade o tornaria um grande escritor, ou o emudecería no esgotamento que se segue ás longas orgias fisicas e intelectuais?*
>
> Magalhães de Azeredo (*Um livro romantico contra o romantismo*).

Eis aí dois temas tentadores. Para estudá-los faltam-me evidentemente, o tempo e a competencia. Principalmente a competencia. Na vida, observou um profundo conhecedor da materia, não ha melhor meio da gente se libertar de uma tentação, do que caír nela. Eu acrescentaria timidamente que não ha nada mais delicioso do que ter tentações... Caír, é que não vale a pena: póde-se escorregar demais. O menos que se perde é a ilusão.

Talvez me arrependa de tentar os dois temas que encimam estas linhas; talvez que o resultado não corresponda ao esfôrço e á boa vontade, alheiado que me acho ha tantos anos dêstes assuntos, tão emperrada a pena que nunca soube escrever.

Duas cousas, porém, devem desculpar o pecado literario: o desejo de contribuir para a comemoração do centenario do nas-

cimento do grande poeta paulista; e a ordem emanada da *Revista Nova,* pela amisade de seus jovens e brilhantes redatores.

Preliminarmente se hão de estabelecer, antes de enfrentar a materia, algumas premissas, que ao mesmo tempo servirão — ia dizer — de faróis, a iluminar todo este estudo.

A primeira é esta: Como se ha de examinar o aspeto patologico de Alvares de Azevedo, se a sua biografia ainda está por escrever? De passo observemos que se o destino lhe não sorriu em vida, favoravel não se tornou depois da morte: a sua memoria anda por aí quasi esquecida, enterrada em massudas histórias da literatura; o bronze, que no recanto amavel da praça da Republica traz o seu nome, lembra eternamente a linda cabeça de seu irmão no destino, Fagundes Varella; e, finalmente, quem se meteu a ser o seu biografo, francamente... está um pouco aquém do papel. Mas a falar franqueza, são esses, titulos pelos quais Alvares de Azevedo, desamparado e desherdado da sorte, mais nos merece, porque mais paulista se revela...

Parece que é tempo de tranquilizar o possivel leitor a respeito do título destas linhas. Se eu escrevesse no ano em que nasci, o título sería por certo este, gravibundo: *Nullum magnum ingenium, sine quadam mixtura dementiae,* ditado que vem de tempos imemoriais, de origem atribuida a Aristoteles, o pai de todo saber. Como, porém, eu escrevo mais de trinta anos depois, em plena 2.ª República, achei que podia substituir o *nullum magnum ingenium,* pelo nosso proverbio popular: *não tem o ferrão bem no centro.* Ha perfeita equivalencia em relação a outras e numerosas expressões: Escapou uma malha do barrete, tem um parafuso de menos, de medico e de louco, etc., macaquinhos no sótão, sofrer da bola, etc. Abundantes as expressões? São menos que as necessarias para tantas ocasiões!

Alvares de Azevedo não tinha o ferrão bem no centro. Não quero dizer fosse um desequilibrado, no sentido pejorativo; nem mesmo um caso patologico, como pareceu ao autor transcrito de início.

Era... e aqui esbarramos com grande dificuldade, não pela falta de termo tecnico ou corrente, mas pela super-abundancia: o embaraço da escolha. Para êste — degenerado superior; Charles Richet propôs — prógenerado; para estoutro — nevropata; para Paul Hartemberg (1) o diagnostico não oferece dúvidas: neurastenia; ao passo que Louis Combe (2) diria — emotivo, quando muito — super-emotivo; J. Grasset (3) estudá-lo-ía entre os semi-loucos; enquanto que Culerre (4) procuraria assinalar as falhas mentais; Lombroso (5) apontaría os estigmas da degenerescencia; Roubinovitch, (6) os sintômas de abulia ou de melancolia, — que sei eu? E para que enfileirar nomes dos mais respeitaveis na psiquiatria e na psiocologia, desde Graft Ebing, P. Janet, Charcot, Déjérine, Voivenel, Babinski, W. James, Doumas, — até os mais modernos estudos de Geley sobre o sub-conciente, de Freud, e sôbre as glandulas endocrinas de L. Levi, — quando posso usar de uma expressão nossa, perfeitamente nossa, qual seja: Alvares de Azevedo não tinha o ferrão bem no centro? E todos entenderam, não é verdade?

Assim como não interessa a sua colocação exatamente rigorosa na escala imensa, cujas notas mais baixas seriam o homem normal, o burguez pacato e perfeitamente feliz; e as mais altas os genios, os santos, os herois, os grandes criminosos e os alienados, todos estes exeções á regra, que seriam o roçar pela mediocridade. Faz-me lembrar um velho amigo, que Deus tenha na sua santa gloria, que dizia resumir-se o cúmulo da felicidade nestas três condições: ser gordissimo, burrissimo e riquissimo. Claro que ele não possuia nenhuma das três, principalmente a segunda.

Não está só, o nosso querido Maneco Azevedo, na galería dos que não tiveram... o ferrão bem no centro. Pelo contrário: a companía é tão ilustre que chega a ser invejada. Os autores encontram sinais evidentes de perturbação em Aristoteles, Socrates, Platão, Demostenes, *excusez du peu!* Em Cesar, Cicero, Lucrécio, Tibulo, Propercio, Ovidio, Catulo. Nevropata o autor do Cantico dos Canticos, Salomão, esse incomparavel

antepassado dos romanticos de todos os tempos, esse cantor e amante apaixonado de Sulamite, a morena Sulamite que tinha mel debaixo da lingua; e, talvez por isso mesmo, as más linguas inventaram que ela... era côr *que se colora, da pipóca... do lado que não arrebenta!*; não se deve acreditar nas más linguas. Nos tempos modernos, a enumeração encheria páginas, volumes. L. Combe organizou uma lista de cem, entre os quais se contam Baudelaire, Bonaparte, Byron, Cervantes, Chopin, Dante, Lafontaine, Mirabeau, Musset, Edgard Poë, Ruskin, Verlaine, Voltaire, Leonardo da Vinci, Wagner, Wilde e até o meu angelico, o meu suave S. Vicente de Paulo! Enfim, todos os misticos, todos os santos, quasi todos os heróes, os sabios, os intelectuais, e todos, irremediavelmente todos os poetas de todas as éras.

Entre nós, esse estudo está inteiramente por fazer. Poderia apontar ao acaso: qualquer nome que acuda á nossa lembrança, aí está um degenerado. Vêde Machado de Assis, o grande Machado, mestiço de origem humilde, com a pesada tára da epilepsia, e Raimundo Corrêa, pois quem jamais descreveu melhor "a dôr que mora n'alma", esse "mal secreto" "que punge e que devora o coração"? Sabêmos ainda que Raimundo sofria da fobia do escrupulo, o que o fez largar a judicatura. Os companheiros de Manoel Antonio, Aureliano Lessa e Bernardo Guimarães, com quem pretendeu publicar conjuntamente os primeiros versos, as primicias de sua poesia reunidas no mesmo ramo, sob o título "Três liras", — não fugiam á regra. Aureliano, um choromingas, eterno lamuriento, descontente, até que a morte o aliviou do fardo insuportavel; e por via da tuberculose. Só então foram publicados seus versos. A proporção dos anormais que morrem tuberculosos é impressionante: calcula-se em mais de quarenta por cento. Bernardo Guimarães, esse, com a idade revelou-se um maluco de marca. Por menos, muita gente tem se visto em máus lençóes. Embriagava-se com uma mistura tremenda de éter e alcool; e gostava de ler a "Divina Comedia"

enquanto o negrinho, com uma baeta ás costas, corria pelo quarto, para fingir de tempestade! (7)

Que dizer de Fagundes Varella, completamente desorientado, que se casa muito moço com uma jovem de condição inferior? Chamava-se Alegria, a desgraçada. Misántropo, vivendo pelos matos, para afinal morrer — sabe Deus depois de que delirios! — de intoxicação etilica.

Francisco Octaviano... quem poude contar, que poeta, que desgraçado afetado pelo *mal de viver*, exprimiu com mais segurança a dôr inexplicavel?

Quem passou pela vida em branca nuvem,
Quem passou pela vida — e não sofreu —
Foi espectro de homem, não foi homem,
Só passou pela vida, — não viveu!

Basta. Sería por demais fatigante a enumeração, embora nos demorassemos sómente na literatura.

De relance, voltemos os olhos para Portugal. Eça de Queiroz, extremamente nervoso, impressionavel, supersticioso em excesso. Camillo Castello Branco, de uma familia de nevropatas, agressivo, irritadiço, eterno descontente, eterno queixoso, põe termo, pelo suicidio, ao resto de seus dias. Antonio Nobre, Antero de Quental, esse "genio que foi um santo", esse "altissimo poeta"... Não ha similitude de carater, não ha semelhança de genio ou temperamento... mas não sei porque, quando tenho em mente Alvares de Azevedo, muitas vezes penso em Antero. Os documentos que deixou são preciosos para o estudo dos psico-nevropatas. "No ano de 1874, — escreve —, adoecí gravissimamente, com uma doença nervosa de que nunca mais pude restabelecer-me completamente... A minha antiga vida pareceu-me vã, e a existencia em geral incompreensivel." "Uma inquietação, um susto, uma apreensão, um máu humor, coisas que juntas e prolongadas dão a suma de um verdadeiro tormento. Isto ás vezes chega a um estado agudo, que de tudo me faz

esquecer quanto não seja aquele lutar comigo mesmo." (8) Deitado, deitado de costas e imovel, permaneceu meses. Um dia levantou-se. Levantou-se para comprar uma pistola e meter duas balas na cabeça.

Desejariamos começar passando em revista os elementos de que dispômos para o estudo da vida interior de Alvares de Azevedo, mostrando desde logo a carencia, a mingua de material. As breves notícias biograficas, os discursos encomiasticos, as poucas reminiscencias de contemporaneos, de quasi nada nos aproveitam. Os que até agora sôbre ele têm escrito, limitam-se a glosar o discurso de Joaquim Norberto de Sousa e Silva, lido em 1872. Biografia, nenhuma. Que resta, pois? O estudo de suas obras e, através das maiores cautelas, a escolha dos trechos que se poderia dizer auto-biograficos. A sua correspondencia, (9) e ainda esta expurgada de uma ou outra inexatidão, e do elemento pessoal de auto-crítica, — é que encerra os verdadeiros elementos do estudo que tentámos: mas a correspondencia, na maior parte, permanece inedita, e a parte que aparece nas *Obras Completas* está lamentavelmente mutilada. Resta, e está por estudar, o elemento herança psicologica; resta a apreciação da influência sôbre sua formação dos mestres e a dos meios em que viveu. E não se deixe de ter presente a advertencia dele proprio: "Ai daquele que não é compreendido!"

De sua herança psicologica, sabemos que seu pai era filho ou neto de tio e sobrinha; provinha de uma grande irmandade, vinte irmãos. Faleceu aos cincoenta e tantos anos, de molestia acidental, ou quasi, grangrena ou infecção, consequente a escoriação num pé. Não oferece interesse, a menos que apresentasse complicação varicosa, pois o citado Combe observou que geralmente os emotivos provem de grandes familias e que as varizes são frequentes entre os emotivos e seus parentes. Ignoro se foram comuns os casos de tuberculose, a molestia predileta dos emotivos.

Pelo lado materno, provinha dos Silveira da Mota. Seu avô, português de nascimento, exerceu a magistratura no Rio de Janeiro, em Goiaz, onde nasceu sua mãe, em S. Paulo, e, afinal, de novo no Rio. Os Silveira da Mota têm fama de extravagantes, devotos apaixonados de Venus e, por vezes, de Baco. O senador Silveira da Mota, seu tio, na constancia do matrimonio só teve filhas; deixou, todavia, um filho que foi almirante, membro da Academia Brasileira de Letras, depois de se revelar um bravo na guerra do Paraguai. Depois das sessões do Senado, *lavava os olhos*, e ainda hoje se chama no Rio, Silveira da Mota, a sua mistura costumeira: a dose de aguardente com algumas gotas de biter. Teve vida longa e veiu a falecer depois da republica.

Longevas foram sua mãe e suo avó materna; a esta ele conheceu, diz até a veneração por sua alva cabeça. Sua mãe, depois de sua morte, sobreviveu duas vezes seus breves vinte anos: faleceu com perto de noventa anos, conservando integras as faculdades, a vivacidade e a energia.

E' tudo quanto podemos colher de sua anamnése. Bem pouco, afinal. A irmandade de Alvares de Azevedo foi tambem numerosa, oito irmãos, dos quais dois morreram em tenra idade; e, além dele, outros dois morreram em plena juventude: Maria Luiza, sua irmã prediléta, um ano mais velha, nascida como ele em São Paulo, pois era a primogenita. Reza a tradição de familia, que nunca se conformou com a perda do irmão e morreu de desgosto, cerca de dois anos depois. E Joaquim Inacio, que teve destino identico ao de Manoel Antonio, pois morreu jovem, estudante de direito, e da mesma molestia. Seria curioso saber qual a molestia que os levou, principalmente se foi a tuberculose. Mas faltam-nos dados a respeito. Nem o proprio Manoel Antonio ao certo se sabe de que morreu. O atestado de obito — então se dizia *guia de sepulte-se* — não esclarece: tumôr na fossa iliaca, com perfuração do intestino reto. Esteve de cama quarenta e cinco dias. Tuberculose galopante, manifestada por fórma extranha? Pessoas da familia acreditam em

febre tifica ou da natureza da febre amarela, hipotese que é de se afastar, conhecida a fórma da morte por essas molestias, sempre precedida de caquexia, estado de inconciencia; enquanto que Alvares de Azevedo conservou toda lucidez até o ultimo momento.

Parece-nos, antes, fosse uma infecção sifilitica, que evoluiu em adenite, e que o atrazo da medicina de então não sôbe ou não pôde atalhar. Encontrou o terreno propício da debilitação geral e em poucos dias foi fatal. Isto, porém, não passa de conjetura, de ignorante em medicna. Que falta nos faz um Cabanès para nossa história ou nossa literatura!

E já que nos ocupa este melancolico particular, não deixemos o passo sem consignar as observações que o momento da morte de Alvares nos sugere. Desde que caíu enfermo, apesar das dôres atrozes, fossem as da molestia, fossem as da operação que sofreu, em época em que a medicina ignorava a anestesia, — revelou extraordinaria serenidade, calma, quasi satisfação. Dir-se-ía — não fosse paradoxo — que gosava a aproximação do fim. Combe, que é medico, e teve ocasião de assistir, na guerra, á morte de emotivos, assim a descreve: "Deixavam a trincheira entre os primeiros, saltavam, feriam, batiam-se como leões, segundo a expressão consagrada, ou caíam atirados ao chão por uma bala ou um estilhaço de obuz. E como sabiam morrer! Subitamente imoveis, a fisionomia calma, os olhos semi-cerrados, mais pareciam adormecer para o eterno sono, sem gemidos, sem queixumes, sem palavras amargas, sem saudade. Tinham afinal deixado de sofrer!" (10)

Manoel Antonio quando sentiu aproximar-se o termo, pediu á sua mãe, a criatura que mais amava sobre a terra, que se retirasse; iludiu-a dizendo que estava melhor, pediu-lhe que fosse descançar dos longos dias e das interminaveis noites de vigilia. Alhures, interpretámos este seu gesto, como um milagre de amor filial; examinado o caso friamente, estamos antes em que, o que ele queria era ter o transe tranquilamente, como observador de si proprio, sem o espetaculo de soluços e desespe-

ros. Suas ultimas palavras não são de queixa, nem de revolta, "Que fatalidade, meu pae!" Era o seu destino que se realisava, a fatalidade entreadivinhada ha tanto tempo!

Sua infancia, sua precocidade, o pendor para os estudos, a facilidade de apreensão, a imaginação ardente bem cedo revelada, — são outros tantos traços de comun observação a todos os anormais. Impressionavel em extremo, antes mesmo de alcançar a idade da razão, a morte marcou-o indelevelmente com seu sinete: vendo morrer um irmãozinho, a sua impressão foi tão violenta, que enfermou gravemente e quasi que se foi tambem. Por toda sua obra, a idea da morte se repete, insistente como um refrão. "Poeta do amor e da saudade", cognominaram-no. Poeta da morte, melhor se o chamaria.

Nem vale a pena apontar os numerosissimos nevropatas que manifestam a espantosa precocidade. Criança, ainda, Santa Tereza de Jesus foge da casa dos pais, para converter os arabes, infieis; e aos quinze anos entra para o convento. Byron e Musset, para citar dois nomes caros a Alvares de Azevedo, mal haviam deixado as fraldas e os cueiros, e eil-os apaixonados!

A Manoel Antonio, seu mestre de primeiras letras qualifica "mon petit génie"; e vaticina as culminancias na vida intelectual do país. E' então que seus pais resolvem colocá-lo no Colegio D. Pedro II. Teve ali mestres á altura de seu genio, professores da estatura intelectual de um Tautpheus, de um Planitz. A influência sôbre o jovem e indisciplinado estudante, foi decisiva: souberam transmittir o amor aos livros, a sêde nunca satisfeita de saber. (11)

Na passagem pelo colegio Pedro II surpreendêmos um traço relevante de sua psicologia: seu lapis vingava pela caricatura, os castigos a que sua propria indisciplina dava lugar.

Do internato do Colegio — para a liberdade de estudante do curso juridico, em S. Paulo: passagem brusca, sem transição. Sôbre sua sensibilidade exagerada e esquisita, a impres-

são da cidade de São Paulo, o São Paulo quasi colonial de 1850, foi profunda e indelevel. Enquanto o clima, áspero e variavel, era favoravel á sua saude, — a influência do meio decidia de seu destino. Contraditorio consigo mesmo, óra se sente feliz, longe da incômoda disciplina; ora uma saudade insuportavel o atormenta, saudade dos pais, da irmã dileta, de sua casa... "Aqui nesta minha solidão, neste exilio de tudo quanto de caro para mim vive aí nesse mundo"... Do Rio, ao mesmo amigo, no ano seguinte: "Não irás pois a S. Paulo comigo. Dois anos tive eu lá como provação..."

"E além, lá ao longe, se levantava a cidade, negra; e os lampeões, abalados pela ventania, pareciam esses meteóros efemeros que se levantam dos paludes e que as tradições do norte da Europa julgavam espiritos destinados a distraír os viandantes, a correrem sôbre o pantano imenso e preto"... (Cartas a Silva Nunes). Com suas casas pobres escorrendo ao longo das ladeiras, com suas taipas interminaveis, as ladeiras ingremes, as ruas pessimamente calçadas, a garôa, expressão de silêncio, solidão e tristeza, sobretudo á noite, a escuridão apenas quebrada, de longe em longe, pelos melancolicos lampeões alimentados a azeite de peixe, — S. Paulo, sería, de fato, uma cidade triste. Não devo retomar o quadro alhures debuxado: basta que se considere o quanto a natureza e o meio ambiente de São Paulo eram propicios ao seu temperamento melancólico.

A Academia, eis outra fonte de decepções, para ele, que colocava as universidades e as academias como decisivas influências no destino das nações. As aulas se resumiam na sonolenta leitura das *sebentas,* a interpretação fastidiosa dos textos, a explicação de praxistas rançosos: nada de realmente elevado, filosofico, que abrisse clareiras no espirito. Os lentes... Hoje, á distancia, os achamos extravagantes, engraçados; mas ai de quem teve de aturar as caturrices de um Brotero, as implicancias de um Veiga Cabral, a mediocridade da maioria!

Saltando de pedra em pedra na calçada, a ponta do pézinho na tamanquinha de salto, o rosto emoldurado pela mantilha preta, — as lindas meninas de S. Paulo não prenderam a atenção de Manoel Antonio?

Prenderam, sim, mas de que modo?

"Aqui ha duas moças, que para mim são as mais lindas e que passam geralmente por isso, — uma é a N. M...., a outra a D. Q... A N... é uma dessas moças de cabelos d'oiro e de olhos côr do céu, de faces de rosa e fronte de neves, que parecem, a quem as contempla, anjos esquecidos na terra a sonhar gozos de outra vida.

"A outra — a Q..., se não é uma beleza, lembra esses ideias poeticos, dessas virgens frageis, dêsses lirios do vale que um sôpro lança em terra: — é uma cópia da Madalena do Dumas — não te lembras? Tambem é loira, mas seus cabelos pendem mais para castanhos, seus olhos são pardos, sua tez é palida."

Apaixonado? Não, longe disso. Ele proprio se apressa em desiludir o amigo a quem escreve: "Contudo, Luis, não sinto que eu ame nenhuma delas. A N... pareceu-me um anjo num momento de fascinação. A Q... parece uma santa; e não poderia eu sentir amor por ela: ás santas adora-se, mas não se ama."

Logo de inicio, na mesma carta, datada de 11 de Maio de 1848, ele declara ao amigo o desejo, a necessidade que sentia de objetivar numa creatura o amor que pulsava no seu peito: "Não penses tambem, Luiz, que tenha eu aqui algum novo amor. Não. *Eu sinto no meu coração uma necessidade de amar, de dar a uma creatura êste amôr que me bate no peito. Mas não encontrei aqui uma mulher — uma só — por quem eu pudesse bater de amores...*"

Questão, tambem, de temperamento. Fosse ele um sensual, como Heine, e haveria de encontrar, aqui, como o autor dos *Reisebilder*, na Italia, "corpos encantadores e confortaveis, dêsse moreno picante, ingenuamente sujos, feitos mais para a noite que para o dia"... (12) Do contato com aquelas que prati-

cavam a filosofia horizontal, — e que seriam as de então! — sómente lhe ficou a impressão de desgôsto, de nojo, "enfastiado dessas flores sem cheiro, desbotadas."

E não encontraria neste mundo o objeto amado. Dois anos depois, ao mesmo amigo e unico confidente fóra da familia, escreve traduzindo novamente a mesma idéa: "Ha uma unica cousa que me pudesse dar hoje o alento que me morre... Disse-t'o eu: ha uma unica cousa que me pudesse dar o alento que me desmaia: *uma mulher que eu amasse*".

... virgem que sonhei! que nunca
aos labios me encostou a face linda!

Na poesia composta no dia de seus anos, 12 *de Setembro* repete:

Eu vaguei pela vida sem conforto,
Esperei o meu anjo noite e dia,
E o ideal não veiu...
Farto da vida, breve serei morto...
Nem poderei ao menos na agonia
Descançar-lhe no seio...

Passei como Dom Juan entre as donzelas
Suspirei as canções mais doloridas
E ninguem me escutou...
Oh! nunca á virgem flôr das faces belas
Sorvi o mel das longas despedidas...
Meu Deus! ninguem me amou!

Musset suspirava:

Si vous croyez que je vais dire
Qui j'ose aimer,
Je ne saurais, pour un empire
vous la nommer.

Paul Verlaine, aquele contraditorio nevropata, que óra fazia versos suavissimos a Maria Santissima, ora era prêso por ofensa ao pudor público, tambem ele, representante legitimo da grande familia dos emotivos, não encontrava, na terra, objeto para seu amor. Recordemos o lindo soneto *Mon rêve familier*:

Je fais souvent ce rêve étrange et pénétrant
D'une femme inconnue, que j'aime, et qui m'aime,
Et qui n'est pas, ni tout à fait la même
Ni tout à fait une autre; et m'aime, et me comprend.

No capítulo amoroso da vida de Alvares de Azevedo, sem dúvida impressiona a ternura exagerada pela irmã Maria Luiza e por sua mãe. Maria Luiza, essa, nunca se conformou com a morte do irmão.

"Por vezes, — escreve Combe — essas amizades amorosas misturadas de ternuras fraternais, não se extinguem jamais, sobretudo entre as mulheres. São os casos extranhos de Margarida de Navarra, de Henriqueta Renan, de Eugenia de Guerin, e outras mulheres conhecidas, para quem um irmão se tornou, por toda a vida, o objecto unico de seu pensamento. E bem póde acontecer que esse amor se torne equívoco, como o de Chateaubriand ou de Byron, por suas irmãs; mas êste caso é mais raro." (13)

Fique bem claro que não pretendo adotar lendas absurdas, nem insinuar o que não teria coragem de escrever. Para destruir, de vez, a crença que alguns conservam, de que o amor de Alvares de Azevedo teria sido equívoco ou inconfessavel, — basta esta informação que posso dar como autentica: existe encadernada em um volume, a sua correspondencia, na quasi totalidade inedita, pois a parte publicada é insignificante.

"... ha em algumas de minhas cartas a ti *uma história inteira de dois anos,* uma lenda, dolorosa, sim, mas verdadeira, no seu pungir de ferro, como uma autópsia de sofrimentos." São palavras dele proprio. Essas expressões *historia inteira de*

dois anos, lenda dolorosa, dizem respeito á tragedia de sua alma insatisfeita; se se tratasse de informações que devessem permanecer ocultas ou serem esquecidas, as cartas teriam sido destruidas... Tambem não aceito a hipotese das cartas serem ilegiveis, dado o nervosismo e precipitação com que foram escritas: conhecemos o original de algumas e podemos afirmar que a grafia de Alvares de Azevedo é até das mais acessiveis.

A' procura de dona para seu coração, nas noites insones de longo cismar, ele ia bater *á porta do palacio magico das imaginações...*

A pouco e pouco, ausente da familia, longe de seu maior amigo, Luiz Antonio da Silva Nunes, sofrendo a influência do meio, as decepções do curso juridico, sem o amparo da religião, — cada vez mais só, desiludido e triste, — a melancolia, o desinteresse, o fastio da vida o dominaram. Depois de horas de excitação, em que, entregue á fantasia, dava azas á imaginação, seguiam-se momentos de desalento, de desanimo, "um marasmo invencivel, horas daquelas que os navegantes temem, em que a calmaria descái no mar morto e as velas caem ao longo dos mastros."

Era o tédio, acompanhado de seu cortejo, a inquietude, a a angustia, a insonia, o horror da solidão, e ao mesmo tempo um desejo imenso de descanso, de silencio, de tranquilidade:

Eu deixo a vida como deixa o tédio
Do deserto poento caminheiro...

. . . . . .

Mundo de sordidez! cinica essencia
D'infamia e mais infamia! apenas fezes!
Prosaica vida, eu te maldigo e escarro
Em teus festins brilhantes, mentirosos!

Por toda sua obra a idea reaparece. Outros sofreram do mesmo mal, cada um a seu modo o expressou: "Aborrece-me a vida, — escreveu Chateaubriand — sempre o tédio me devorou. Pastor ou rei, que teria eu feito de meu bastão ou de minha coroa? Igualmente me fatigariam a gloria ou o genio, o trabalho ou o descanso, a prosperidade ou o infortunio". Por sua vez Leopardi depõe: "Esta inclinação não procede, em mim de nenhuma desgraça que me haja acontecido, ou que eu deva prevêr, mas de um desgosto da vida, dum tédio tão violento que mais parece dôr ou convulsão. São vãos todos os prazeres: nada ha tão certo como o tédio!" Maupassant, por sua vez, escreve a Maria Bashkirtseff, essa outra emotiva cujo traço mais caracteristico talvez seja o exagero da propria personalidade: "Senhora: eu vos escrevo porque me aborreço abominavelmente. Tudo me é indiferente; passo dois terços de meu tempo aborrecendo-me profundamente..." Um literato de valor escreve ao Dr. Hartemberg: "Quem jamais poderá descrever o tédio, morno, visguento, como esses animaes gelatinosos que sobem do fundo do mar! Ele se agarra a nós, por seus tentaculos, envolve-nos, suga o sangue e a energia, esgota até a medula... Vêr correrem longos dias, interminavelmente longos, sem o menor desejo de fazer qualquer cousa, sem curiosidade, sem interesse, sem vontade, seja por um heroismo, seja por um vício."

Ouçamos Baudelaire:

Mas, entre os chacáes, as pantéras, os linces,
Chimpanzés, escorpiões, abutres ou serpentes,
Monstros rastejantes, que uivam, silvam, zurram,
E compõem a arca infame de nossos vícios,
Um existe, horrendo, máu e imundo,
Que facilmente faria da Terra um trapo
E num bocejo enguliria o mundo:
O Tédio! (14)

Não menos temivel o tédio que vem da saciedade, principalmente para aqueles que conheceram muito cedo todas as satisfações, todos os gozos, a quem o destino cumulou de todos os dons: nada mais esperam, nada mais os interessa. E' o caso do D. Jacinto, da *Cidade e as Serras,* cujo mordomo, o Grillo, numa palavra faz o diagnostico terrivel: "Sua excelencia sofre de fartura!" Ou o aborrecido navegador espanhol que depois de percorrer todos os mares conhecidos, um dia descobre uma terra nova, e só então exclama: "*Gracias os doi, Señor, que me has permitido veer algo nuevo!*"

Se o Amor, se a Vida não tinham mais atrativos, — que lhe restava? A Gloria? Responda ele proprio: "... Só não te falei na gloria. Nem te falo. Rir-te-ias de mim e dela, *como eu tambem me rio.* Gloria! em nossa terra! Oh! cisnes brancos e perfumados dos vapores do céu, porque descer ao charco impuro, a nodoar os alvores, a perder os aromas? A's aves das nuvens — o céu: aos poetas — sonhos. Glorias da terra? Não te lembras do Dante, de Chatterton, de Byron? Não te lembras de Werner, poeta e grande, tambem, morto de ceticismo e desesperança sob a sua grinalda de orgia? Glorias da terra!... os aplausos da turba! enfezados loiros, o mais das vezes tressuados de sangue, salpicados do lodo do insulto e da baba da inveja".

Desiludido, desenganado, ignorando por inteiro a alegria de viver; roido pelo tédio, atormentado pela febre da excitação mental, ou pelo abatimento brutal que a sucedia; sofrendo a dôr do pensamento "a dôr que móra n'alma", para a qual só as lagrimas trazem refrigerio (15); cansado de viver, esgotado o azeite "daquela anfora maldita que se chama vida", desaparecêra nele o instinto de conservação, tão arraigado em todos os seres vivos. Tornou-se então um namorado da morte. Desejou-a, acariciava a idea do descanso final, atraía-o a curiosidade do desconhecido, a propria saudade, nostalgia indefinivel, nostalgia de um mundo que não existe, se fixava no além...

Doce amiga, está tudo concluido:
Une bem ao meu peito o teu ouvido,
Escuta como bate o coração...

Tenho aqui dentro um carpinteiro
A trabalhar durante o dia inteiro
Nas taboas de meu funebre caixão.

Vamos, mestre, trabalha sem cessar,
que estou cansado e quero repousar! (16)

Em *Eutanasia,* fragmento notavel pela fôrça da expressão, Alvares de Azevedo deixou escrito:

"E quem t'o disse — que a morte é a noite escura e fria, o leito de terra humida, a podridão e o lodo? Quem t'o disse — que a morte não era mais bela que as flores sem cheiro da infancia, que os perfumes peregrinos e sem flores da adolescencia? Quem t'o disse — que a vida não é uma mentira? — que a morte não é o leito das trêmulas venturas?"

Embóra a lembrança do suicidio muitas vezes aflorasse á sua mente, não sentia propriamente o desejo de se matar, de realizar o ato de auto-destruição: era antes uma especie de simpatia sentimental pela morte, uma atração vaga para o nada, para o não ser. Ao passo que os verdadeiros obsedados pela idea do suicidio preparam com minucia, com precisão todos os detalhes do ato violento, — eles, os neurastenicos e emotivos (observa Hartemberg) se contentam em pensar na morte. (17)

Duas crises se constatam, claras, na vida dos emotivos: a puberdade e a idade madura; a aurora e o poente da vida sexual; a chegada dos deuses e o tão temivel dominio do demonio do meio dia... A' mingua de seguras informações, podemos dar por certo que teve lugar em São Paulo a eclosão de sua vida sexual. E' possivel, mesmo, que se tivesse entregue a excessos, assim como de alcool e fumo. Mas, não tomemos a sério as suas fanfarronadas: ha noventa por cento de exagêro, ha a preo-

cupação de se fazer crer um devasso e — candida alma! — um pervertido. "Passei como D. Juan entre as donzelas!" *"A noite na taverna"*, ditou-a a sua fantasia no infantil presuposto de que o leitor acreditaria que aquela era sua vida de todos os dias e todas as noites. Além de outras razões em abono do que vimos de afirmar, bastaria esta: a falta de tempo material. Ele foi ótimo estudante, alcançou as melhores notas, conhecia como nenhum colega as materias do curso; sua obra poetica e literaria, ele só a iniciou em 1848; portanto, em menos de três anos, compôz os volumes de suas obras completas, o *Conde Lopo,* um longo poema em prosa e verso e outros ineditos. E suas leituras? Byron, Shaekspeare, Musset, Dante, a Biblia e até Homero lhe eram familiares. Tudo isto antes dos vinte anos! Não, positivamente não lhe sobrava tempo para orgias além das da imaginação...

Mas, — se a crise passasse? A molestia que o vitimou tem todas as aparencias de um acidente de origem sifilitica. E ainda neste caso, se ele tivesse resistido? Se a morte não tivesse atendido a seus apelos, se ele tivesse resistido á atração fatal para o suicidio?

Qual seria, enfim, o seu prognostico intelectual? Qual, naquele terreno tão rico, o filão mais profundo e duradouro?

Ele é realmente *um caso que poderia acontecer em qualquer parte.* Que viria a ser? Um grande poeta? "O maximo poeta brasileiro", como diziam ao seu tempo e opina José Verissmio. Ou apagar-se-ia o fulgôr de seu genio após os lampejos extraordinarios de sua mocidade?

Esta ultima hipotese, a menos provavel de todas, a nosso vêr. Alvares de Azevedo ao morrer já não era um criança prodigio, um dêsses pequeninos monstros que a inconciencia dos pais ou a vaidade dos mestres se comprazem em exibir.

Da sua psico-nevrose, da sua emotividade, da sua neurastenia (ou que melhor nome tenha a molestia constitucional que o

afligia) — jamais havia de se curar. Ainda mesmo, quando na gama fisiologica as afecções nervosas atingem as tonalidades mais graves, como a paralisia geral ou *tabes dorsalis,* — nós sabemos muito bem que até os ultimos momentos se podem conservar íntegras as faculdades nobres. Haja vista, entre nós, Diogo Feijó e Bernardo de Vasconcellos, afectos de *tabes,* sendo que o ultimo morreu de febre amarela. A paralisía geral que levou ao tumulo Guy de Maupassant e Henri Heine, não impediu que eles, ainda depois de gravemente enfermos, deixassem de produzir.

A super-emotividade póde evoluir: o emotivo quando fita o seu proprio passado, não se reconhece. O velho não se identifica com o adulto; o adulto com o jovem (Combe, loc. cit.).

Com a idade madura vem a reflexão, certo grau de serenidade calma que contrasta com a inquietude anciosa da adolescencia. Se a imaginação é uma das formas por que se revela a inteligencia, — outra é o raciocinio. No verdor dos vinte anos Alvares de Azevedo foi poeta, deu largas á sua imaginação. Na calma dos trinta, dominariam outras qualidades mestras de sua inteligencia de escol. Cuido que abandonaria a poesia. Seus versos, sua obra toda por que é hoje conhecido e apreciado e chorada a sua morte, — talvez ele a renegasse, e nunca viesse á luz. Das belas letras se conservaria o prosador, o crítico de arte e literatura, de que deixou seguras mostras. Uma das facetas de seu genio, quasi ignorada e em geral esquecida, é seu pendor pronunciado pelos estudos de direito. Embora o estudo na Faculdade fosse de molde a desanimar a mais radical vocação juridica, é memoria que ele se revelou estudante notavel; seu compendio de direito comercial — e tinha sido promulgado o Codigo Comercial, lei de 25 de Junho de 1850 — continha tantas notas que dariam para um volume. Conta-se que nas férias, no Rio de Janeiro, auxiliava seu pai, advogado de banca muito movimentada; acrescentam as notícias que todos admiravam seu tino juridico e seus arrazoados, que os mais provectos advogados assinariam.

Tornamos á pergunta: Que viria a ser, se não morresse tão moço? Perderam nele as letras patrias o seu poeta maximo? E' crer que não. Perdeu, sim, a literatura juridica um espírito profundo, fecundo, quiçá um Teixeira de Freitas, esse outro super-emotivo que os excessos de estudos e trabalhos levaram á perturbação mental. Perdeu a crítica um observador de qualidades rarissimas entre nossos rarissimos criticos literarios.

Perdeu talvez a política um grande nome. Então, dificilmente, os nomes culminantes nas letras ou ciencias resistiam á atração: o cenario político era o compêndio da aristocracia intelectual do país.

Estou a vê-lo no Senado do Imperio, representando a terra natal, ou mais provavelmente, como seu tio Silveira da Mota, Goiaz ou Mato Grosso, então simples expressões geograficas. Ou ministro de Estado, como seu primo-irmão Duarte de Azevedo. Envelheceu. O porte não mudou; os olhos, esses, absolutamente os mesmos, penetrantes, vivos, luminosos. Embranqueceu: da negra e basta cabeleira são testemunhas os fios que patinam o brilho farto da prata velha. E sôbre tudo, acima de tudo, quanta finura no gesto, quanta nobreza no todo! Teria suas fraquezas, suas manias. Mas crescera o pudor de as revelar; suas esquisitices, seus queixumes, relegava-os para o plano íntimo das relações mais chegadas, da correspondencia, das memorias ou da auto-biografia. No parlamento, ironico, mordaz, uma palavra, uma reticencia, um gesto bastavam para arrazar o adversario. A ironia se tornara o traço mais vivo de sua personalidade.

Por volta de 1880, depois de ter ilustrado com eloquencia sóbria a vida parlamentar; depois de ter enriquecido o acervo das letras juridicas, ou da legislação patria de obras inestimaveis; depois de ter deixado páginas imorredouras para a história da literatura, — teria a crise que talvez lhe fosse fatal. Então, seu epitafio não seria aquele traçado por ele proprio, e que, a ser escrito na pedra de seu tumulo, sería menos verdadeiro:

foi poeta, sonhou e amou na vida!

Poeta, sim, dos maiores, simples e espontaneo, fonte sussurrante que parece descer do coração. *Sonhou,* sonhou perdidamente, sonhou ideais inatingiveis, delícias impossiveis, sonhou sonhos irrealizaveis.

Mas não *amou na vida*: seu amor não era desta vida, era sêde que se não satisfaz, amava o amor. Ainda mesmo que o destino o ligasse a alguma mulher, ainda que, levado por paixão ou capricho, se unisse pelo matrimonio — e em geral os genios são infelizes na escolha... — ainda assim continuaria a amar uma sombra ou um anjo que não era dêste mundo.

Melhor lhe conviria, como inscrição tumular, a de Francisco Otaviano:

Morrer... dormir... talvez sonhar, quem sabe?

VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO

---

(1) **Psychologie des neurastheniques.**
(2) **La névrose émotive.**
(3) **Demifous et demiresponsables.**
(4) **Les frontières de la folie.**
(5) **L'homme de génie,** trad. franc., com prefácio de Charles Richet.
(6) **Aliénés et anormaux.**
(7) Vide em o numero de "O Jornal", dedicado a Minas, um ótimo artigo de António de Alcântara Machado: "O fabuloso Bernardo Guimarães".
(8) Apud Antonio Sérgio: **Notas sôbre os sonetos,** etc. — de Antero de Quental.
(9) André Maurois, **Aspects de la biographie,** Paris, 1930, aponta a correspondencia como um dos melhores elementos para o conhecimento da vida íntima.
(10) Combe, loc. cit., p. 126.
(11) Sôbre Alvares de Azevedo no Colegio Pedro II, vide, noutra parte desta Revista, o admiravel artigo de Escragnolle Doria.
(12) **La vie humiliée de Henri Heine,** de Camille Mauclair.

(13) Loc. cit., pags. 56 e 198.

(14) Apud Hartemberg, loc. cit., pags. 79 e segs.

(15) Não se ria dos poetas que se queixam. Paulo Mantegazza n'**A fisiologia da dôr, pag.** 181, diz que ha hipocondriacos e hysterias que sofrem os espasmos da uremia, as contrações do cancro, as cefaleas mais atrozes, a angustia da dispnea, a colica hepatica, etc., sem apresentarem nenhuma perturbação organica na bexiga, cerebro, pulmão, figado, intestino ou medula.

(16) Heine, **Intermezzo Lirico.**

(17) Loc. cit., pags. 223 — 4.

Alvares de Azevedo

Manoel Antonio Alvares de Azevedo nasceu na cidade de S. Paulo, a 12 de Setembro de 1831 e faleceu na do Rio de Janeiro, a 25 de Abril de 1852, com 20 anos e meio de idade.

Era filho legitimo do Dr. Ignacio Manoel Alvares de Azevedo e de D. Maria Luiza da Motta Azevedo.

Segundo afirmam os seus biografos, nasceu na sala da biblioteca da Faculdade de Direito de S. Paulo. Quem primeiro contestou essa versão corrente foi Almeida Nogueira, nas *Tradições e reminiscencias* (vol. 7.º), garantindo que o poeta viu a luz do dia em uma casa da rua S. Gonçalo, quasi ao desembocar no Largo da Sé. Averiguou-se, porém, que ele nasceu em casa do avô materno — Silveira da Motta — á rua Quintino Bocaiuva, esquina da Senador Feijó. (1)

BIBLIOGRAFIA

1 — *Discurso* recitado no dia 11 de Agosto de 1849, na sessão academica comemoradora do aniversario da creação dos cursos juridicos do Brasil. Rio de Janeiro, Tip. Americana de I. P. da Costa, 1849, 10 pags. in 4.º. Encontra-se na Biblioteca Nacional.

---

(1) "Revista do Brasil", n.º de Setembro de 1919, e "Comercio de S. Paulo" de 2 de Março e 10 de Abril de 1917. Silvio Roméro e Almaquio Diniz afirmam erroneamente que tivesse nascido na cidade do Rio de Janeiro.

2 — *Obras* — edição postuma, feita a expensas do pai do poeta, sob os cuidados de Domingos Jacy Monteiro que, não só as coordenou, como escreveu uma notícia sôbre o autor, com a epigrafe — "Duas palavras" — servindo-se de um caderno organizado pelo estudante, que pretendia publicar a coleção de poesias em S. Paulo, sob o título de "Lira dos vinte anos". Foram publicadas em dous volumes, respetivamente em 1853 e 1855, pela tipografia Laemmert, no Rio de Janeiro. Os dous tomos dessa primeira edição encerram: vol. I (dividido em duas partes) é precedido pela noticia escrita por Domingos Jacy Monteiro ("Duas paalvras") e consta da *Lira dos vinte Anos* e *Poesias diversas*; vol. II abrange os trabalhos em prosa e a poesia "Pedro Ivo", divulgada pelo "Arquivo Pitoresco" (tomo 2.º), de Portugal, e varios periodos do Brasil. Rio de Janeiro, Laemmert & Cia., 2 vols. de 47-206 e 363 pags. in 8.º, 1853-1855.

A 1.ª edição fez sucesso e exgotou-se rapidamente, induzindo os livreiros Garnier a cobiçar a fortuna de explorar as edições subsequentes, escudados no amparo da lei e na exclusividade das regalias de editores privilegiados. E para conseguir o resultado previsto, adquiriram o direito de propriedade das obras publicadas e das que permaneciam ainda ineditas, em poder do Dr. Jacy Monteiro. Firmado o contrato, trataram de preparar a 2.ª edição, confiada ao mesmo biografo e organizador da edição precedente. Fizeram-na, porém, em 3 volumes de 335, 370 e 329 páginas, in 8.º, com inclusão das obras ineditas e de uma poliantea dos discursos proferidos, dos panegiricos e das poesias comemorativas, que apareceram por ocasião da morte do jovem poeta. Os três volumes receberam o título geral de *Obras de M. A. Alvares de Azevedo* e os sub-titulos respetivos de: *Poesias, Prosa* e *Obras ineditas,* entre as quais foram incluidos o proseguimento da *"Lira dos vinte anos"*, o

"Poema do frade" e o *"Apendice"*. A obra foi impressa em Paris, no ano de 1862, sem revisão competente e sem as necessarias correções; inçada, portanto, dos mais grosseiros erros e dos mais feios defeitos.

Não obstante tais elementos pouco recomendaveis, a procura foi consideravel e a 2.ª edição exgotou-se de relance, determinando a providência de ser preparada a terceira no mesmo ano, impressa em Paris, sob menor formato.

A 4.ª edição, do Rio de Janeiro, apareceu em 1873, 3 vols. de 370, 356 e 418 pags., in 8.º. Foi completamente remodelada e confiada á competencia de Joaquim Norberto de Souza e Silva. Recebeu a mesma denominação geral de *Obras de M. A. A. de A.*, mas foi incluida na coleção "Brasilia" — "Biblioteca Nacional dos melhores autores antigos e modernos", publicada sob os auspicios de S. M. I. o Sr. D. Pedro II.

O 1.º volume, ornado com o retrato do poeta, reuniu o juizo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros, além de uma noticia sôbre o autor e suas obras, pelo coordenador e diretor literario da edição, com melhor classificação das produções e compreendendo as *Poesias diversas* e o *Poema do frade*. O 2.º volume abrangeu toda a *Lira dos vinte anos*, ficando reservadas para o 3.º vol. as *Obras em prosa*.

Com a mesma disposição, foram publicadas a 5.ª edição em 1884 e a 6.ª. A 7.ª, é de H. Garnier, impressa em Paris, no ano de 1900, tambem em 3 volumes assim discriminados:

1.º volume, 366 paginas, contendo: Advertencia — Juizo crítico dos escritores nacionais e estrangeiros — Notícia sôbre o autor e as suas obras — Notas — Peças elegiacas relativas ao autor — *Poesias diversas* — *Poema do frade*.

2.º volume, 356 páginas, contendo: Prefacios — *A' minha Mãe* — *Lyra dos vinte anos,* em tres partes.

3.º volume, 418 páginas, contendo: *Cartas* — *Discursos academicos* — *Orações funebres* — *Estudos literarios* — *Literatura e civilização em Portugal* — *Estudos dramaticos.*

3 — *A Noite na taverna* — contos fantasticos precedidos de um esbôço biografico pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo — 48 páginas — Rio de Janeiro, B. L. Garnier. A 1.ª edição é de Lisboa, em 1878.

4 — *O Conde de Lopo* — poema — 200 págs. — Rio de Jáneiro, Tip. G. Leuringer e Filhos, 1886.

5 — *O poema do frade* — edição da Biblioteca Universal Antiga e Moderna — Lisboa (2 edições).

6 — *D. Diniz* ou *A Bengaleida* — poema inedito.

7 — *Os Jesuitas de casaca e estola* — versos ineditos.

Não ha certeza da existencia dêsses manuscritos. Se foram realmente escritos, não se lhes conhece o paradeiro. Afirma Sacramento Blake que, no ano de 1887, viu anunciado, pelo livreiro Serafim J. Alves, o proximo aparecimento das duas obras ineditas, bem como uma nova edição especial de *A noite na taverna.*

Sabe-se, ainda, que Alvares de Azevedo compoz uma imitação, em verso, do 5.º acto do *Otelo,* de Shakespeare, e começou a traduzir a *Parisina,* de Byron, segundo as proprias declarações do poeta, em cartas endereçadas ao seu amigo Luiz Antonio da Silva Nunes. (1)

Colaborou nos "Ensaios literarios", jornal academico, que se publicou em S. Paulo, de 1848 a 1850,

---

(1) Esse mesmo amigo, nas palavras com que apresentou **O Conde de Lopo** ao público, afirmou que a digna mãe do poeta possuia grande copia de manuscritos que seriam mais tarde publicados.

e era socio benemerito e fundador do "Ensaio Filosofico Paulistano".

Encontra-se a reprodução de sua fotografia na 4.ª edição das *Obras*, na *Lira popular* (de Quaresma), á pag. 70 da *"Littérature Brésilieune"*, de Victor Orban; na *"Cronologia paulista"*, de Jacinto Ribeiro. Existe na Faculdade de Direito, uma cópia a oleo da tela de Krumoltz que só viu o poeta no leito de morte; ha, tambem, um retrato inedito, feito em Paris, dum daguerreotipo tirado quando Alvares de Azevedo contava 18 anos de idade.

FONTES PARA O ESTUDO CRITICO

Afranio Peixoto — Poeira da estrada, pag. 182.
Afranio Peixoto — Noções de Hist. de Lit. Brasileira, pags. 161, 212, e 243.
Alfredo Pujol — Mocidade e poesia — Conferencia publicada no "Estado de S. Paulo", de 13-10-1906.
Almaquio Diniz — Antologia da lingua vernacula, pag. 308.
Almeida Nogueira — Tradições e reminiscencias, vol. 7.º.
Alvaro Guerra — A' mocidade brasileira, pag. 19.
Anastacio Bomsuccesso — Biblioteca do Instituto dos Bachareis em Letras.
Anais da Academia Filosofica — Rio, n.º 2, pag. 56.
Antonio Carlos R. de Andrada — Poesia (Obras, 1.º vol. pag. 138).
Armando Prado — Conferência na Sociedade de Cultura Artistica — S. Paulo, 1.º vol., pag. 43.
Arthur Motta — Revista do Brasil.
Arthur Motta — Vultos e livros — 1.ª serie — S. Paulo, 1921.
Brasilio Machado — Oração na Faculdade de Direito, a 15-11-1892, incluida, sob o título "Os três poetas", nas "Obras avulsas", 1.ª serie.

Cartas do poeta a varias pessoas, no 3.º volume das "Obras".
Castello Branco (C.) — Cancioneiro alegre, vol. 1.º, pag. 111.
Costa Carvalho (Da.) — Poesia (Obras, 1.º vol., pag. 157).
Discursos e peças elogiosas de varios autores, na introdução ao 1.º vol. das Obras.
Duarte de Azevedo (M. A.) — Discurso, 1.º vol. das Obras, pag. 150.
Emilio Zaluar — Juizo crítico — Obras, 1.º vol., pag. 28.
Escragnolle Doria — "Alvares de Azevedo no Colegio Pedro II", "Jornal do Comercio", artigo em Abril de 1914.
Eugenio Werneck — Antologia Brasileira, pag. 521.
Felix Xavier da Cunha — Discurso — Obras, 1.º vol., pag. 134.
Fernandes Pinheiro — Curso de Literatura Nacional, pag. 560.
Ferreira França (L. E.) — Discurso — Obras, 1.º vol. pag. 190.
Ferreira Vianna (A.) — Discurso — Obras, 1.º vol., pag. 129.
Frota Pessoa — Crítica e polemica — pag. 59.
Gama Rosa — Sociologia e estetica, pag. 151.
Innocencio da Silva — Dicionario bibliografico, vol. 5.º, pag. 357.
Jacinto Ribeiro (J.) — Cronologia Paulista.
Jacy Monteiro (D.) — Duas palavras (Obras, vol. 1.º, pag. 5). Foi o prefacio das três primeiras edições.
Jacy Monteiro (D.) — Discurso, por ocasião do falecimento (Obras, 1.º vol., pag. 123).
Jacy Monteiro (D.) — Poesia — (Obras, 1.º vol., pag. 175).
Jacy Monteiro (D.) — Discurso biografico, na 4.ª sessão solene do Ginasio Brasileiro (Obras, 1.º vol., pag. 191).
João Pires da Silva Junior — Discurso panegirico (Obras, 1.º vol., pag. 143).
Joaquim José Teixeira — Discurso (Obras, 1.º vol., pag. 117).
Joaquim Manoel de Macedo — Ano Biografico, vol. 3.º, pag. 61.
Joaquim Manoel de Macedo — Prefácio da "Noite na taverna".
Joaquim Manoel de Macedo — Discurso (Obras, 1.º vol., pag. 120).
Joaquim Norberto de S. S. — Notícia sobre o autor e suas obras, lida no Inst. Hist. e Geog. Bras., em 1872.

Joaquim Norberto de S. S. — Idem (Obras, 1.º vol., pag. 29).
Joaquim de Paula Souza — Manual de Literatura.
José Bonifacio de Andrada e Silva — Poesia (Obras, 1.º vol., pag. 152).
José Verissimo — Estudos de Literatura Brasileira, vol. 2.º, pag. 35.
José Verissimo — História da Literatura Brasileira, pag. 299.
José Vicente de Azevedo Sobrinho — Alvares de Azevedo.
Julio Barbuda (P.) — Literatura Brasileira, pag. 354.
Leonel M. de Alencar — Poesia (Obras, 1.º vol., pag. 178).
Lopes de Mendonça — Memorias de literatura contemporanea, pag. 318 (reproduzido nas Obras, 1.º vol., pag. 16).
Magalhães de Azeredo — Discurso em honra a Alvares de Azevedo, Castro Alves e Fagundes Varella — 1893.
Manoel Francisco Correia — Discurso (Obras, 1.º vol., pag. 165).
Manoel L. de Carvalho Ramos — Alvares de Azevedo, drama, Cachoeira (Baia), Tip. do Guarani.
Menezes Fróes (J. Diogo) — Poesia (Obras, 1.º vol., pag. 145).
Paulino J. Soares de Souza Junior — Discurso (Obras, 1.º vol., pag. 154).
Paulo do Valle — Parnaso academico paulistano — 1881.
Pereira Roças — Poesia (Obras, 1.º vol., pag. 181).
Reynaldo Porchat — Alguns discursos, pag. 243.
Ribeiro de Almeida (M.) — Poesia (Obras, 1.º, pag. 173).
Rodrigues Costa (P. J. M.) — Poesia (Obras, 1.º vol., pag. 169).
Ronald de Carvalho — Pequena história da literatura brasileira, nas quatro edições.
Sacramento Blake — Dic. bibliog. brasileiro — 6.º vol.
Sá e Benevides (J. M. C. de) — Discurso (Obras, 1.º vol., 163).
Spencer Vampré — Alvares de Azevedo, conferência, "Gazeta" de 11 e 12-5-1917).

Spencer Vampré — História da Faculdade de Direito.
Silvio Romero — História da literatura Brasileira, vol. 2.º, pag. 195.
Silvio Roméro — Livro do Centenario, vol. I.
Silvio Roméro e João Ribeiro — Compendio de história da literatura brasileira, pag. 205.
Teixeira Junior (J. J.) — Discurso (Obras, 1.º vol., pag. 159).
Teixeira de Mello — Efemerides nacionais, vol. I, pag. 257.
Vicente de Paulo Vicente de Azevedo — "Genealogia de Alvares de Azevedo", artigo no "Jornal do Commercio" de S. Paulo — "A casa de um poeta", Cigarra, 14-6-918 — "Alvares de Azevedo era um genio?", "Jornal do Commercio" de S. Paulo, 11-7-1918 — "Um retrato de Alvares de Azevedo", no mesmo jornal, de 2-3-917 e 9-4-917 — "Alvares de Azevedo", no mesmo jornal, de 12-9-1918 — "Como um poeta morre", "Diario Popular" de 25-4-919 — "Humour", "Estadinho" de 11-6-919 — "Amores de Alvares de Azevedo", "Cigarra" de 1-6-919 — "Uma reliquia", "Cigarra" de 1-9-919.
Victor Orban — Littérature Brésilienne, pag. 69.
Viriato Catão (A. C. Carneiro) — Discurso (Obras, 1.º vol., pag. 141).
Wolf (Ferdinand) — Littérature Brésilienne, pag. 211, reproduzida á pag. 21 do 1.º vol. das "Obras".

NOTÍCIA BIOGRAFICA E SUBSIDIOS PARA O ESTUDO CRÍTICO

Impõe-se á crítica, para julgar a obra de Alvares de Azevedo, investigar três fenomenos que se integram no objetivo do julgamento. Releva, em primeiro plano, explicar o caso raro de precocidade tão flagrante de talento creador e de inteligencia percuciente, permeavel a toda a sorte de conhecimentos, mesmo dos que exigem tirocinio perseverante e longa experiencia.

As modalidades de inspiração e as afinidades de gôsto entre os mestres preferidos e os modelos aproveitados na assimilação de processos esteticos e na propria essencia do estro, como fontes de entusiasmo na imaginativa, de fantasia nas concepções, constituem a segunda ordem de pesquisas psicologicas.

Finalmente, os influxos do desequilibrio organico nesse desenvolvimento assás precóce da mentalidade, nas ideas do poeta e até no caso de sua morte prematura, exigem uma natureza especial de análise, mais de ordem clínica do que pertinente ao dominio de mera psicologia.

Não é a quantidade de produção, mas a qualidade e sobretudo a variedade, que impressiona.

Cumpre, antes de desenvolver o raciocinio, firmar bem a circunstancia de haver morrido o poeta com vinte anos e meio de idade, antes de terminar o curso juridico e após haver cursado o Colegio Pedro II, sem tempo de lazer, nem mesmo momentos de folga do espirito, além dos que ele dedicava ás suas diversões prediletas.

Alvares de Azevedo nasceu em S. Paulo, quando o pai era, ainda, estudante de direito. Concluido o curso academico, transferiu-se o jovem advogado para a Côrte, levando comsigo o filho com 2 anos de idade.

Certamente se fez a educação primária do menino em casa, como era de costume no tempo, por não haver colegios bem aparelhados e em número suficiente. Só em 1840, quando ele contava nove anos de idade, foi matriculado no colegio Stoll, do Rio de Janeiro, onde estudou durante quatro anos, assombrando o seu velho e provecto mestre, com a manifestação do prodigioso talento e por notavel aplicação no estudo de linguas e ciencias. São conhecidas as cartas que o abalisado professor escreveu ao pai, prognosticando a celebridade do filho.

Obrigado por motivo de molestia, teve de interromper o curso de humanidades em 1844, procurando o clima de São Paulo, a conselho dos facultativos. Regressou á Côrte no ano

seguinte, sendo confiado ao professor Barão de Planitz que o preparou para a matricula no 5.º ano do Colegio Pedro II, onde se bacharelou, com brilhantismo, em 1847.

No ano imediato, matriculou-se na Faculdade de Direito de S. Paulo, logrando extraordinario sucesso nos quatro anos de curso. Foi sempre aprovado com distinção e conseguiu salientar-se no estudo de direito romano e comercial, a ponto de analisar o codigo do comercio e confrontá-lo com a legislação estrangeira sôbre o mesmo assunto.

E, enquanto se esmerava no estudo das ciencias juridicas e sociaes, lia com ansiedade, desde o tempo de colegio, no internato, as melhores obras de literatura universal.

Focalizando o caso individual de Alvares de Azevedo, como exemplo carateristico de precocidade, deve-se ter em vista, antes de qualquer ilação, em face das explicações dos psicologos e dos psiquiatras, que não é licito incluí-lo na categoria dos genios, porque nele não se assinalou nem atuou o poder inventivo, a faculdade creadora.

Se, porém, se distinguir a significação do vocabulo — *genio* — pela posposição de um adjetivo restritivo, póde-se admitir a existencia do genio emocional, em paralelo ao genio creador, inventivo, organizador, de ação, etc. E, assim, admissivel será considerar-se um cientista ao lado de um condutor de homens ou de um estadista notavel; conciliam-se um filosofo, um poeta e um artista de elevadas concepções. A creação, nesse caso, abrangerá, além das faculdades variaveis de julgamento e de vontade, segundo a exigencia de Max Nordau, para classificar os super-homens, os exemplos como Alvares de Azevedo. Haverá, então, a possibilidade de se compreender na limitada classe dos dominadores das multidões e da materia, dos creadores de uma nova doutrina, de uma teoria moderna ou de lei cientifica, anteriormente desconhecida, os pensadores, os poetas e artistas de elevado surto.

Ha, portanto, necessidade imperiosa de se incluir entre as faculdades indicadas por Nordau, como necessarias na ca-

raterização do genio, outra faculdade creadora, por excelencia exigida em todos os casos, segundo Ribot, isto é, — *a imaginação.*

Mas ocorre indagar, antes de explicar o fenomeno da precocidade: Alvares de Azevedo podia ser examinado como a manifestação de um caso de genio? Creio que não.

Possuia, é verdade e portanto forçoso de admitir, em larga escala, as qualidades matrizes do genio emocional. Era dotado de superacuidade de inteligencia que se transformou em talento, pela cultura do cerebro; não se lhe nota, porém, na obra nenhum traço de capacidade genial, porque o seu espirito permanecia ainda na fase das influências externas, sob o dominio e a fascinação que nele incutiam os mestres prediletos, os autores favoritos, as leituras que o impressionavam. Não era ainda um escritor representativo, de individualidade propria, bem marcada, tivesse embora a aptidão de se distinguir no meio em que vivia, manifestando uma diferenciação no lirismo brasileiro.

Consoante a formula de Moreau de Tours — "o genio é uma nevrose" — reclama-se para o jovem poeta paulista a classificação que lhe foi prodigalizada, quando expirou, porque ele possuia em alta dóse a excitabilidade nervosa e a morbidez dos estados afetivos, sempre exagerados e muito expressivos.

Súbito lhe veiu o presentimento da morte prematura. Notava a coincidencia de falecer todos os anos um quinto anista e escreveu em uma parede os nomes dos ultimos bacharelandos mortos, deixando, em seguida ao ano de 1852, uma longa reticencia.

E a idea funebre não mais lhe abandonou o cerebro.

Transmitiu o vaticinio a amigos e colegas, escreveu poesias alusivas ao agouro funesto e entregou-se a um trabalho febril, em vigilias prolongadas, preparando o seu legado á posteridade.

No leito mortuario, momentos antes de exalar o último suspiro, teve o cuidado de afastar a mãe idolatrada daquele

ambiente de tristeza, e conservando bem juntos de si o pai extremoso e o querido irmão, exclamou: — Que fatalidade, meu pai!

Desde menino manifestou decidida vocação pela poesia. Consagrava não só os momentos de lazer, como noites inteiras, á produção literaria, sem prejuizo dos estudos.

Era muito afetivo e devotado á familia, como demonstra na correspondencia epistolar e em varias poesias: "A' minha Mãe", "Se eu morresse amanhã", entre outras.

De natureza morbida, desequilibrada de origem, e enfraquecida pelas vigilias, durante as quaes lia e escrevia, buscava a solidão e manifestava desvarios de espirito.

Encarado sob essa feição, confirma a teoria sustentada por varios autores, desde Aristoteles a Lombroso, e condensada na formula expressiva de Moreau de Tours, de ser o genio a manifestação de uma nevrose.

Além da decantada precocidade, analoga á de Chatterton, Schiller e Byron que foi o seu idolo, o seu paradigma, revelou Alvares de Azevedo um desequilibrio organico que, certamente, lhe influiu na vida psiquica e intelectual.

Dotado de inteligencia robusta e ativa, era propenso a idealismo e nutria a crença por indole, embora a tivesse consolidado na educação subordinada a um regimen religioso.

A sua tão comentada vida boemia, os seus desregramentos de moço, eram mais devidos ás aparencias do que á realidade. Contraiu a fama pelo seu lirismo cetico e lascivo, pelo culto que devotava ao creador de Childe Harold e pela exteriorização de pensamentos satanicos. Mas a sua vida de boemio foi mais subjetiva do que objetiva, mais literaria do que real.

Externava blasfemias de um gozador epicurista, ostentava ceticismo em temas de amores e lamentava não haver encontrado mulheres puras, porque só deparava com *Messalinas*.

Além de acuidade de talento e de inspiração antecipada, conseguiu rara intensidade de cultura, no meio em que vivia. Lia muito e assimilava bem o que lia. Os seus autores favo-

ritos eram Byron, acima de todos, Victor Hugo, Musset, Lamartine, Shakespeare, Tasso, George Sand, Shelley, Espronceda, Vigny e Heine. Mas hauria a inspiração na fonte, pois conhecia varios idiomas e era muito versado nos classicos, principalmente da literatura portuguesa.

Em quasi toda a sua produção da *"Lira dos vinte anos"* e das *"Poesias diversas"*, revelou excelentes qualidades de lirico genuino, com a essencia do lirismo brasileiro, mixto de de amor e de tristeza, de carícias e queixumes, de anseios e desilusões. Mas assumiu afeição byroniana em *Gloria moribunda*, em *O poema do frade*, nos *Hinos do profeta*, em *Conde de Lopo* e em quasi toda a segunda parte das *"Liras"*. Assim, tambem, nos contos de *A noite na taverna*, externou-se numa superfetação de maneiras de Byron, cultivando o satanismo em fantasias loucas, com o desregramento dos artistas ecentricos ou desequilibrados, segundo as concepções fantasticas e extravagantes de Hoffmann e Poë, bizarro como Baudelaire e sugestivo como Goya em suas telas admiraveis de originalidade e de poder emotivo.

Como crítico, externou as suas predileções, firmou a sua compreensão estetica e sua indole literaria. Revelou o seu talento vibratil, na apreciação dos assuntos tratados, e o seu espirito erudito, forrado de leitura escolhida e de fina estesia. Mas foi enfatico e exagerado, cedendo aos impulsos da juventude e do seu temperamento voluvel e irrequieto.

Os seus estudos literarios convergem para as suas predileções e traduzem as suas afinidades.

Admirava, em Lucano, o poeta que soube contar os fatos da Roma do seu tempo; e, nesse ponto de vista, louvava o poema-cronica da *Pharsalia*, pelo relêvo de colorido e pela energia do estílo descritivo. Apreciava o poeta pelo brilho de expressão, pela eloquencia de sua narrativa.

A George Sand dedicou algumas paginas de entusiasmo pela mulher que soube pensar como homem e amar como mulher ardentemente sedutora. Carater viril com delirios de um

sentimentalismo feminino, segundo a expressão do jovem poeta, soube definir-se, em suas creações artisticas, com manifestações proteicas de pensamento e de sensibilidade.

Não podia separá-la de Musset, a quem rendeu o culto da sua intensa admiração, apreciando-lhe a descrença, em confronto com a de Byron, Shelley e Voltaire, e a genial inspiração, contida nas paginas de *Jacques Rolla.*

Alvares de Azevedo, porém, não se limitava a procurar emoções nos poemas estrangeiros e adquirir cultura no trato com os mestres mais representativos da aristocracia do espirito. Dedicava-se, tambem, a investigar as origens da nossa civilização, a estudar as fontes da nossa individualidade literaria, conforme demonstrou com o ensaio sôbre a *Literatura e civilização em Portugal.*

O dramatista legou-nos uma tentativa — *Macario* — promissora de obras de maior vulto.

Para ele, o protótipo de sua concepção dramatica "seria alguma cousa entre o teatro inglês, o teatro espanhol e o teatro grego". Do primeiro iria buscar as paixões ardentes de Shakespeare e Marlowe; do segundo, procuraria o bafejo da imaginação de Calderon e Lope de Vega; a simplicidade de Esquilo e Euripedes seria o principal atrativo do terceiro. Procederia como Goethe e Schiler, que se serviram dos mesmos condimentos na formação do teatro alemão.

O orador reflete-nos o estilo dos discursos academicos, impregnados de erudição histórica e literaria, como os que proferiu na sessão para comemorar a fundação dos cursos juridicos no Brasil e na instalação da Sociedade Academica, a 9 de Maio de 1850.

Alvares de Azevedo havia preparado uma coleção de poesias que pretendia publicar, sob o título de *"Lira dos vinte anos"*, de parceria com Bernardo Guimarães e Aureliano Lessa. Não o realizou, porém, impedido pela morte prematura, que tambem arrebatou o terceiro colaborador.

Dos poetas da geração romantica, distingue-se Alvares de Azevedo como o mais erudito, inclusive Gonçalves Dias. E essa asserção ganha realce, se atentarmos na idade com que ele faleceu.

A coletanea de suas obras não obedeceu ao criterio do autor, excepto na parte relativa á *Lira dos vinte anos,* nem abrange todas as suas producções, pois nela não figuram algumas que permanecem ineditas, nem *O Conde de Lopo.*

Existe na obra poetica de Alvares de Azevedo duas correntes distintas: a do ceticismo e a do lirismo espontaneo. A primeira, mais de influxo literario do que proveniente da propria indole, deriva-se principalmente de Byron, cuja obra exerceu no espirito do adolescente, em certo momento de sua formação intelectual, quasi um predominio.

E' forçoso convir que a influência externa, de procedencia literaria, nele encontrou o terreno bem preparado a germinar e florir. A sua melancolia ingenita, a morbidez de sua compleição, o desequilibrio organico e a natureza do seu talento, não podiam isentá-lo do que se convencionou chamar o mal do seculo, como expressão do sentimento de tristeza, de inquietude, de dúvida e de amargura, na literatura da primeira metade do seculo XIX.

Deleito y Piñuela — professor catedratico da Universidade de Valencia — estudou com proficiencia a etiologia do mal e precisou-lhe os sintomas com análise profusa e espirito crítico.

O genio sombrio de Byron que já recalcava impulsos anteriores, refletiu-se em outros temperamentos enfermiços contemporaneos e propagou-se no mundo intelectual, como fenomeno quasi generalizado — verdadeira epidemia do espirito — a ponto de provocar o diagnostico de Max Nordau.

Alvares de Azevedo que conhecia varias linguas e podia lêr no original as obras primas do seu tempo, não poude isolar-se, contraiu a mesma enfermidade da alma, tornou-se cetico. Como elementos de perturbação, atuaram o trabalho intelectual

intensivo e desordenado, durante longas e repetidas vigilias, e as emoções sentidas na leitura das obras de Byron, Musset, George Sand, Heine, Shelley, Espronceda e outros autores.

Acresce, ainda, a influência do meio, dos seus companheiros e colegas da Faculdade de Direito, na vida boemia de S. Paulo. Muitos outros poetas sentiram a infiltração do ceticismo filosofico, dessa maneira pessimista de encarar a vida, com descrença, irrompendo a revolta contra as convenções sociais e os preceitos da moral cristã, para dar ensanchas aos vicios, ás desordens do sensualismo e da intemperança.

A ele aplicar-se-ia, com justeza e muita propriedade, o metodo de crítica inspirado na psicanalise, á maneira de Freud e seus proselitos, se melhores informes e insuspeitos testemunhos viessem firmar-lhe o temperamento e coadjuvar o julgamento da obra pela psicologia sensual ou pelos instintos sexuais do autor. Não me aventuro, porém, a recorrer a semelhante metodo, mesmo porque não lhe reconheço infalibilidade de exito nem exclusividade de aplicação.

Mais pela extravagancia de suas concepções poeticas, definidas no ambito das de Byron e Musset, do que pela sua inspiração natural e espontanea, foi Alvares de Azevedo apreciado pelos moços do seu tempo, pelos boemios que o imitavam e pelos estudantes que o admiravam e louvavam. E a sua popularidade permaneceu sempre adstrita em um ambiente de intelectualidade, nos meios academicos e literarios, sem grangear a estima geral, como sucedeu a Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu, para só falar nos romanticos mais lidos e queridos pelo povo.

No emtanto, além da poesia inspirada na leitura dos poetas de sua predileção, ele escreveu muitas, em lirismo sentido e simples, oriundo do proprio coração e exibindo a alma sem os refolhos artificiais do erudito que muito leu e sentiu as obras alheias.

Na expansão do seu lirismo revela anseios de amor, sem demonstrar haver amado determinada mulher. Não escreveu

sob o influxo de um amor puro, de que só sentia os efluvios, sem nunca lhe haver experimentado o sopro estuante, o ardor da chama.

As frases e as imagens de que se serviu para exprimir os seus anhelos de amor sublime, denotam a placidez de sentimentos, a quietude da alma. Manifestou mesmo predileção por certos vocabulos, tais como: lua e luar, noite, mar, ondas e vagas, céu, anjo, vento, sonho, ilusão, beijo, seio, peito e coração.

Mas observa-se em grande parte de sua produção poetica a preponderancia da descrença, sob o disfarce da dúvida ironica de um desiludido que tivesse experiencia do mundo, ou a quem a imaginação doentia só vibrasse em atmosfera de tristeza.

Ha, nas paginas que ele escreveu sobre Musset, subsidios inestimaveis para o estudo da personalidade artistica de Alvares de Azevedo, principalmente na parte em que ele confronta a descrença em Byron, Shelley, Voltaire e Musset. Definiu o ceticismo como a resultante da luta entre a crença e o marasmo, entre os sonhos de amor, os anseios de gloria e o desalento. E, depois de analisar as modalidades da descrença em cada um, acentuou que em Musset ela "é mais suave, aérea, de uma melodia que canta intimamente", porque o autor de *Rolla* "sonhou mais que sofreu, teve mais agonias no cerebro que no coração".

Aplica-se, com precisão, o conceito no julgamento do ceticismo de Azevedo. E' mais de essencia intelectual, do que de origem sentimental. Proveiu mais dos sonhos, dos ideais, que dos sofrimentos. Não ha negar, porém, que as concepções do *Poema* do *frade,* de *Macario,* da *Noite na taverna,* de *Boemios* e do *Conde de Lopo,* encontraram na alma doentia do poeta um meio propício á germinação. As leituras das obras de Byron, Shelley e Musset deviam atuar no espirito de Azevedo com os efeitos observados; nele incutindo a duvida, a descrença e o desalento.

No último poema que escreveu — em *Conde de Lopo* — ha um prefácio que, como depoimento pessoal, tambem coadjuva a crítica a formular o julgamento sôbre o poeta e a propria obra. Nesse documento ele proclama que o fim da poesia é exclusivamente o belo. Insurge-se contra o criterio da moral, num apêlo á obra dramatica de Victor Hugo, de quem era profundo admirador, para realçar a beleza nos temas repugnantes.

Reconhecia três especies, três modalidades, três fontes de beleza: o belo ideal, o belo sentimental e o belo material. E manifestava predileção pela segunda, pela beleza sentimental, mas em sua obra multiplicou exemplos das três.

Nele o belo ideal se acha fartamente representado na estesia que lhe causaram as obras dos grandes poetas, por ele lidas e sentidas com fervor religioso. Encontra-se difundido na parte mais intelectual de sua obra, naquela em que transparece o influxo dos processos esteticos, em que predominam as emoções causadas por Byron, Musset e outros poetas da sua predileção.

O belo sentimental está fortemente impregnado no lirismo puro e desataviado da maior parte de sua obra, com especialidade em quasi toda a primeira e terceira partes da *Lira dos vinte anos* e em algumas produções das *Poesias diversas*.

Do belo material, isto é, da poesia descritiva, resaltam exemplos flagrantes em "Crepusculo do mar", "Crepusculos nas montanhas", "Panteismo", "Na minha terra" e outras mais.

Alvares de Azevedo é a figura primaz da terceira fase do romantismo brasileiro, como foram Domingos Gonçalves de Magalhães, da primeira, e Gonçalves Dias, da segunda. Foi o protagonista de denominado periodo do ceticismo na poesia nacional, o chefe da escola paulista e o vulto mais representativo da primeira boemia. A sua poesia participa do carater objetivo e subjetivo. O seu lirismo apresenta varios matizes: do idealista apaixonado; do satanista extravagante, nas desor-

dens dos sentimentos e na manifestação do pessimismo; e do humorista, na feição inglesa de Byron e na alemã de Heine, isto é, do cultor do *humour* que se integrou, entre nós, na obra de Machado de Assis.

Teria sido um genio, na verdadeira acepção do vocabulo, se não tivesse sido tão precocemente arrebatado pela morte.

ARTHUR MOTTA

O drama academico de Alvares de Azevedo

A Academia de Direito de S. Paulo exerceu profunda influência no espirito de Alvares de Azevedo. Sentiu-se prêso a ela, como em sua patria originária. E se o comum dos estudantes via nas vetustas arcadas um templo de idealismo, um centro de projectos sentimentais e sonhos, Alvares de Azevedo, destacando-se dêsse comum, se via nela a realidade dura do seu destino, a vida vivendo como se manifesta no tragico quotidiano.

Poeta integral, dotado, portanto, de uma sensibilidade delicadissima e de uma imaginação cheia de prodigios, tinha, porém, a chamá-lo ao mundo objetivo, o grave edificio do Largo de São Francisco, a razão unica da alegria daquela acanhada e provinciana paulicea de 1848, de ruelas estreitas, casões de beirais e chacaras infindas, com muros de taipa.

Moços vinham do norte ou do sul, do interior da provincia, com a imaginação cheia de planos, que a Academia evocava. Era a escola dos doutores e o ninho alegre dos poetas. E o mundo, para os moços que iam para o estudo, estava nas mãos dos bachareis e dos poetas.

Alvares de Azevedo não podia seguir por esse mesmo caminho e ter essa mesma idealidade. Era filho de um bacharel e de um bacharel que exercia a profissão, com todas as suas vantagens e desvantagens. E nascera na Academia. Uma

lenda confusa se fizera então em tôrno de seu nascimento. E diziam que por ter nascido entre as paredes imensas do velho convento, onde reboava a alegria dos moços e a sabedoria de professores ilustres, deveria ser, ao mesmo tempo, um grande poeta e um grande doutor.

Estimulado pela vida seu impulso sentimental, numa epoca de verdadeiro integralismo romantico, avançava resoluto e audacioso. Seu espirito procurava a maxima liberdade, numa luta constante com os acontecimentos. Mas a Academia fazia parte de seu destino. Estava ligado a ela, como á sua sombra. E, como aos outros, fomentava a poesia, só nele, diversamente, fomentava a poesia do desencanto.

Procurando estudar freneticamente, com a mesma sofregui-dão com que compunha seus trabalhos literarios e suas poesias, a Academia assim só influiu beneficamente no genio de Alvares de Azevedo. Mostrando-lhe o destino adivinhado, mostrando-lhe os compromissos que tinha para com a vida, a velha Faculdade foi um dos estimulos maiores do poeta paulista.

A época era byroneana. Musset era recitado e imitado. A atitude elegante pautava-se na do revoltado "fin de siècle". Na cidade, sem encantos urbanos, de reuniões familiares, com discursos e recitativos, crochets e doces, quitutes e petiscos, conversas sonolentas de padres e professores nas portas das boticas, havia essa petulancia escandalosa, profundamente discordante com o meio. Era uma raiva contra uma civilização que não havia, era um protesto contra uma cultura fiticia. Era uma travessura inexplicavelmente morbida e que acabou por produzir vítimas choradas.

No ano em que se matriculara Alvares de Azevedo, matricularam-se na Faculdade trinta e quatro alunos, turma que, com maior ou menor intensidade, participava das mesmas esturdias nas republicas e fora delas, lá pelas bandas da chacara dos Ingleses. Fugia de um tedio inesplicavel, de presentimentos absurdos e tragicos, enquanto que a media da população se preocupava com a desordem política do país, de norte a sul, que

corria desde 1817. A fantasia e a imaginação desenfreada penetravam em todas as atividades da juventude academica e literaria. As discussões e os planos, quer em arte, religião ou direito estavam submetidos a esse refrão. E Alvares de Azevedo, precoce em tudo, era a expressão mais nitida e mais colorida dêsse movimento.

A insegurança era geral, a superficialidade em tudo, uma descrença crescente nas instituições politicas, conforme o expressivo protesto de Timandro: "... o povo engeitado geme sob as cargas dos tributos que exige a dívida de 400 milhões dispendidos na bela empresa de afogar em sangue seus clamores e de enriquecer seus inimigos; a nação envilecida, despresada, conculcada por uma côrte, que sonha com o direito divino e só respira a aura comovida da baixeza, da adulação e do estrangeirismo; nada de generoso, de nacional e de grande..."

O espirito de rebeldia e de desconfiança no futuro espraiava-se por todas as esferas da vida e iam, então, encontrar um éco no tresvarios dos poetas. Alvares de Azevedo, menino ingenuo ainda, num meio acanhado e caipira traduz para o português os tormentos wertherianos. Sofria, sem saber porque sofria. O seu destino era cultuar a dôr e apagar todas as lampadas festivas de sua mocidade mal iniciante.

Mas nele, ha, na realidade, um drama profundo. Ha nele uma inquietação torturante, que vem do dualismo de sua personalidade, dos conflitos seguidos em sua conciencia, entre o homem que vê e pensa e o homem que sente. Por isso, ás vezes, o vemos perdido de si mesmo, como uma pobre náu desgovernada:

Parece-me que vou perdendo o gôsto,
Pelo corredor, sem companheiros,
Sem lêr, nem poetar...

Torna-se um inadaptado. E os improvisos morais de sua alma parecem refletir os improvisos morais do país de seu tem-

po, com uma curiosa civilização de fachada. O bacharel luta com o poeta. E a Academia de Direito continua penetrando em seus destino, cada vez mais, cada vez mais.

Tinha uma capacidade rara para o estudo. Sua inteligencia viva, atenta, rapida e permanente, facilita o bom estudante, o otimo estudante. O seu curso de humanidades no Pedro II fôra admiravel. Tivera bons mestres, tivera bons ensinamentos. Fizera aliás "figura", desde menino. Com dez anos apenas escreveu seus primeiros versos em francês. E o circunspecto dr. Stoll, diretor do Colegio Stoll, tivera a oportunidade de escrever ao pai de Alvares de Azevedo: "Seu filho é a capacidade intelectual mais rara que tenho encontrado, na America, em creanças."

Na Faculdade tambem se mostrara um otimo estudante, desde o primeiro ano. E tanto se adeantou nos estudos das questões juridicas, que seu pai lhe confiou serviços de responsabilidade e com eles obteve decisões judiciais favoraveis.

Não fez mais, porque não pôde. Mais não se distinguiu, porque quando passou pela Academia, essa atravessava uma longa crise. De 1848 a 1852, a direção da Academia se tornara, verdadeiramente, acefala. E isso influia, por certo, no encaminhamento geral dos cursos juridicos. Os lentes, com raras excepções, eram de cultura avelhantada e maçuda. As aulas de direito natural do dr. Brotero espantava os moços com os problemas metafisicos e com as impertinentes citações em latim. Para essa mocidade mordaz e descrida, que glorificava Voltaire e aplaudia todos os libertarios mentais, o direito eclesiastico, pacientemente imposto pelo padre Anacleto Coutinho, não tinha sentido. E o direito civil e o direito criminal e o direito comercial eram os laconicos estudos de leis, das cacetissimas fontes portuguesas e romanas, os textos de Gaio e as Ordenações do Reino, com o Manuel Dias, com o Conselheiro Cabral ou com o dr. Falcão.

A Academia valia mais como Academia, como centro cultural, como centro de interesses. O estudante, propriamente, não

estudava. Aprendia a viver á bela moda romantica e tinha, afinal, a carta garantidora de uma situação de destaque.

Alvares de Azevedo, apesar de sua intensidade poética, apesar de sua mordacidade, apesar de sua boemia absoluta, levava a Academia a serio. O curso no Pedro II fôra mais proficuo como preparatorio. O curso academico, porêm, com todas as suas deficiencias, era o curso de seu destino. Não se sabe bem se efetivamente nascera numa das grandes salas do velho Convento. Jacinto Ribeiro, na "Cronologia Paulista" (part. I, pag. 467), chega a afirmar categoricamente que a Academia guardara em suas paredes os primeiros vagidos de Alvares de Azevedo. Ha desmentidos, com aparencia logica e, com esses desmentidos, a afirmação de que o poeta nascera prosaicamente numa modesta casa da rua S. Gonçalo, proximo ao Largo da Sé.

Porêm essa lenda de nascimento na propria Academia valia mais e muito mais como um simbolo. A Academia estava na sua vida. Acompanhava-o desde o nascimento. Se nela não nasceu, tudo estava disposto "como se" tivesse efetivamente nascido. Era ele o poeta da Academia e tinha que ser tambem o verdadeiro doutor da Academia. Esta era a "sua" realidade. A determinação emocional de sua existencia. Advogava porque tinha talento para tal e porque era uma obrigação de filho da Academia. Os lentes não o impressionavam. Muito menos as longas preleções diarias. Tinha planos audaciosos de estudo e, para atender a sua sêde de curiosidade, lia muito, lia tudo o que encontrava, como se fosse aquelle amargurado Papini do "Un Uomo Finito". A's vezes, nem ia á aula. E na aula era um abstrato e um desatento, olhos vagando pela sala, presos ora na paizagem que se formava no retangulo da janela, ora sem fixação alguma, "voltados para dentro", como os olhos de Quincas Borba, a impressionadora creação de Machado de Assis. E se não estava nessa atitude, de canivete em punho, riscava no banco o seu nome ou as iniciais da namorada...

Chamado á lição, dava conta, brilhantemente, do recado, sem rodeios e dificuldades. E isso porque, além de sua vivacidade,

tinha a inquietação do conhecimento. Ia além do programa lento e complicado do dr. Brotero e das lições sem novidade do Conselheiro Cabral.

Estudava, estudava. Mas estudava para viver a Academia, no seu conjunto, em seu quadro historico, em seu presente transitorio. Vivia aquela Academia onde estudara seu pae e onde, por um capricho do destino, diziam ter ele nascido. Vivia enfim, a "totalidade" academica, a atuação das grandes inteligencias e das grandes emotividades, com a pressão dos grandes mortos, que ali permaneciam, constantemente evocados, como sombras necessarias e queridas.

Convivia com os livros de história, de filosofia, com os tratados juridicos. Sabia direito civil e comentava, como um jurista, os textos legais. Era, assim, um advogado precoce, como era tambem um precoce poeta.

O poema de sua vida estava nisso e nisso se resumia. A fatalidade tomava, em tôrno dele, formas sensiveis, tramando com a Academia as linhas de sua existencia.

Em horas claras via o destino bom, o horisonte fugindo, crescido e amplo, para conter todos os projetos de conquista. Mas depois se perturbava. A visão se turvava. E o ansiado entregava-se a todos os caprichos de sua ansia. A sua vida nunca passaria de uma vida academica. A namorada, que lhe sorria todas as tardes, era a namorada do academico, que fazia versos sentidos. A Academia, mais forte para o seu destino, do que o seminario para Ernesto Renan.

Cavaleiro, quem és? que misterio...
Quem te força da morte no imperio
Pela noite assombrada a vagar?

O fantasma:
Sou o sonho de tua esperança,
Tua febre que nunca descança,
O delirio que te ha de matar!...

E os anos iam correndo. Outros moços entram para a aprendizagem do direito. Vê a figura de outros mestres e vozes de outros colegas. Já está em meio da jornada... Conquistára boas notas e segue para o 4.º ano. Vai finalizando o seu curso. Mas como ouviu outras vozes, deixou de ouvir muitas. Moços melancolicamente vão morrendo. Em 1851, ruma para o Rio, em companhia de seu pai. Estava mais taciturno e mais recolhido. Sente saudade da vida, uma saudade antecipada:

E' doce na minha terra
Andar cismando na serra
Cheia de aroma e de luz.

E ao sentir de novo a fatalidade de seu destino, revolta-se e insulta a vida:

A vida é uma comedia sem sentido...

A cruciante idea fixa dos ultimos tempos de sua vida vai tomando formas imprevistas:

E' uma visão medonha uma caveira?
Não tremas de pavor, ergue-a do lodo.
Foi a cabeça ardente de um poeta...

No proximo ano seria quinto anista. E seu destino se realizaria afinal. Era o quinto anista que ia morrer, como morrera o seu amigo, em plena mocidade, o quintanista Feliciano Duarte. A Academia que lhe dera a vida, dar-lhe-ia a morte:

Eu deixo a vida como deixa o tedio
Do deserto, o poento caminheiro...

Era ele "o poento caminheiro". Tem a certeza irracional da morte:

... eu bem sei
que morrerei.

Ficou doente. Sofreu durante quarenta e cinco dias. Era mocinho. Quasi menino. E, no dia 25 de abril de 1852, morreu. Era uma tarde romantica, cheia de sombras no céu. Pediu á sua mãe que se retirasse do quarto para não assistir ao seu desfêcho. Com a previsão tragica se realizando, levantou-se do leito, num extremo esforço para beijar as mãos de seu pai: — *Que fatalidade, meu pai!*

MOTTA FILHO

Alvares de Azevedo e os charutos

Alvares de Azevedo não teve tempo de ser monotono nos seus duzentos e quarenta e sete meses de vida. Fez uma boemia respeitosissima. No mais era um dandi sereno, cantando serenatas e recitando versos nas festas de aniversario. Nascendo no ano da abdicação e morrendo em 1852 conseguiu realizar tanto que não explico a utilidade de certos macrobios literarios.

Um seu habito ficou-me na lembrança. Gostava de fumar. Morrendo moço devia ter agradado aos deuses segundo a fraze. Mas é mentira. Não atino pelo agrado divino para Cesar Borgia e aquele Guido Bardi que Wilde assassinou numa tragedia.

Mas o fumo para Alvares de Azevedo, se contarmos bem os seus temas, é o maior. Não vou citar aqui as páginas de George Sand, Santo Tirso, o cachimbo de Mark Twain, de Maupassant, de Baudelaire, o cigarro de Barrés, de Anatole, de Faguet, de Prevost que estariam livres do inferno se fosse peccado não fumar. O seculo XIX era o tempo dos grandes fumantes. No Brasil só não fumava o sr. dom Pedro II. Uns menos e outros mais. O visconde de Sinimbú fumava um charuto por dia e Paula Nei uns trinta, se a tanto chegasse a paciencia de quem os fornecesse. José do Patrocinio até Alcino Guanabara, Bilac e Raimundo Corrêa, mestre Tobias Barreto, o poeta Castro Alves, Silvio Romero, toda gente fumava. A inconografia literaria portugueza trazia o cigarro tuberculoso

de Eça de Queiroz junto á chaminé do Ramalho Ortigão. E para hoje nós sabemos do cachimbo de Einstein, do charuto de Bernardo Shaw, camelot de Satanaz, o habito de Jorge V, do papa Pio XI, do rei Alberto.

Alvares de Azevedo fumou e soube cantar os charutos. Não o chamo poeta deles para não imobiliza-lo na lista lugubre do cisne de Recanati, aguia de Haia e mais partes.

No "Poema do Frade", canto terceiro, ha o elogio clangorado e sincero:

E no meio do mundo prostituto
Só amores guardei ao meu charuto.

A estrofe IX:

E que viva o fumar que preludia
As visões da cabeça perfumada!
E que viva o charuto regalia!

Viva a trêmula nuvem azulada,
Onde s'embala a virgem vaporosa!
Viva a fumaça languida e cheirosa.

Das estrofes IX a XIII o diapasão é o mesmo:

Oh! meu Deus! como é belo entre a fumaça
No delicioso véu que as anuvia
Ver as formas lascivas da donzela
Entre o véu transparente que esvoaça,
Nadando nesse vaporoso dia
Bailando nua, voluptuosa e bela.

. . . . . .

E quando aos labios o charuto finda
E a languida visão num beijo passa
E o perfume os cabelos nos repassa,
Como é belo no azul da nuvem linda
Entre vapores madornar... e ainda
A vida renascer noutra fumaça!...

Aqui está o direito-natural do tabagismo. E' o verso XVII:

E o amor muitas vezes aos labios mente:
Tem cores de maçã e é dentro infecta.
E cinzas nos labios deixa-nos sómente!
Além o seio, o coração corrupto
Que desmentem o sonho do poeta
Só tu não mentes não, ó meu charuto!

Verlaine ou Baudelaire elogiar o cachimbo não se perdoa. Tiveram eles vicios insubstituiveis e requintados. Perdoa-se a Daudet. Este é que tinha o seu moinho, o sol da Provença e o direito de nodoar o céu claro com o fumo. Demais o cachimbo lhe fôra dado por Flaubert. A unica cousa que eu não usaria presenteada por Flaubert seria uma forca. O cachimbo de Flaubert inda fôra comprado por Gautier.

Nas "ideas íntimas" Alvares de Azevedo lembra Cesario Verde sem as rimas e as pinceladas flamengas nos caes lisboetas. Diga-se de passagem que Cesario Verde fumava. Ia aos três maços de cigarros diarios quando estava entediado:

Eu hoje estou cruel, frenetico, exigente,
Nem posso tolerar os livros mais bizarros.
Incrivel! Já fumei três maços de cigarros
Consecutivamente.

Alvares de Azevedo narra, sereno e fiel:

Dei-me agora ao charuto em corpo e alma.
Debalde ali dum canto um beijo implora
Como a beleza que o Sultão despreza
Meu cachimbo alemão abandonado.

Fecho os olhos para ver melhor o fim daquela tarde paulista. Ha no céu fulvo e negro brusquidões de relampago e as grandes manchas da treva sinuosa. Naquele quarto de estudante, longe de mim e dos outros de agora, inicia-se a ameaça dum trabalho noturno:

Eu me esquecia...
Faz-se noite: Traz fogo e dous charutos
E na mesa do estudo acende a lampada.

E quasi vejo aquela fina cabeça de homem moço, curvada numa curiosidade para o livro aberto. Que livro? Lobão ou Byron? Perto a luz ensopa de oiro claro o aposento e sobe no ar o fio espiralado da fumaça.

Em "spleen e charutos" Alvares de Azevedo compara a leviandade da "creatura vaporosa"

A' leve fumaça de um charuto...

Raramente o poeta menino adota a divisa do Dom Juan que ele tanto cita, "drink and love". Quasi sempre dispensa o vinho e o substitui pelo fumo.

Na conversa embriagada que inicia a *Noite na Taverna,* quando um dos convivas quer o "fichtismo na embriaguez" e beber á imaterialidade dela, outro o consola porque se "o vinho acabou-se nos copos, o fumo ondula ainda nos cachimbos" e mudando o brinde, numa mistura impressionante, digna dum Rimbaud, bebe "ao fumo das Antilhas, á imortalidade da alma!"

E' no fumo que encontra a sua delicia, não no vinho:

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso
Nas noites de verão namoro estrêlas
Sou pobre, sou mendigo, sou ditoso!

E era mentira. O mendigo tinha casa, candieiro e livros. Quando não o vitimava o "pezadelo classico do estudo", abria um dos favoritos, Dante, Byron, Shakespeare e a Biblia. O charuto acalmava-o e estimulava-o. Huxley dizia que não fumava por ter fumado muito, metodo inaplicavel aos grandes pecadores. Para Alvares de Azevedo, num confronto de vicios amaveis, nenhum vale o charuto:

Um mancebo no jogo se descora.
Outro, bebado, passa noite e dia,
Um tolo pela valsa viveria,
Um passeia a cavalo, outro namora.

Um outro que uma sina má devora,
Faz das vidas alheias zombaria,
Outro toma rapé, um outro espia...
Quantos moços perdidos vejo agora!...

Oh! não proibam, pois, no meu retiro
Do pensamento ao merencorio luto
A fumaça gentil por que suspiro,

Numa fumaça o canto d'alma escuto,
Um aroma balsamico respiro,
Oh! deixai-me fumar o meu charuto!...

Aqui está, sem tirar nem pôr, o elogio do charuto. Faltava êste para a coleção dos singulares. Horacio fez o elogio

da mediocridade, Maeterlinck, das abelhas, Virgilio, do mosquito, Ovidio, da palmeira, Favonio, da febre, Sinesios, da calvice, Luciano de Samosata, da mosca, Tobias Barreto, do perú. Alvares de Azevedo bem podia elogiar os charutos. De mais ele possuiu a experiencia do uso e a memoria do vicio. E a propria Sabedoria, ensina o grave Afranius, lido em Aulo Gelo, é filha da Experiencia e da Memoria. Em "terza rima" o poeta se decide pelo charuto, depois de emparelhá-lo ao cigarro e cachimbo:

E' belo dentre a cinza ver ardendo
Nas mãos do fumador um bom cigarro
Sentir o fumo em nevoas rescendendo...

Do cachimbo alemão no louro barro
Ver a chama vermelha estremecendo,
E até... perdoem-me... respirar-lhe o sarro!

Porém o que ha mais doce nesta vida,
O que das magoas desvanece o luto
E dá som a uma alma empobrecida,
Palavra d'honra, és tu, ó meu charuto!

Não preciso caraterizar mais. E pensar-se que Alvares de Azevedo fumava o "regalia"... Charuto barato. Se a inspiração fosse proporcional ao tema, que não escreveria ele fumando os charutos do senhor duque de Caxias, charutos que custavam dois mil réis, no tempo em que vintem era dinheiro?...

LUIS DA CAMARA CASCUDO

Alvares de Azevedo poeta

Alvares de Azevedo foi bem essa plantinha nova que ainda carece de espeque para se encostar. Como um vinte anos que era acreditou principalmente no espeque. (1) Não teve tempo de andar completamente só. Entretanto, os poucos passos que deu por si mesmo foram bem seguros. Não teve tempo de se livrar de seus gurús. Byron, Musset, Turquety, Hugo (tantos, tantos espeques) estavam sempre segredando aos seus ouvidos: Por aqui, Alvares. Assim Alvares. E ele acreditando, e ele seguindo.

O elemento bibliografico e biografico de que dispomos permite-nos situar perfeitamente Alvares de Azevedo no seu tempo e no seu meio. A pouca complexidade do Brasil de então e a quasi nenhuma intensidade da vida da época fazem de todos esses poetas do Romantismo personalidades da maior simplicidade. Não quero com isto dizer que o estudo de suas vidas e de sua projeção no mundo não desperte interesse. Tal estudo, entretanto, não encerra nada de complexo, de problemas insoluveis, de impossibilidades críticas. Seria dificil mesmo achar jeito de escrever um ensaio sôbre Alvares de Azevedo ou sôbre Casimiro de Abreu. Eles não apresentam o vário, o desnorteante, o sempre novo, a eterna procura de um Mario de Andrade, por exemplo. São figuras que se estudam no plano, num plano, e muito diferem das que se desenvolvem no espaço, infinito de planos, como Dostoiewsky, como Rimbaud.

---

(1) Mario de Andrade in "Estetica", n. 3, 1925.

De tudo o que se tem escrito sôbre a significação do Romantismo brasileiro nada me pareceu mais completo, mais preciso do que o está na carta admiravel de Mario de Andrade a Alberto de Oliveira. Tem a precisão e a concisão de uma épura. Acho que nela está feito todo o processo da nossa fase romantica, que é olhada com essa simpatia que melhor que o amargor permite ver bem a significação das coisas. Nosso Romantismo, diz Mario de Andrade, foi justo apesar de atrasado porque refletia uma comoção universal e não a comoção particular dum país emboaba. E mais adeante: "o Romantismo agiu errado mas porém agiu. Si tivesse uma evolução natural das tendencias espirituais do Romantismo pra cá nós hoje podiamos já estar seguindo e pondo pra frente uma arte nacional."

Os poetas dessa segunda fase do Romantismo brasileiro representam incontestavelmente o que de melhor produziu a nossa poesia antes do modernismo. Só nela o lirismo brasileiro, filho da nossa natureza e da nossa sensibilidade, encontrou expressão livre e verdadeira. Casimiro, Alves, Alvares de Azevedo, nos seus momentos felizes representam o que temos de mais expontaneo na nossa poesia do seculo XIX. Mario de Andrade acusa os poetas do parnasianismo de terem feito secar essa fonte de lirismo, sufocando-a sob uma forma arida, sêca, sem nenhuma ligação com a exuberancia da nossa vida brasileira. O bom do nosso parnasianismo está nos momentos em que a torrente lirica rompeu a censura dêsse artificialismo. Entre Romantismo e Modernismo houve um desvio, uma quebra de tradição que sem duvida estamos reatando e que importava reatar.

Para nosso desenvolvimento cultural e de país independente tem ainda o Romantismo um outro importante relêvo, principalmente na sua segunda fase. E' que o Brasil já não precisava mais de Portugal para o formação espiritual de suas gerações. A patria nova já estava completamente desligada do organismo adulto da mãe patria. Escritores e homens notaveis se formavam exclusivamente no Brasil, em escolas genuinamen-

te brasileiras. A poesia dessa gente de seiva autoctone é mais rica que a dos de formação exotica. O Romantismo de Magalhães (*Confederação dos Tamoios, Suspiros Poeticos*) é cacete e pedante.

Parece incontestavel que essa creação no Brasil de um meio favoravel á expansão da cultura seja devida em grande parte á influência do nosso segundo Imperador. O velho diletante soube atrair para aqui com a sua hospitalidade de bom burguês um grande numero de estrangeiros eminentes. A esses homens deveu a mocidade brasileira muito de sua formação. Fundando colegios, servindo de preceptores, esses homens foram alargando os nossos horizontes, foram-nos mostrando que existia qualquer cousa pra lá de Portugal. Foram aumentando o nosso interesse pelo universal.

A prova de que esses homens sabiam ver melhor do que nós as nossas proprias cousas está no exemplo de Ferdinand Wolf que no *Brésil Litteraire* (1863) escrevia sôbre Alvares de Azevedo o melhor juizo crítico da epoca.

Alvares de Azevedo foi beneficiado por essa influência estrangeira. Possuidores de uma experiencia mais longa tais professores deviam oferecer-nos uma educação mais eficiente. Tanto é que Alvares de Azevedo foi, de todos os poetas de sua geração e que tão cedo desapareceram, o de mais cultura e aquele a quem mais interessaram os problemas matafisicos. Tudo o que uma inteligencia de 20 anos podia fazer Alvares o conseguiu. Foi de uma precocidade verdadeiramente genial. Como esses meninos que tocam Mozart aos 5 anos. E' o que diz o seu professor em 1840:

"Il réunit ce qui est bien rare, la plus grande innocence de moeurs à la plus vaste capacité intellectuelle que j'aie recontrée en Amérique dans un enfant de son âge."

O Romantismo pra nós foi como o som. Muito menos veloz que a luz chegou a nós muito depois do clarão.

Não tinhamos tradição, não tinhamos classicismo. Nosso Romantismo foi tão importado como tudo o mais que possui-

mos. Mas encontrou éco entre nós, deu forma e sentido a lampejos de reação que de muito se vinham esboçando. Todos os nossos grandes feitos foram do mais perfeito Romantismo. Independencia, Revoluções, Parlamentarismo tudo é romantico.

Mas isso é a essencia, é o que ha de profundo no movimento. As esterioridades, os tiques, os exageros da escola, como escola, é que nós não tinhamos nada que imitar.

Esse é o lado ridiculo e lastimavel desses nossos poetas, principalmente os da chamada segunda fase.

Eles conseguem todos morrer moços e infelizes numa terra de sol, de luz, de mares verdes, de tucanos, de araras, de verde, de excesso de verde. E, antes disso, arranjaram geito de aclimar o spleen no Brasil. Raramente olhavam pro mundo e viam que a vida é agradavel, que viver é um verdadeiro premio a que é preciso fazer jús. Viviam como aquele poeta de colarinho sujo e roupa surrada de Marques Rebello: "Vai fixo o pensamento na sua procura porque *ele ama a Beleza, pela Beleza vive* e *pela Beleza, um dia, morrerá*".

Viviam pensando na virgem loura, em donzelas palidas e em outras cousas parecidas. Empenhavam-se na imitação tola de satanismos e de atitudes de gente desgostosa. Isso levou-os á pratica das maiores sandices e das extravagancias mais inconcebiveis.

Frequentavam bordeis ignobeis, bebiam com a ralé mais baixa, amavam mulheres gastas e batidas, tudo afetação de tedio e de spleen...

E' bem conhecida a "Sociedade Epicurea". A ele pertenceram os homens de maior talento daquele tempo. Creio que o fim da sociedade não era outro senão organizar bacanais. "Entregavam-se — como conta uma testemunha de vista — a toda sorte de desvarios que se póde conceber".

Uma vez um deles quis repetir uma cena byroniana. Apanhou uma pobre rapariga e levou-a pro cemiterio onde se

deitou com ela dentro de um caixão. A pobre mulher morreu de pavor e de nojo. O poeta exclamou: "Osculei um cadaver!"

Byron era o verdadeiro responsavel por essas cousas.

Igualmente snob é a atitude de Alvares falando do cognac, do charuto, do spleen, descrendo da virgindade, falando da podridão do mundo. E só tinha 20 anos...

Considerando-o por esse lado póde-se mesmo falar em infecção romantica.

Todos esses homens inteligentes, esses moços tristes, palidos, foram vitimas da "inexorable logique que la realité applique à corrigir le rêve."

Não nos foi possivel verificar a que resultado chegaria a experiencia vital de Alvares de Azevedo. A morte, que era a sua "ruling passion" levou-o depressa. Excesso de estudo, longas vigilias, byronismo e uma constituição extremamente delicada não permitiram chegasse ele a completar uma personalidade. O que resta de puro de toda essa contaminação livresca não deixa duvida nenhuma de que se tratava de um espirito poderoso, genial mesmo e uma das maiores manifestações poeticas que têm aparecido no Brasil.

Para atribuir-lhe o valor que de fato merece e para dar-lhe a significação que de fato tem para nós não é preciso afirmar com Roméro, sempre exagerado no seu ponto de vista, que ha apenas mais talento que em Baudelaire, porque, de envolta com os desalentos e extravagancias do genero, em Azevedo aparecem manifestações de lirismo que não possuia tão eloquentes o poeta francês.

Nem tão pouco cegar á cegueira de seus contemporaneos que o tinham por santo e por genio (mas que genio!)

Manuel Francisco Corrêa diz: "Viveu como tinham vivido Descartes, Bacon, Malebranche... Morreu como soem morrer os que na terra anteveem o céu, como Agostinho, como Francisco Xavier..."

O dr. Jacy Monteiro, outro, diz que o Brasil é fecundo em genios (sic)

Esse engano de visão no apreciar o que é nosso e de que o porquemeufanismo foi uma crise agudissima é mais um aspecto patologico de romantismo, aliás perpetuado em estatua na cupola do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, onde ao lado de Goethe e Shakespeare colocaram Martins Penna.

Isso é tolice. Pra mostrar que Alvares é grande, muito grande mesmo, basta que ele tenha escrito "Minha mãe", "Teresa", "Meu desejo", admiravel como poesia erotica:

... ser teu espêlho
Que mais bela te vê quando deslaças
Do baile as roupas de escomilha e flores
E mira-te amoroso as nuas graças.

"Seio de virgem" é outro modêlo de poesia erotica. Lembra Marot quando diz:

Quand on te voit, il vient à maints
Une envie dedans les mains
De te tâter, de te tenir.

Mas o que me parece melhor em toda a obra de Alvares é esse admiravel "Lenço dela", uma das cousas maiores da nossa poesia:

Quando a primeira vez, de minha terra
Deixei as noites de amoroso encanto
A minha doce amante suspirando
Volveu-me os olhos humidos de pranto.

Um romance cantou de despedida
Mas a saudade amortecia o canto!
Lágrimas enxugou nos olhos belos...
E deu-me o lenço que molhava o pranto.

Quantos anos contudo já passaram!
Não olvido porém amor tão santo!
Guardo ainda num cofre perfumado
O lenço dela que molhava o pranto...

Nunca mais a encontrei na minha vida.
Eu, contudo, meu Deus, amava tanto!
Oh! quando eu morra estendam no meu rosto
O lenço que banhei tambem de pranto!

AURELIO GOMES DE OLIVEIRA

Amor e medo

Entre os cacoetes historicos que organizaram o destino dos homens romanticos, um dos mais curiosos foi o de morrer na mocidade. Morria-se joven porquê isso era triste, e sobretudo lamentavel. Mais lamentavel que penoso...

A imagem do rapaz morto está entre as pouco humanamente penosas e é sempre a mais imensamente lamentavel. Homem que não se completa, paisagem vazia em que a imaginação tem espaço pra voar — grande assunto prás invocações, pros periodos pipocantes de ohs! oh morte! etc. Secreta ou faladamente o homem romantico se inclinava a morrer moço, Era muito facil naquele tempo a gente pressentir a morte perto. E quantos, mas quantos, não terão morrido apenas vítimas dêsse pressentimento, nem vale a pena imaginar!... Entre os maiores poetas do nosso Romantismo tal pressentimento foi de praxe. E a morte em plena juventude tambem.

Estas minhas afirmativas, sei que são um bocado cinicas, porém não são primarias, nem pretendo com elas dar a explicação do Romantismo. O que me parece incontestavel é que assim como existe pandemia de suicidio, de tempo em tempo tomando uma cidade, um país, o mundo: certas outras formas aparentemente naturais de morte, são suicidios tambem. Suicidios camuflados com que o homem, si não consegue burlar o juizo dos seus deuses, burla pelo menos a sua propria boa-intenção. Suicida-se o mais bem-intencionadamente possivel,

certo que a morte veio naturalissima, com a mesma fatalidade com que o ar move os seus ventos.

Os nossos poetas romanticos foram muito vítimas dessa imagem do rapaz morto. Não só a cantaram ás vezes, especialmente Alvares de Azevedo, como viram suas vidas encurtadas, alguns colhidos mesmo numa ainda rapazice irritantemente desrealizada. E' o caso ainda especialmente de Alvares de Azevedo. E tendo morrido moços, no geral poetaram como moços, muito embora finjam ás vezes formidavel experiencia da vida. Como ainda especialmente é o caso do nosso Macario. Assim, é agradavel a gente buscar na poesia deles os temas preferidos da mocidade, e entre êstes, escolho, pela sua importancia, o do medo do amor.

Não tem dúvida nenhuma que um dos mais terriveis fantasmas que perseguem o rapaz é o medo do amor, principalmente entendido como realização sexual. Causa de noites de insonia, de misticismos ferozes que depois de vencidos se substituem por irreligiosidades igualmente ferozes e falsas, causa de fugas, de idealizações inocuas, de vicios, de prolongamentos extemporaneos de infantilismo, de neurastenias, o medo do amor atinge variadissimos aspetos. No geral poucos o denunciam, guardam-o no segrêdo de si mesmos, porquê o mundo caçoa disso, converte o medo do amor numa inferioridade fisiologica, quando as suas causas ora são puramente historicas, provenientes de educação, de convivio, ora são temperamentais, provenientes da nossa psicologia, da nossa fisiologia, da nossa sensibilidade e suas delicadezas e respeitos.

Nos romanticos brasileiros, que foram preciosamente derramados, êsse medo do amor aparece ricamente.

Antes de mais nada, lembremos o poema de Casimiro de Abreu, *Amor e Medo*. Dizem as primeiras estrofes:

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,

Contigo dizes, suspirando amores:
— "Meu Deus! que gêlo, que frieza aquela!"

Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segrêdo,
E si te fujo é que te adoro louco...
E's bela — eu moço; tens amor — eu medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do siléncio ou vozes,
Das folhas sêcas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

Embora Casimiro de Abreu tivesse dado o título ao tema, o assunto logo se desvia e fixa numa lateralidade. O poeta em vez de ter medo do amor, tem medo de macular a virgem:

Ai! si abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que á sombra dêle tão feliz crescia?

E aqui entra a primeira grande lateralidade em que a timidez de amar, se fixa nos romanticos: o respeito á mulher. Parece até engraçado se afirmar em respeito á mulher na taverna em que os nossos romanticos hospedaram os Heine, Musset e Byron que tinham no coração, porém a propria maneira desabusada com que Alvares de Azevedo ás vezes trata da mulher, e cretinamente safadota das minusculas libertinagens de Casimiro de Abreu, são provavelmente procuras de libertação concientes, e por isso exageradas, daquele respeito. Nos versos, a mulher vira *anjo, virgem, criança, visão,* denominações que a excluem da sua plenitude feminina. Ao passo que perseveram bem mulheres as Anardas, através dos designativos *Pastora, Venus, Amor,* etc. da pastoragem árcade. Varela, num passo

do *Evangelho nas Selvas* (IV, 11), equipara as virgens e as crianças, pra chamar-lhes "aves de Deus":

Aves de Deus, as virgens e as crianças
Adormecem risonhas, ocultando
Nas asas da inocencia as frontes santas.

Mas, apesar do emprêgo muito de "criança" pra designar a mulher, sente-se ela por assim dizer mais fisicamente, mais objectivamente em muitos poemas de Varela. Não esqueçamos que êle casou duas vezes. A mulher é tratada com uma certa franqueza macha, que foi o tom com que ela se sensualizou no texto das modinhas, quando estas passaram da espineta dos salões, pro violão das esquinas (v. g. *A uma Mulher*, etc.).

Gonçalves Dias tem um soneto de mocidade em que o destemor de amar está deliciosamente expressado:

Pensas tu, bela Anarda, que os poetas
Vivem de ar, de perfumes, de ambrosia,
Que vagando por mares de harmonia
São milhores que as proprias borboletas?

Não creias que êles sejam tão patetas,
Isso é bom, muito bom, mas em poesia,
São contos com que a velha o sono cria
No menino que engorda a comer petas.

Talvez mesmo que algum dêsses brejeiros
Te diga que assim é, que os dessa gente
Não são lá dos herois mais verdadeiros.

Eu, que sou pecador, — que indiferente
Não me julgo ao que toca aos meus parceiros,
Julgo um beijo sem fim coisa excelente.

Mas o comico nesse poema é decidir si êle prova destemor real, ou justamente amor e medo. Me inclino pelo segundo juizo, e me parece que Gonçalves Dias ao caçoar da literatice

dos poetas é que está fazendo literatice, moço garganteando o que não sentia. Ele seria mais tarde, já bem vivido, dos poetas que mais sentiram o prestígio romantico da mulher, e entre nós o que deu uma das expressões mais comoventes de amor e medo, com o *Ainda uma vez, Adeus!*

Quanto a Alvares de Azevedo, sofreu como nenhum, apavoradamente o prestigio romantico da mulher. Pra êle a mulher é uma criação absolutamente sublime, divina e... inconsutil. O amor sexual lhe repugnava, e pelas suas obras é dificil reconhecer que tivesse a experiencia dele. Rarissimas passagens, uma no romance inedito *O Livro de Fra Gondicario*, aquela nitida expressão de Solfieri (*Obras*, Garnier, 7.ª ed., vol. III, p. 339) poucas mais escapam daquela falta de objetividade das suas frases sobre o amor. De resto a gente as póde explicar por experiencia de leitura ou solitaria. Na verdade, alem da vagueza com que o rapaz trata de amor, a propria dezarrazoada, irritada repugnancia com que julga a parte sexual do amor, parece determinar nele uma enorme inexperiencia. Talvez nem mesmo Musset haja expressado com tanto frequencia e intensidade o contraste entre o amor idealizado e a rapida realidade. Todas as mulheres que vêm na obra de Alvares de Azevedo, si não são consanguineamente assexuadas (mãi, irmã), ou são virgens de 15 annos ou prostitutas, isto é: intangiveis ou desprezíveis.

Alvares de Azevedo fez tudo em suas obras pra passar por libertino e farrista. Blasona de conhecedor dos vicios. Mas dentre os vicios escolhe o que não é vicio: entre alcool e fumo, tem marcadissima preferencia pelo segundo como demonstrará nesta mesma revista, Luis da Camara Cascudo. Tambem se arrota manchado por todas as maldades do mundo. Mas a verdade é que si pra Macario as mulheres que não tem cabelo na cabeça o tem no coração (III, 259), si "não póde haver inferno com senhoras" (II, 230), si na estancia do *Poema do Frade*, aquele tipo tão puro de Madona era um lago a dormir, "porém sua agua azul tinha veneno"; si ainda pro Macario (III, 268)

as mulheres paulistanas "são mulheres, isto é, são lacivas": tudo isso são falsificações sistematizadas de quem soube achar expressões delicadas pra designar a mulher prostituida, "vagabunda do amor", "mulher da noite", "anjo da noite", "rainha da noite". Suas grosserias eram mais um desvio, mais ilusão, mais inverdade que o transpunham pra fóra de sua existencia natural e de si mesmo. Daí o tedio, uma fadiga prematura, cujos acentos são ás mais das vezes ferintemente sinceros. Spleen, fadiga, não de blasé propriamente, mas de artista dramatico que não representava só nas noites de espetaculo (as farras em que possivelmente andou com outros estudantes de Paulicea), porém que fizera da propria vida que cantou em verso e prosa, e imaginava ser a dele, uma representação teatral.

Em Castro Alves a gente sente sempre, ou pelo menos, mais que nos outros, a mulher. Foi de fato um sexual perigoso, duma sexualidade animal bem correta. E' exatamente o contrario de Casimiro de Abreu que irrita pelas perversõesinhas com que recama a burguês dulcidão. Casimiro é mestre nesse género de poesia graciosa de que a gente vive esquecendo que no fundo é safadote. Por exemplo a ritmicamente deliciosa *Moreninha,* em que êle á "meiga" "gazela" "inocente", segue "calado",

Como o passaro esfaimado
Vai seguindo a jurití;

e quando ela oferece as flores, engana a "rosa da aldeia" com esta safadeza:

Eu disse então: — Meus amores,
Deixa mirar tuas flores,
Deixa perfumes sentir!
Mas naquele doce enleio
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir!

Nessas gracinhas êle é mestre, como na *Cena Intima* em que pede beijos por castigo; e no *Juramento.* Mais tipica

ainda é certa constancia de perversão que lhe percorre a obra: a do chôro da virgem desarmando o "passaro esfaimado". São longes de sadismo, porque de fato o poeta se compraz em ver a pequena chorando.

Quando no *Lar*, êle pede amor, se veja êste detalhe de como quer a amada:

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
Alma de arcanjo que me fale amores,
Que ria e chore, que suspire e gema,
E doure a vida sobre um chão de flores.

Mais tipico ainda é o *Perdão*:

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as cores da rosa
E o seio todo tremeu?!
Choraste, pomba adorada?!

. . . . . .

Choraste?! — De envergonhada,
No teu pudor ofendida,
Porque minha alma atrevida
No seu palacio de fada,
— No sonhar da fantasia —
Ardeu em loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quis manchar-te na orgia!

Poesia toda dum carioquismo seresteiro (1) que nem texto de samba, já é espantoso que a pomba chore pelo que a alma do poeta desejou só "no sonhar da fantasia". Pois não é tudo.

---

(1) E' lembrar a recente marcha carnavalesca (disco Victor, 33.397-B):

Eu quero vêr você chorar!
Faz uma vontade minha!
Diz-me quando estás chorando
Ficas mesmo uma gracinha,
Oh meu amor,
Chora, chora, por favor!

Se veja como êle persegue em seguida, e esmiuça o arrependimento em que ficou, o que lhe permite repisar bem o que queria fazer prá coitadinha da pomba:

Perdão pro pobre demente
Culpado, sim — inocente! —
Que si te amou foi demais!
. . . . . .
Perdão, oh flor dos amores,
Si quis manchar-te os verdores,
Si quis tirar-te do hastil!
— Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume...
E fui covarde e fui vil!...

E não é só. O poeta inventa ainda o requinte de beber as lagrimas desarmadoras da pomba. Nesse mesmo *Perdão*:

Choraste?! — E longe não pude
Sorver-te a lagrima pura
Que banhou-te a formosura!

No *Canto de Amor*:

Si rires — rio, si chorares — choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

E guardei pro fim o poema *Quando tu choras,* em que tudo vem claramente confessado. Os grifos são meus. E se note que a poesia é dirigida a uma "virgem" e "gentil donzela":

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
. . . . . .

Oh! nessa idade da paixão lasciva,
Como o prazer, é o chorar preciso

. . . . . .

Da noite o pranto que tão pouco dura,
Brilha nas folhas com um rir celeste,

. . . . . .

Depois o sol, como sultão *brilhante,*
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flores todas — tão feliz amante! —
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, si choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto;
— Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo, — beberei teu pranto!

Em Castro Alves não tem dessas coisas. Sensualidade sadia, marcadamente viril, mesmo nas mais estilizadas metaforas, como no *Gesso e Bronze.* Não será preciso documentar a objetividade com que êle tratou do amor e da mulher, todos sabem disso. Apenas não me furto a lembrar como não o satisfazia falar em anjo, virgem, etc., conforme a constancia do tempo. E' no *Hino ao Sono*:

Mas quando ao brilho rútilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim,
Então ergue-me subito...
E' minha aurora linda...
Meu anjo... mais ainda...
E' minha amante enfim!

Assim: Castro Alves é dentre os grandes romanticos, aquele que mais esgarçadamente poetou de amor e medo. Está claro,

tambem versou o tema nesse sequestro precario e geral com que êle se mostra na poesia de todo rapaz que verseja: o tema do "amar sem ser amado". E' de fato esta a maneira mais facil da gente escapar do medo de amor; e por ela se deverá explicar sessenta por cento das trovas com que os rapazes se queixam da util "ingrata". Se afastam da experiencia de amor, criando o amor irrealizado por ingratidão, não correspondencia, infidelidade e escapatorias semelhantes. Castro Alves que mais tarde, e com outro vigor, se queixará da Trinei Murri (e notar a masculina propensão dele pelas artistas, que por maior liberalidade de vida, são mais faceis de se realizar em amor...), Castro Alves rapazola tambem não escapou do tema do amar sem ser mado (v. *Martirio, Noite de Amor*). No engraçado *Cansaço,* o menino, se percebe que está fugindo do amor:

Pois eu sou como o nauta... Após a luta
Meu amor dorme languido no peito.
Cansado... talvez morto, dorme e dorme
Da indiferença no gelado leito.

. . . . . .

E que durma... E que durma... Oh virgem santa,
Que criou sempre pura a fantasia,
Só a ti é que eu quero que te sentes
Ao meu lado na ultima agonia.

Porém mesmo isso é minimo nele e perderá cedo porquê na verdade não hesitou no amor. No *Amemos* êle fala em ter medo, e apesar da palavra vir como rima de "segrêdo", é expressiva, cai muito bem como detalhe psicologico. E' o unico medo possivel pros que não tem medo de amor: aquele caotico paroxismo sensual em que o gôso verdadeiro do amor se obumbra na ansia dum temperamento caudaloso por demais. Que treme, não de timidez, mas de impaciencia, incapaz de esperar:

Ah! fôra belo unidos em segrêdo,
Juntos, bem juntos... tremulos *de medo,*
De quem entra no céu;
Desmanchar teus cabelos delirante
Beijar teu colo... Oh! vamos minha amante,
Abre-me o seio teu!

Casimiro de Abreu, que aliás preferia a tremedeira por timidez, uma feita deixou escapar tambem êsse tremor de ansiedade, que Castro Alves tão bem expressou. E' nos *Segredos,* quando galopa:

Trememos de medo... a boca emudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração!
Seu seio nevado de amor se entumece...
E os labios se tocam no ardor da paixão!

Dois passos por onde se percebe que os nosos romanticos quando queriam, eram bem realistas e expressivos. (1)

Mas Casimiro preferia tremer por timidez. Na *"Pobre criança que te afliges tanto..."*, preferindo adorar a amada como se adora a Deus, êle reconhece:

Não serei triste; si te ouvir a fala
Tremo e palpito como treme o mar...;

em *Quando?* é a Maria que êle se compraz de ver tremendo:

---

(1) Alvares de Azevedo (II, 270) tambem toca, muito mais inexpressivamente, na mesma tecla:

Desmaio-me de amor, descoro e tremo...
Morno suor me banha o peito langue...
Meu olhar se escurece e eu te procuro
Com os labios sedentos.

Aliás todo êsse **Minha Amante** é tão fraco, tão inventado como essa estrofe palida. Incontestavelmente o poeta vivera muito pouco o amor.

Como tremias, oh vida!
Si em mim os olhos fitavas!;

pra finalmente no *Baile* espesinhar a propria timidez, fazendo dela um dos argumentos da amada pra não gostar dele. Ela está falando:

Tremia quando falava
E — pobre tonto — chamava
O baile — alegrias falsas!
— Eu gosto mais dessas falas
Que me murmuram nas salas
No ritornello das valsas.

Alvares de Azevedo que foi quem mais sentiu e versou o amor e medo, a não ser na passagem citada atrás, rarissimo se confessou tremendo no amor. Minha convicção é que Alvares de Azevedo não teve apenas temor, mas uma verdadeira fobia do amor sexual. Não é como os outros, em que o assunto, por isso mesmo que mais tematico, mais assunto poetico que realmente sentido, não teve duvida em se confessar com mais franqueza. Alvares de Azevedo sequestrou o seu medo de amor. E disso vem o tema do amor e medo se manifestar nele, numerosissimas vezes, mas sempre camuflado, inconsciente. Assim: como que numa transposição do medo dele á amada, si êle jamais confessa tremer de medo, como os que já citei (e ainda Varela numa estrofe das *Estancias* em que reconhece que a amada tem um não sei quê de grande e imaculado que o faz estremecer), é repetidamente grato a Alvares de Azevedo reconhecer que a amada treme.

Porquê, palida inocencia,
Os olhos teus em dormencia
A medo lanças em mim?

No apêrto de minha mão
Que sonho do coração
Tremeu-te os seios assim?

Nas *Saudades,* a imagem da estrêla faz êle ver a alma da amada tremendo:

Eu sentia a tremer e a transluzir-lhe
Nos olhos negros a alma inocentinha...
E uma furtiva lagrima rolando
Da face dela humidecer a minha!;

a que êle ajunta ainda o tremer de mão nas estrofes do "*Quando falo contigo...*":

Oh! nunca em fogo o teu ardente seio
A meu peito juntei que amor definha!
A furto apenas eu senti medrosa
Tua gelida mão tremer na minha!...

Mas deixemos duma vez os tremores, e voltemos a estudar Castro Alves. Ainda tem uma vez em que êle falou de amor e medo. E' no *Meu Segredo* onde veremos mais uma vez "segrêdo" rimar com "medo". Mas não faz mal, a estrofe é muito mais viva do que a da *Minha Amante,* do Alvares, descrevendo a mesma situação:

Uma noite tentei fechar as palpebras,
Debalde revolvi-me sobre o leito...
A alma adejava em fantasias de ouro,
Arfava ardente o coração no peito.
A imagem que eu seguia? E' meu segredo!
Seu nome? Não o digo... tenho medo.
. . . . . .
E si um dia entre as cismas de tua alma,
Minha imagem passar um só momento,

Fita meus olhos, vê como êles falam
Do amor que eu te votei no esquecimento:
Recorda-te do moço que em segrêdo
Fez-te a fada gentil dum sonho ledo...

. . . . . .

Sagra ao menos uma hora em tua vida
Ao pobre que sagrou-te a vida inteira,
Que em teus olhos, febril e delirante,
Bebeu de amor a inspiração primeira,
Mas que de um desengano teve medo,
E guardou dentro dalma o seu segrêdo!

Está se vendo pra que aspeto novo se desvia o medo de amor agora. E', não medo de amar, porém de encontrar o desengano, a ingratidão da amada — o mesmo medo de amor que Juvenal Galeno pleiteou no *Medroso de Amor*:

Moreninha, vai-te embora!...
Com teus encantos maltratas;
Eu fui martir das ingratas
Quando amei... Oh, vai-te embora!
Hoje fujo das mulheres
Com medo das insensatas!

E não descubro outro aspeto pelo qual o amor e medo se tenha manifestado na obra de Castro Alves.

Pra terminar tambem com Casimiro de Abreu que, como já vimos, desviava o Amor e Medo pro perigo dele "machucar com o dedo impuro as pobres flores da grinalda virgem" (se observe a sintomatica perversãozinha que talvez inconscientemente escapou ao poeta nessa imagem), a verdade é que sofreu muito pouco de amor e medo, embora tenha dado tantas frases referiveis a êle e inventado o título apropriado a êsse estado-de-alma juvenil. Ramalho Ortigão, tambem impressio-

nado por êsse título, descobriu que no poema "a timidez adoravel, que é sempre inseparavel do amor impetuoso em tenros anos, está retratada com invejaveis tintas". Não me parece. Casimiro de Abreu desvia o tema pra se comprazer em quasi todas as lindas estrofes do *Amor e Medo* em descrever com bastante vivacidade o que sucederia pra virgem si. O lado mais exato e gracioso dele manifestar algum medo de amor está numa tal ou qual preferencia do sonho sobre a realidade. Por tres vezes, nas *Primaveras,* refere visões de mulheres que ama, ou que amaria si fossem realidade. Na *Illusão*:

Julgo ver sobre o mar sossegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na popa êsse rosto adorado
Entre prantos pra mim se sorrindo

Como se vê, tambem nesse passo a amada *chora e ri,* e desaparece. Mas:

E depois... quando a lua ilumina
O horizonte com luz prateada,
Julgo ver essa fronte divina
Sobre as vagas cismando, inclinada.

Nos *Desejos* tambem descreve pormenorizadamente uma "mulher formosa que me aparece em visão", pra dar a definitiva forma dessa constancia nas estrofes da *Visão* em que conta amores apenas iniciados num baile, troca dum olhar, ela acompanhando ao piano a lira simbolica do poeta, pra nunca aparecer mais, mesmo que um sonho.

Quanto a Fagundes Varela ainda em duas páginas fala em medo de amor. No Diario de Lazaro, assim que casa com Lucilia, a felicidade é tamanha, que êle se volta pra Deus atemorizado:

Meu Deus! Senhor meu Deus! eu tenho medo
Desta dita inefavel *que derramas*
Sobre minha existencia em almos dias,
Em noites sem iguais! Sim, quasi sempre
No romance da vida a desventura,
Os desastres cruentos se anunciam
Por um sublime prólogo!...

O medo de amar aqui se resume a um receio, a um pressentimento da visita de Nemesis. Mas na *Juvenilia* que aliás respira todinha amor e medo, encontramos no poema setimo uma das expressões mais nitidas do medo de amar. Não me furto a citar êsse poema lindo, a que só uma impropriedade ("Soberba criatura") deturpa. Varela foi dentre os grandes romanticos o que mais intimamente amou e sentiu a natureza. Castro Alves, Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, a bem dizer, pouco a sentiram. Gonçalves Dias deixou inspiradas por ela uma ou outra rara página bonita e mais numerosas mornidões. Varela tinha a obcessão da natureza, No geral o verso dele é doce muito, desbasta a natureza, lhe dá um polido de oliogravura em que setenta por cento das vezes a gente encontra uma eterna e irritante cascata de jardim inglês. Dá raiva. Nesse poema oitavo ele funde e confunde admiravelmente a natureza com a mulher amada:

Ah! quando face a face te contemplo,
E me queimo na luz do teu olhar,
E no mar de tu'alma afogo a minha,
E escuto-te falar;

Quando bebo teu halito mais puro
Que o bafejo inefavel das esferas,
E miro os roseos labios que aviventam
Imortais primaveras,

Tenho medo ti!... Sim, tenho medo
Porque pressinto as garras da loucura,
E me arrefeço aos gelos do ateismo,
Soberba criatura!

Oh eu te adoro como adoro a noite
Por alto mar, sem luz, sem claridade,
Entre as refregas do tufão bravio
Vingando a imensidade!

Como adoro as florestas primitivas,
Que aos céus levantam perenais folhagens,
Onde se embalam nos coqueiros presas
As redes dos selvagens!

Como adoro os desertos e as tormentas,
O misterio do abismo e a paz dos ermos,
E a poeira de mundos que prateia
A abobada sem termos!...

Como tudo o que é vasto, eterno e belo,
Tudo o que traz de Deus o nome escrito!
Como a vida sem fim que alem me espera
No seio do infinito!

Não é admiravel? E temos aí o tema de amor e medo sem desvio, na sua mais exata realidade da psicologia do moço. Varela faz da amada um dos elementos furiosos da natureza e tem medo que a tempestade, o furacão, o mato virgem, o deserto, vençam êle na luta.

Chegamos a Gonçalves Dias. Gonçalves Dias versou pouco o medo de amor, porém nas igualmente admiraveis estancias do *Ainda uma vez, Adeus!*, dá mais um aspeto do tema. O poeta ama e é amado, porém sacrifica o seu amor porque um motivo qualquer, posição social provavelmente, o induz a isso:

... mas devera
Expor-te em pública praça,
Como um alvo á populaça,
Um alvo aos diterios seus!

. . . . . .

Devera, sim; mas pensava
Que de mim te esquecerias...

Mas agora êle vê que embora sendo de outro e pra sempre, ela tambem não se esqueceu dele. E pede perdão:

"Ela é feliz (me dizia)
Seu descanso é obra minha."
Negou-mo a sorte mesquinha...
Perdoa que me enganei!

. . . . . .

Doi-te de mim, que te imploro
Perdão a teus pés curvado;
Perdão! de não ter ousado
Viver contente e feliz!
Perdão da minha miseria,
Da dor que me rala o peito,
E si do mal que te hei feito,
Tambem do mal que me fiz!

E' a modalidade nova, com que o grande poeta entra vigoroso neste nosso jôgo-floral da timidez. Os medos o assaltaram, não "ousou" sacrificar nada, preferiu amar em siléncio pois que assim fizera e tudo fôra tão bem no *Como eu te amo*. Nesta última poesia, a amada só saberá do grande amor do poeta, depois da vida, quando estiver insexuada e angelica nos lugares *"onde a luz nunca falece"*. Si chamo a atenção pra êste consôlo de amor dentro da morte, é porquê Gonçalves Dias tem uma filosofia pessimista do amor, bem wagneriana, pra não dizer schopenhaueriana. E parece mesmo ser êsse o

lado por onde o medo de amor milhor aparece na obra dele. Acha frequentissimamente que a mulher é infiel (*Poesias,* Garnier: I, 60, 61, 69, 75, 93, 107, 167, 171, 184, 188, 190, 199, 205, 230, 237, 256; II, 46, 64), mas si acaso ela corresponde sinceramente ao amor, em vez de preferir que êste se realize, deseja, ou acha preferivel morrer de amor. Ninguem ignora o entusiasmo dionisiado com que êle provou que "se morre de amor". Amar é...

... ser no mesmo ponto
O ditoso e o miserrimo dos entes:
Isso é amor, e dêsse amor se morre!

Na *Analia* o poeta diz prá amada:

Não sabes! por te amar daria a vida,
Até a gota extrema que em meu peito,
Que inda em meu coração girar sentisse;
E quando a propria vida me faltara,
Minha alma, e o que me espera alem da morte
Daria por te amar.

E' bem já uma concepção ansiosa de aniquilamento, e se percebe que o poeta não está não fazendo madrigal. E si ainda morre por amar no *Protesto* e nos *Olhos Verdes,* a morte de amor, e sobretudo a morte no amor, lhe percorre toda a parte mais intelectual, mais conceptiva da ficção, o teatro. (1) No drama Patkull, o alquimista pede apenas a Namry que diga que o ama e só por isso dará a vida bendizendo o nome dela.

---

(1) **Macario:** "... e porquê não se morre de amor! (...) Seria tão doce inanir e morrer sobre o seio da amante enlanguecida! no respirar indolente de seu colo confundir um último suspiro!". **Pensero so:** "Amar de joelhos, ousando **a medo** nos sonhos roçar de leve num beijo os cilios dela, ou suas tranças de veludo! ousando **a medo** suspirar seu nome!" **Macario:** "Morrer numa noite de amor! Rafael no seio da sua Fornarina... nos labios perfumados da italiana, adormecer sonolento... dormir e não acordar!"

Muito mais tipicamente ainda, quando Patkull vence definitivamente o amor de Namry, eis só o que almeja:

"Eu quisera morrer aqui nos teus braços, deixando no teu peito meu último suspiro, e gravando na memoria o teu nome intercortado, que acabar não poderia".

Na *Leonor de Mendonça,* Alcoforado renuncia a qualquer possibilidade de conquista da duqueza, e quer partir prá guerra da Africa só pra morrer de amor. Recusa as cartas de proteção do duque porquê estas lhe podem dar postos bons na Africa, e ele quer é pôsto perigoso, de morte certa. Tambem não pretende alcançar nome e glórias belicosas que conquistem a amada pra êle, quer mas exclusivamente morrer de amor. E' a renúncia, a ánsia do aniquilamento. E tanto mais tipica pro nosso tema do medo de amor que, por se considerar um morto-vivo, o que vai partir e não voltará mais nunca, êle se predispõe a (ia dizer: sente coragem pra) confessar á duqueza o seu amor. Ainda na *Beatriz Censi,* no dueto de amor do segundo ato, temos antecipadamente o segundo ato do *Tristão e Isolda,* neste passo:

"Tua voz, Beatris! (...) Oh! ouvi-la uma vez, somente uma vez! ouvir-lhe os acentos de branda ternura, que o coração derrama nos labios, e depois morrer! Certo, minha doce Beatriz, que o instante em que me disseste — eu te amo — foi o milhor instante de me cravarem um punhal no coração! *Doce me seria viver contigo, só contigo; porém mais doce — oh mil vezes mais doce — morrer aqui, a teu lado, em teus braços...*"

E pra mostrar que o tema medroso do morrer no amor percorre toda a obra dramatica de Gonçalves Dias, temos no *Boabdil,* o mais suscinto e firme *Tristão e Isolda,* naquela frase de Aben-Hamet (que aliás já fôra prá guerra, como Alcoforado, só pra morrer de amor) quando Zoraima lhe cai nos braços: "Allá! porque não me fulminas neste momento!"

Assim: na concepção pessimista que Gonçalves Dias tem do amor, êle foge sintomaticamente da realização, não quer a

"minha amante, enfim" de Castro Alves. Aspira morrer no amor, no instante apenas do reconhecimento mutuo de amor, na evitação sistematica daquilo que o inglês da anedota achava que era dispendioso como economia, instantaneo como prazer, e ridiculo como posição.

Alvares de Azevedo. Cheguei ao ponto culminante do tema do amor e medo, que até rima com o nome do poeta. Já disse: Alvares de Azevedo foi o que parece ter realmente sofrido dos pavores juvenis do ato sexual. A educação dele foi excessivamente entre sáias, o que já é prejudicial pro desenvolvimento masculino dos rapazes. A mãi teve por êle uma adoração muito infeliz; e o outro grande estímulo familiar do poeta foi a irmã Maria Luisa.

Como tambem disso decorre o tema do amor e medo, saliento de passagem que todos os nossos grandes romanticos amaram excessivamente mãi e irmã, e falaram muito nelas. Sintomatiquissimo: Castro Alves, não. Ele, que foi o mais sexuado do grupo, quasi ignora nos versos o que nos outros é uma constancia. Se lembra da mãi (mãi dum amigo) em versos chochos. Se lembra da irmã, só pra gostar do piano dela, ou, na *Mocidade e Morte*, pedindo pra ela consolar o pai quando êle morrer. Pelo contrário, Junqueira Freire, que tambem amou muito mãi e irmã, detestava o pai, o "sr. José Vicente", desfalquista e vadio. Varela, reproduzindo o Casimiro de Abreu dos *Meus Oito Anos*, no poema oitavo da *Juvenilia*, tambem evoca as delícias de ter mãi e irmã. Gonçalves Dias tambem versa por várias vezes o tema, e dedicou á mana uma dos seus mais belos poemas, as *Saudades*. Tanto neste, como no *"Lá, bem longe daqui..."*, em que celebra a morte da irmã dum amigo, deixou sentidas expressões sobre a felicidade de ter irmã. E' curioso lembrar ainda que na *Mendiga* êle faz imagem com irmão e irmã:

... Uma tristeza
Simpatica, indizivel, pouco a pouco
Do anjo nas feições se foi pintando:

Qual tristeza de irmão que a irmã mais nova
Conhece enfêrma e chora.

Ainda Casimiro, e mais tipicamente, versa o tema por várias vezes.

De minha mãi as carícias
E beijos de minha irmã,

todos se lembram disso. Na *Poesia e Amor* acha:

Os gosos mais ternos,
Os beijos maternos
E as vozes da irmã...

pra *No Lar,* em duas estancias seguidas, inda evocar mãi e irmã sempre fundidas...

Oh! primavera! oh! minha mãi querida!
Oh! mana!...

com desperdicio de interjeições.

Mas é sempre, e agora sintomaticamente, Alvares de Azevedo o que evoca e versa em quasi obcessão o tema de mãi e irmã. Um dos momentos esplendidos do *Macario,* que é a coisa mais genial que o poeta criou, é quando o estudante escuta um ai, e pergunta de quem é. Satan: — "De certo que não é por mim... Insensato! não adivinhas que essa voz era de tua mãi, que essa oração era por ti?

Macario: — Minha mãi! minha mãi!

Satan: — Pelas tripas de Alexandre Borgia, choras como uma criança!

Macario: — Minha mãi! minha mãi!

Satan: — Então... ficas aí?

Macario: — Vai-te, vai-te, Satan! Em nome de Deus! em nome de minha mãi! eu te digo: Vai-te!"

Nas *Ideas Intimas*, talvez o que fez de maior como poesia, diz que venera igualmente pai e mãi (II, 179), mas é certo que essa igualação é puramente bem educada e artificial. A mãi é que o obseca furiosamente. E variadamente. A' mãi êle dedica a *Lira dos Vinte Anos* e o faz em versos de grande importancia psicologica, indicando a dedicatoria como volta do poeta ao seio materno, pela imagem da arvore cujas flores esfolhadas tombam sobre o chão que deu vida á arvore. Essa aspiração de retorno ao seio materno é excessivamente caracteristica da materia psicologica de Alvares de Azevedo. E da mãi dele tambem. Talvez menos inocentemente, do que era razoavel naquele tempo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva acha que "mãi e filho *eram vítimas* dos seus tão puros amores" (I, 45). Ninguem ignora o importante caso da cama. A mãi de Alvares de Azevedo tivera um pesadelo em que vira o filho morrendo na propria cama dela. Todos os interessados em psicologia hão-de naturalmente reconhecer a importancia dum detalhe exquisitissimo: ela relata ao filho o pesadelo que teve! E' o que afirma Jaci Monteiro. E menos de tres meses depois, quando o filho adoece pra morrer, ela lhe oferece a propria cama, afirmando ainda Jaci Monteiro (e é psicologicamente explicavel êsse esquecimento em conciencia) que ela estava completamente esquecida do que sonhara. Alvares de Azevedo recusa no momento, pra dias depois pedir o leito da mãi, onde morre.

Não me parece possivel, diante de certas noções contemporaneas de psicologia, aceitar como simples dados de sentimentalismo romantico os pormenores que dei dêsse caso. Tanto mais ajuntando-se a isso a dedicatoria da *Lira dos Vinte Anos*. E ainda mais. Nos *Boemios*, com bastante mau-gôsto, encontramos a idea do feto fazendo imagem:

... Na minha mente
Fermenta um mundo novo que desperta.

Escuta, Puff: eu sinto no meu craneo,
Como em seio de mãi, um feto vivo...

Essa imagem do feto, que foi êle, creio, o unico a sentir dentre os grandes romanticos, inda lhe volta no *Macario* (III, 310).

Na descrição dos amores sexuais Alvares de Azevedo ainda encontra repetidamente imagens de maternidade. Tanto no *Poema do Frade*, como na *Gloria Moribunda* a amante *embala ao colo* o rapaz morto. E, ainda no *Poema* do Frade (I, 289) os versos dizem:

Dorme ao colo do amor, palido amante,
Repousa, sonhador, nos seios dela,
Qual em seio de mãi, febril *infante!*

para repetir em seguida (I, 363), e com mais vigor, a mesmissima idéa:

Ai!... todos vos sonhei, candidos seios,
Onde amor pranteara delirante...
Onde gemera em derretido enleio,
Como em seios de mãi sedento infante...

E noutro passo (II, 91) chama a amante fundidamente de mãi e irmã. E si pedindo perdão ao Imperador pra Pedro Ivo, acha de pedir "por vossa mãi", como si a coisa mais sagrada, faz Bocage (I, 237) acabar amaldiçoando a mãi, em versos cujo teor importa psicologicamente muito:

Maldita minha mãi, que entre os joelhos
Não soubeste apertar, *quando eu nascia,*
O meu corpo infantil! Maldita!...

Nas razões que Penseroso alega pra que "se acorde o coração de Macario" (III, 314) vêm fundidos "o amor de tua mãi, as lagrimas do teu amor"; sintomaticamente num segundo poema dedicado *A' minha Mãi,* evoca esta como nas "Madonas com a Criança", dos pintores:

E's tú, alma divina, essa Madona
Que nos embala na manhã da vida,
Que ao amor indolente se abandona
E beija uma criança adormecida.

E, maior sonetista que foi dentre os nossos romanticos, quando num soneto pede a morte pra si "trovador sem crença", inda tem umas derradeiras palavras pedindo perdão á mãi "que êle ama ainda". Por tudo isso percebe-se que o amor pela mãi era, si não anormal, pelo menos absolutamente excessivo e obsecante em Alvares de Azevedo. E' o seu delirio, a sua maior elevação conciente, o seu maior gôso inconciente, a razão mais importante da sua inexperiente rapazice. E' curioso mesmo notar que chama á avó de "mãi de minha mãi" (III, 319), como pra demonstrar bem que o que predomina nele é o amor pela mãi. A proteção que a mãi concede aos filhos inda fracos de vida, vem na *Noite na Taverna*: "que pela noite da desgraça amor insano de mãi consentiria que lhe sufocassem sobre o seio a criatura do seu sangue, o filho da sua vida, a esperança das suas esperanças?" (III, 394).

Tambem a irmã o preocupou demais. No último conto da *Noite na Taverna,* admiravel de urdidura romantica, o caso se passa entre irmãos: a irmã profanada pelo irmão, que inda mata por isso outro irmão: de tudo ressaltando muito bem, e com violenta sensualidade, a esplendidez do ente Irmã. Tambem confunde irmã e amada (II, 34); e ajunta mãi e irmã, por várias vezes ainda (I, 267, 269; II, 160; III, 406). Numa outra vez (III, 260) é muito tendenciosa a pergunta que o Desconhecido faz pra Macario: "Falas como um descrido, como um saciado! E contudo *ainda tens os beiços de criança!* Quantos seios de mulher beijaste alem do seio de tua ama de leite? Quantos labios além dos de tua irmã?" Me parece que não era possivel aludir mais discretamente e mais fundidamente numa possivel confusão de sentimentos pra com mãi e irmã.

Essa foi a meu ver a maior causa que levou Alvares de Azevedo ao medo de amor. Ficou timido, ao mesmo tempo que o amor sexual lhe repugnava. No cap. IX da parte III do *Livro de Fra Gondicario* isso está bem indicado: "Porquê maldize-las, essas miseras (prostitutas), a quem a *timidez* de vosso coração, ou o *orgulho* de vossa alma de poeta..." etc. Já falei que Alvares de Azevedo alardeava de desabusado em amor; mas Satan (III, 300) acha que não tem nada de mais serio e mais risivel que o amor. E por o poeta se falsificar de extremamente vivido em gosos de amor, o tema da amada ingrata ou infiel, do "amar sem ser amado" não se ajeita á teatralização que faz de si proprio. Mesmo na tão tematica *Lira dos Vinte Anos* o tema do amar sem ser amado aparece raro. Vem nas bonitas estancias do *"Fui um doudo a sonhar tantos amores..."*, no *Porquê mentias?* e pouco mais. Sem dúvida o amor não realizado é constante no poeta, e póde-se dizer que a unica tecla de amor que êle sabe tocar nos seus vinte anos, porém não se realiza por causas obscuras, por causas que o poeta não diz claro, como é o caso das *Saudades*, e da "virgem que sonhou" na *Lembrança de morrer*. Muito expressivo disso é aquele passo francamente extravagante, pra não dizer amalucado, do *Macario*, em que Penseroso faz uma gritaria lamentosa porque a Italiana não o ama, quando ela está falando que ama sim. Mas é sempre o estragoso amor e medo que faz Penseroso fugir do amor... Te amo, Penseroso! — Qual! não me amas não! Penseroso *prefere* amar sozinho, que não tem perigo, nem fantasmas de derrotas ou precariedades de qualquer especie. Volto á afirmativa do princípio: era o aspeto mais lamentavel do amor, porém menos doloroso prás dúvidas e hesitações do rapaz.

Mais outra vez em que Alvares de Azevedo tange o "amar sem ser amado" é no *Poema do Frade* (I, 317), em que descreve a "estatua" numa posição importantissima pro medo de amor: *dormindo* no vapor da vaidade. Foi êsse o jeito que o rapaz descobriu pra disfarçar seu medo e evitar o samba do

amor: durmamos! O sono é a mais original invenção do seu lirismo. Adora dormir. No *Spleen e Charutos* diz prá amada:

Amo-te como o vinho e como o sono!;

coisa que repete no *Conde Lopo* e *Poema do Frade*:

Amar, beber, dormir, eis o que amava.

Repete tambem o elogio do dormir. Nas *Ideas Intimas* considera o seu "leito juvenil" como a "página de oiro da sua vida", e evoca os atos de amor que nele praticou... em sonho:

Quantas virgens amei! que Margaridas,
Que Elviras saudosas e Clarissas,
Mais tremulo *que Faust, eu não beijava...*
Mais feliz *que Don Juan e Lovelace,*
Não apertei ao peito desmaiando*!*
... e eu acordava
Arquejando a beijar meu travesseiro.

Na *Anima Mea*:

... Um momento dormir, sonhar um pouco!
Ninguem que turve os sonhos do mancebo,
Ninguem que o indolente adormecido
Roube das ilusões que o acalentam
E do mole dormir o chame á vida!
E é tão doce dormir! E' tão suave
Da modorra no colo *embalsamado...*
... certamente
Que são anjos de Deus que aos seios tomam ..
A fronte do poeta que descansa!

Grifei as imagens maternas que tambem neste passo frequentam o desejo do poeta. Mesma imagem no *Desalento* ainda:

Ah! feliz quem *dormiu no colo ardente*
Da huri dos amores,
Que *sofrego bebeu* o orvalho *santo*
Das perfumadas flores...

Ainda no *Livro de Fra Gondicario* repete o desejo de dormir no colo. O sono que tanto deseja, não é pra êle apenas o momento pra, libertado dos perigos do amor, sonhar os atos de amor; tambem sabe apreciar o sono sem sonho, o sono que é ignorancia da vida, como está na simbologia de *Cantiga;* mas ainda aspira dormir filialmente no colo da amada. Arnold, (III, 413) numa deliciosa trapalhada, pedindo pra Giorgia que lhe sente nos joelhos, que deite a cabeça no ombro dele, o que quer é passar uma hora no seio dela, derramar lagrimas no colo dela, e confessar-se, fazer confidencias, contar como profanou a alma e o passado, contar filialmente tudo. Mais que o prazer vivo do amor, o que Alvares de Azevedo aspira é dormir, mas dormir de verdade, no seio da amante. Dormir de verdade e até morrer, como na nota 1 da p. 455 dêste estudo.

O conde Lopo quando abre o coração ao moço suicida que salvou, evoca as "dormidas horas com mulher"; Gennaro (III, 396) tem coragem de profanar Laura porquê, acordando do sono a encontra na cama dele; o primeiro capítulo dos Labios e Sangue, aqui publicado, evoca Byron e os aromas (!) de Veneza, em que o "poeta-rei" "foi adormentado por teus aromas, com a fronte caida nos joelhos dessa mulher bela"; o amante dormindo frequenta outras páginas dêsse romance, que não cito pra não tirar os direitos justos de Homero Pires; em *A Minha Estrêla* o califa é evocado, "adormecendo nos braços voluptuosos da estrangeira"; e ainda no *Poema do Frade,* voluptuosamente aspira a "dormir com a loura peito a peito".

Porém a mais bonita e mais medrosa criação que inventa, nesse desvio do amor e medo pro dormir no amor, não está na aspiração do sono, ou na imagem do rapaz adormecido; está na imagem da amante dormida. Que libertação! o poeta pode

gosar o seu amor, junto com a amada e ao mesmo tempo sozinho, fugido dos pavores que o perseguem. Muito provavelmente êle encontrou a imagem em Musset. E' certo que *Rolla* causara impressão enorme em Alvares de Azevedo. Fez do poema um estudo crítico; traduziu em versos algumas passagens dele, e justo a em que *Rolla* encontra Marion dormida.

A imagem da amada dormindo pode-se dizer que é toda a obra de Alvares de Azevedo, tão abundantemente frequenta qualquer criação dele. Uma poesia êle dedica exclusivamente a esa imagem (II, 36):

Dorme, oh anjo de amor! no teu silêncio
O meu peito se afoga de ternura...
E sinto que o porvir não vale um beijo!

Noutro poema só pede que a amada durma no seio dele (II, 47):

E consentiras, oh virgem dos amores,
Descansar-me no seio um só momento!

E faz ainda o mesmo na *Cantiga do Sertanejo*:

Si viesses inocente
Adormecer docemente
'A' noite no peito meu!

Bem como na *Tarde de Verão,* e ainda em *C.* (II, 98):

Minha noiva, ou minha amante,
Vem dormir no peito meu!

Se compraz em descrever a amante dormida:

... ah! não ressona
Uma virgem de Deus com tal pureza!
Era um lago a dormir... (*I, 356*);

em mais sete estrofes seguidas do mesmo *Poema do Frade* (I, 337):

Ela dorme. Siléncio! oh noite bela!
Fresco e perfume só derrame o vento
Nos cabelos da languida donzela!

E da noite ao frescor o sangue lento
Corra nas suas azuladas veias
Como a onda no mar sobre as areias!;

pra criar uma joia de lirismo e timidez ("não te rias de mim") com o soneto

Palida, a luz da lampada sombria...

As mulheres que encontra pra amar, encontra dormindo:

Era tão bela assim... e ela dormia! (I, 294);

Candida e bela mulher aí dormia! (I, 298);

Vem comigo, mancebo: aquí sentemo-nos...
Ela dorme. (II, 334);

e ainda em II, 62, 114, 174, 201, 231, 249.

Entoa acalantos prá amante dormida, como no Conde Lopo (p. 27); lhe pede que acorde (II, 15, 18) ousado; inventa que ela dorme de olhos abertos, pra estar mais proxima da vida (II, 15); gosta de charuto porquê êste revela a "morena adormecida" (I, 310); faz a confusão da dormida e da morta (II, 121; Conde Lopo, 118); invoca as "donzelas dormidas por cem anos" (II, 216); almeja para total aniquilamento e paz que ambos durmam (I, 225; II, 81); e (II, 39) tem a invenção verdadeiramente requintada do sequestro quando imagina que êle dormindo sonha com ela dormindo! Sem contar

que deseja ser a cruz com que ela dorme, o travesseiro sobre que ela repousa (II, 236)! E pois que ela está dormida, é facil pra êle beija-la sem temores (II, 76, 37, 10), ou com temores como na nota 1 da p. 455 dêste estudo; emquanto Macario (III, 317) quer vê-la e beija-la de leve, embora fosse adormecida! Detalhe tanto mais importante pro amor e medo, que o poeta concebe possuir a amante dormida. De facto Solfieri (que aliás deixou a condessa Barbora adormecida!) quando rouba o cadaver da igreja e quer saciar-se nele, na verdade está possuindo uma bela adormecida, pois que a moça fôra apenas tomada dum sono cataleptico; e noutro conto da mesma *Noite na Taverna,* Hermann tambem encontra a duqueza Eleonora dormindo e pra possui-la inda lhe dá um narcotico! E' o climax do sequestro: o medo de amor inventa a idea de possuir a bela adormecida.

E nem escapou a Alvares de Azevedo o confessar inadvertidamente que era bem o medo de amor que lhe fazia inventar a imagem da amante dormida. Em dois passos. Nos *Pensamentos d'Ela* (II, 304) o amor e medo é pegado em plena ação de criar a imagem. Destaco trechos:

Tu sorrias de mim porquê não ouso
Leve turbar teu virginal repouso,
A murmurar ternura;
(. . . . .)
Prefiro amar-te bela no segrêdo!
Si fôras minha tu verias cedo
Morrer tua ilusão!
(. . . . .)
Oh! nunca possas ler do meu penar
As páginas ardentes!
Si em canticos de amor a minha fronte
Engrinaldo por ti, amor cantando,
Com as rosas que amava Anacreonte,
E' que alma dormida, *palpitando*...

No raio dos teus olhos se ilumina...
(. . . . .)
Mas quando o teu amante fosse espôso
E tu, sequiosa e languida de amor,
O embalasses ao seio *voluptuoso*
E o beijasses dos labios no calor,
Quando tremesses mais, não te doera
Sentir que nesse peito que vivera
Murchou a vida em flor!

E na *Teresa,* afirma definitivamente (I, 257):

Não acordes tão cedo! enquanto dormes
Eu posso dar-te beijos em segrêdo...
Mas quando nos teus olhos raia a vida,
Não ouso te fitar... eu tenho medo!

Varela, si não me engano apenas tocou na amante dormida, numa estrofe do "Porquê te afogas...". Casimiro de Abreu versa o tema tres vezes (p. 76, 83, 93) e beija a adormecida *Na Rede.* Mas ainda o lado safadote dele aparece, pois que, em *Sonhando* ela, e pronunciando o nome dele, o poeta pergunta depois o que foi que ela sonhou:

Falei-te dêsse soluço
Que os labios abriu-te a medo...
Mas tu fugindo guardaste
Daquele sonho o segrêdo.

Creio ter demonstrado pelos seus lados varios o sambinha de sequestros que o amor e medo saracoteou na excessiva mocidade dos nossos maiores poetas romanticos. Todos o sofreram no espirito e o venceram com maior ou menor facilidade. Menos Alvares de Azevedo que parece não ter sofrido dele apenas no espirito, que o converteu na propria razão-de-ser da obra dele, e talvez da morte dele tambem. Embora crecessem as

esperanças, as vitórias, as felicidades, é sabido que êle foi gradativamente entristecendo á medida que se aproximava da idade do homem. Entra nos vinte-e-um anos e pressente que vai morrer. Quer morrer. Abusa mesmo do desejo de morrer, no caso de ajuntar a sua propria data na parede da pensão em que estavam escritos os nomes dos quintanistas mortos. Porquê morrer si tudo o predispunha á vida! Porquê tamanho tedio real, que a imitação dos europeus não é suficiente pra explicar! A não ser que lhe entediasse a genialidade liberrima tudo o que estava botando de falsificação em si mesmo e nas obras? Ha várias constancias e pormenores nos escritos de Alvares de Azevedo que poderiam nos levar a conclusões que não me interessam por serem episodicas e individualistas. Não têm o valor universal do tema do amor e medo que é de todos. Mas não me assusta imaginar que em grande parte foi o medo de amor que levou o inventor de Macario a se morrer. E sob êsse ponto-de-vista a gente inda poderá estudar certos detalhes do pesadelo do *Conde Lopo*: a obcessão do frio, a capa que os diabinhos tiram do conde, a recusa de amar o esqueleto... vivo da prostituta, etc. Mais importante ainda é, no sonho de Macario, a mulher-anjo-homem assexuado que Satan explica assim: "Era um anjo. Ha cinco mil anos que ela tem o corpo da mulher e o anatema duma virgindade eterna. Tem todas as sêdes, todos os apetites lascivos, mas não pode amar. Todos aqueles em que ela toca se gelam. Repousou o seu seio, roçou suas faces em muitas virgem e prostitutas, em muitos velhos e crianças, bateu em todas as portas da criação, estendeu-se em todos os leitos e com ela o siléncio... Essa estatua ambulante é quem murcha as flores, quem desfolha o outono, quem amortalha as esperanças". "Quem é?" Macario pergunta. Mas Satan muda de conversa.

MARIO DE ANDRADE.

Cronica

PERSPETIVAS

"Hierarquia", uma excelente revista de estudos politicos e sociais, que acaba de ser fundada no Rio e se propõe a provocar em cada número um debate sôbre assunto de interesse geral no momento, inicia a sua serie de controversias com o exame do decreto que instituiu o ensino religioso facultativo nas nossas escolas oficiais, sôbre o qual se manifestam um catolico, um protestante, um positivista e um livre-pensador. Não é meu proposito comentar aqui a diversidade dessas opiniões, mas apenas concordar com uma delas, a do livre-pensador, no caso o escritor paulista Sergio Buarque de Holanda, que os leitores da "Revista Nova" bem conhecem. Quanto ás demais, constatarei apenas, com espanto, que o protestante, cuja seita era de se supôr beneficiada por aquela medida, contra a mesma reclama, como um prejudicado autêntico.

Esse caso do ensino religioso deveria inspirar ao comentador isento uma unica observação: religião é problema nitidamente individual que só se pode resolver no fôro intimo de cada um. Suponho que outra coisa não decorre dos proprios dogmas. Permitido, como é no decreto brasileiro, o ensino de qualquer credo, desde que um certo número de alunos ou de seus responsaveis o requeiram, não se pode invocar contra a medida um direito que ela não fere, como o de liberdade de crença. Todavia o menor exame da questão indicaria, penso eu, a nenhuma vantagem de tal medida para as diferentes Igrejas, ao mesmo tempo que a evidente inconveniencia do Estado chamar a si e abrigar nos seus estabelecimentos de ensino a discussão entre todas apaixonante, sôbre a qual não ha acôrdo possivel, e que, por natureza, escapa ao dominio do que se pode utilmente ensinar.

Com efeito, ensino presupõe livre-exame e livre aceitação. E o que se ensina deve ser demonstravel. Ora, é precisamente o que não se dá com a religião, qualquer que ela seja. Pelo que, os cursos a serem criados limitar-se-ão forçosamente o chover no molhado. Do ponto de vista de cada religião, valeria a pena, talvez, subordinar aos seus principios todo o curso de humanidades, impregnando-o do seu espírito. Tanto não permitiu o decreto, nem era possível que permitisse, no regimen do Estado leigo. Para isso, entretanto, as diversas Igrejas possuem ou podem possuir as suas escolas, para onde normalmente os fieis encaminharão seus filhos, si os quizerem reli-

giosamente educados. Os que, ao contrário, mandavam os seus á escola oficial, sabiam que nenhum ensino religioso aí lhes seria ministrado. E assim não se podia falar de prejudicados nem de oprimidos. No regimen atual tambem não, é certo. Mas ha o inconveniente de se meter o Estado no que não é de Cesar e convidar os seus educandos á desinteligencia e á disputa, tudo para que, sob os seus auspicios, se possa ensinar o Padre-Nosso, não direi ao vigario, mas a alguns possiveis sacristães.

PEDRO DANTAS

Etnografia

Lingua Nacional (1)

CASACUDO — Homem de importancia social: "Eu, Chico? Eu tenho nada com isto... Culpe-se lá dos casacudos" (**Jornal do Comercio**, Recife, 29-1-1929).

CASAR E BATIZAR — Fazer o que quer: "Como se fosse a autoridade mais legal do mundo, casa e batiza" (P. Baptista, **Cangaceiros**). **(Modismo do Nordeste).**

CASCAVEL — Guiso grande. **(Usa-se nos Açores).**

CASCUDO — O mesmo que cocorote ou piparote: "D. Ermelinda, assim se chama a mãe da tropa, os debanda a cascudos" (Urbano Duarte, **Lingua Vernacula de R. Bizarria**, Baía).

CASO SERIO — Modismo nortista que significa a importancia de que se reveste um certo acontecimento: "Nos Estados Unidos o exame das bagagens é um caso serio" (Medeiros e Albuquerque, **Jornal do Comercio**, 18-5-1930).

"Paraiba é um caso serio
Quando precisa brigar"
(Canção popular)

CASSULA — O ultimo filho. Rodolpho Garcia empregou este vocabulo sómente no sentido de duas pessoas que pisam o milho no mesmo pilão e ao mesmo tempo. No Nordeste a palavra tem as duas acepções.

CATANA — Faca usada pelos pescadores do Ceará:

"Traz sempre suspensa á ilharga,
Para as pescas de jangada,
A lamina aguda e larga
De uma catana afiada".

(Alvaro Martins, **Pescadores da Taíba**)

CATATAU — Repreensão com severas observações. Tinha essa denominação certo castigo imposto pelo nefando Tribunal da Inquisição (Prof. Ladislau Batalha, **Adagios**, no capitulo do **Santo Ofício**).

CATEMBA — Especie de pericarpo do cacho do côco. Abre-se á proporção que os frutos se desenvolvem, ficando como duas valvas protetoras dos mesmos frutos, semelhando espatulas ponteagudas.

CATITA — Bela **(Termo importado de Portugal).** Rato miudo.

CATRAIA — Mulher de pouca reputação. **(Termo de Portugal).**

CAVA — Emprega-se na expressão **estar na cava:** estar irado, a ponto de arremeter contra todos. O teu-

(1) V. n. 2.

ro está na cava: está escarvando a urrar.

CAVAÇÃO — Processo dos cavadores de emprêgo, posição, dinheiro, etc.

CAVALICOQUE — Homem grande. (Em Portugal: cavalo de pouco valor).

CAVALO DO CÃO — Besoiro de quatro azas, esguio e preto (aschnidae: Ihering, **Atlas da Fauna do Brasil**).

CAVALO-MARINHO — Uma das figuras do bumba-meu-boi:

"Cavalo marinho
Dançai muito bem,
Que o dono da casa
Dá vinho tambem"
(Cancioneiro do Norte).

CAVAR — Obter emprêgo, posição, etc., usando meios pouco decentes.

CAXINGAR — Manquejar, coxear.

CERA — Namoro, **flirt**: "Eles começaram uma cerazinha no baile do Alexandre Sequeira" (Viriato Corrêa, **Balaiada**, p. 31).

CERCA-LORENÇO — Atalho.

CERRADO — Campo de vegetação com árvores altas e baixas, com predominancia das cactaceas (Bernardino José de Sousa, **Onomastica Geral do Brasil**). **(E' termo da ilha de S. Miguel).**

CESSAR (verbo) — Adejar serenamente (diz-se do gavião e de certas aves).

CEVADO — Porco de engorda.

CHABOQUE — Pedaço de qualquer coisa, arrancado violentamente.

CHAFARICA — Coisa de pouca valia. Instituição ou negocio decadente: "Certo Presidente da Camara Municipal de Fortaleza chama-a de chafarica" (**Razão**, Fortaleza, 4-12-1929).

CHALEIRA — Adulador. **(Termo inventado em Sergipe**, ao tempo em que todos os palacianos de certo presidente queriam pegar na chaleira para preparar um banho morno para o adulado. O fato é verdadeiro, tendo ocorrido durante uma excursão realizada pelo chefe de governo em questão.)

CHAMURRO — Boi mal castrado. **(Nordeste)** Grosseiro:

"E' um cabra repelente
Do nariz enchamurrado"

(Alvaro Martins, **Casa Mal-Assombrada**, Ceará)

CHANCUDO — Meio gordo (diz-se do cavalo).

CHANFRAR — Comer, **passar nos peitos.**

CHAPA — Lugar comum nos modos de expressar o pensamento. "Senhores, não podia deixar de vir do alto desta tribuna", "E' cumprindo o mais sagrado dos deveres", "A imprensa, essa alavanca do progresso", são expressões chapas. Modernamente ha expressões mais modelares: "Controlar", "Estar integrado", "Os expoentes", "O Brasil novo", "Novos valores", etc.

CHARA' ou CHARAPIN — Homonimo:

"Eu Manuel, você Manuel,
Tratemo em ser charapin,
Que mais vale um negro bom
De que cem branco ruim"

(Cancioneiro do Norte)

(Diz Baptista Caetano ser palavra guarani: **cherapi.** O nosso provecto João Ribeiro, **Lingua Nacional**, diz ser do tupi: **Che era** que significa "me dizem assim", "me chamam". Sabemos que o tupi divergia do guarani como o português do castelhano.)

CHARRO — Publico e notorio: "Isso é mesmo charro no Teixeira" (Pedro Baptista, **Cangaceiros do Nordeste**).

CHARRASVASCAL — Em Mato Groso dá-se este nome ao que no Norte se chama caatinga.

CHEGA — Auxilio, animação. **Dar um chega**: ajudar, auxiliar. (Nordeste)

CHEGA E VIRA — Caganeira.

CHEGAR — O mesmo que vibrar: **chegar o cacete** é dar cacetadas; **chegar a faca**, dar facadas; **chegar o pinho**, dar pancadas; **chegar a mutuca**, ralhar, dar de peia. (Nordeste).

CHEIO DE NOVE HORAS — Cheio de me deixas, ou de chinica de gallinha, isto é: cheio de denguices, de modos amaricados.

CHEQUE — Usa-se na locução **dar um cheque**: aplicar certa vingança disfarçada. Decepção, surpreza: "O dominio de hontem reservou-lhe uma surpreza, um cheque, uma decepção" (**Jornal do Commercio**, Rio, 8-10-1929).

CHIFRE DE CABRA — Individuo imprestavel.

CHILIQUE — Desmaio, ataque histerico: "...falando dez minutos para o nobre orgão da justiça publica, caindo com um chilique" (Ludovico Lins, **Pessoal de arrelia**, Pará).

CHINFRIM — Cousa ruim. Dança da canalha: o mesmo que forrobodó.

CHIQUEIRADOR — Chicote de cabo comprido, usado pelos almocreves. (Empregado por Ruy Barbosa como vil instrumento de castigo nas senzalas — João Leda, **Ruy Barbosa**, p. 47).

CHOCANTE (adj.) — Desagradavel: "Tudo sem malicia, mas era chocante" (P. Setubal, **Maluquices do Imperador**, p. 80).

CHOCAR — Esmorecer deante do inimigo. O galo, ou canario, que apanha do outro, **choca**.

CHÔPA — Canario que não briga.

CHORAR — Usa-se nas seguintes expressões: **chorar a carta**, puxar a carta bem devagar, no jogo do 31 ou pocker; **chorar**, pedir abate no preço dos generos; **chorar-pitanga**, chorar miseria, queixar-se; **chorar miseria**, contar muita pobreza; **chorar o bacalhau** ou **chorar o assucar**, humedecer-se (quando entra o inverno essas mercadorias **adivinham o tempo**, dão para chorar, vertem agua); **o alheio chora seu dono**, diz-se quando se perde alguma coisa, que volta ao poder do dono; **defunto sem chôro**, pessoa que sofre sem ter quem se condôa; **chorar para mamar**, reclamar para armar ao efeito e obter vantagens; **o ôlho está chorando**, lacrimejando por doença; **chôro de violão**, música para violão, composta sempre em menor, com languidez e sem artificios de composição (o chorinho de violão **é de Portugal**).

CHOROMINGAR — Ensaiar chôro, chorar levemente.

CHOROMINGAS — Chorão, lamuriento. Poeta romantico que só canta nostalgias e saudades (Casimiro de Abreu, aos olhos de certos criticos, é dessa classe).

CHOUTO — Dar um chouto em alguem: fazer fugir com medo de apanhar.

CHOVE-NÃO-MOLHA — Estado de irresolução em qualquer negócio, querer e não querer:

> "Nem a decisão e coragem das oposições gauchas se coadunam com a politica chove-não-molha do P. D. Paulista" (**Manhã**, Rio, 20-7-1928).

CHUCHAR NO DEDO — Não obter o que deseja. (**E' de Portugal**).

CHUMBREGAR ou CHUMBERGAR — Embriagar-se, usar da pinga:

> "Na rua em copo não pega,
> Porém, em casa chumbrega.
> Não é defeito beber"
> (**Cancioneiro do Norte**)

(Vem **do nome do Conde de Schomberg**, perfeito borracho do seculo XVII).

CHUPETA — **Biberon**, o bico da mamadeira. **De chupeta**: de luxo, lindo, bom, **de encomenda**.

CHUVA — Ebrio. **Manda-chuva**: o chefe que manda a todos.

CHUVER — **Verbo transitivo**: Chuveram aplausos e presentes; **chuver no molhado**: o mesmo que remar contra a maré, trabalhar inutilmente; **chuver madeira**: haver caceta-

das; **chuver pedidos:** aparecimento de muitos pistolões; **chuver no roçado:** ganhar dinheiro.

CIGARREIRA — Piteira.

COBRA — **Ficar cobra:** ficar perigoso.

COCOROTE — O mesmo que piparote.

CÔFO — Especie de cesto de pindoba em que, nas bodegas, se expõe á venda o carvão. **(Termo do Maranhão).**

COISA — Emprega-se nas expressões: **O' seu coisa,** oh senhor cujo nome ignoro; **nem cuma coisa** (modismo), não fez caso, não se alterou; **julgar-se muita coisa,** presumir-se; **aquela coisa,** chinica. **(Plebeismo do Nordeste)**

COISAS PRETAS — Perigos que ameaçam graves acontecimentos: "... prompto a fugir quando as coisas lhe ficavam pretas" (Viriato Corrêa, **Balaiada**).

COIVARA — Monte de garavetos, galhos secos e outros restos de vegetais, que o matuto queima nos roçados depois da derruba, quando acontece não ter o primeiro fogo queimado bem.

COLA — Copia do ponto que o examinando fila.

COLAR — Filar, passar em exame sem conhecer a materia. Tambem significa tentativa de negocio: **fiz isto para ver se colava,** se passava.

COMES E BEBES — Festas com comeizanas.

COMER — Receber gorgeta. **Comer ruim:** passar mal; **comer da banda pôdre:** sofrer torturas; **comer fogo:** padecer; **comer bala:** ser baleado; **comer bola:** deixar-se subornar; **come-longe** ou **comedor de vício:** pessoa que, por depravação do paladar, come terra, etc.

COMIDELA — Negociata, arranjos em advocacia administrativa: "E depois as comidelas do sr. F. datam de administrações anteriores, tidas e havidas como deshonestas" **(Manhã,** Rio, 17-8-1928).

COMPRA-FIADO — Atalho.

COMPRAR A FERRO — Comprar a dinheiro de contado.

COMPRAR NO FUSO — Comprar fiado.

CONFIANÇA — Atrevimento, cabimento, ousadia. A seguinte quadra popular dá perfeita idea do termo:

"Marinheiro, pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu a confiança
De casar com brasileira?"
(Rodrigues de Carvalho, **Cancioneiro do Norte)**

CONFORMIDADE — Condições de vida:

"Eu vejo a minha familia
sofrendo necessidade;
Eu aflito, sem poder,
Na mesma conformidade".
(Nicandro, **Cantigas,** A. B. C.)

CONTA — Usa-se nas expressões: **fazer de conta:** supôr; **formar de conta:** pretender —

"Eu sempre formei de conta
No fim de meu testamento
Deixar tambem as lembranças
Para Manuel Nascimento"
(Boi Victor, **Cancioneiro do Norte);**

fazer conta de: prestar atenção a, considerar alguem.

CONTA DE CHEGAR — Conta feita a dedo, para dar certo de qualquer modo.

CONTECULOS — Contos de réis.

CONVERSA FIADA — Lambança, muitas palavras e pouco assunto. Basófia, potoca: "E conseguiu padre João alguma coisa com essa conversa fiada?"
(A. Peixoto, **Bugrinha) (E' linguagem do Nordeste).**

CONVOLAÇÃO — Acto de mudar de estado: "A convolação do presiden-

te da república a segundas nupcias" João Leda, **Ruy Barbosa)**

CORDA — Usa-se nas locuções: **dar corda:** alimentar as pretenções de alguem (a moça que namora por divertimento **dá corda** ao rapaz) e, tambem, afrouxar, deixar, consentir ("Meti o anzó nágua,
Dei corda, não achei linha" — **Cancioneiro do Norte);**
(não achar linha: não topar em obstaculo)
apertar a corda: dificultar mais o negócio; **dançar na corda bamba:** mentir, contar histórias, tergiversar; **roer a corda:** faltar com a palavra; **chuver naquela corda:** chuver em certa direção do horizonte; **corda de carangueijo:** certa quantidade de carangueijos amarrados pelas patas para serem vendidos (tambem se diz: **cambada** de carangueijo). **(Linguagem do Nordeste).**

COROA (no milho) — Placa endurecida no caroço do milho quando começa a secar. **(Nordeste)**

CORREDOR — Osso da mão da vaca, que se bate para dar saida ao tutano: "F. foi creado com queijo, rapadura e tutano de corredor" (Da Secção Florilegio da **Razão,** Fortaleza, 4-12-1929).

CORRICAR — Andar de casa em casa para ouvir historias, enredos. **(Nordeste).**

CORRIMBOQUE — Pequena vasilha feita de chifre para ganhar tabaco, ou torrado.
Ser passado nos corrimboques: ser fino, sabido. (Hibridismo, do prefixo **corn,** tomado ao vocabulo corno, com a flexão verbal indigena **mboque,** que designa embrulho, guardar em lugar ôco. — Baptista Caetano)

CORTAR BROCHA — O mesmo que **roer brocha:** ter despeito.

CORTAR LINGUA — Conversar em lingua estranha.

CORTE — Abatimento de gado para o consumo publico. **Fazer corte:** desviar-se da arena (diz-se do galo de briga). **Ruim de corte:** que vai mal de negocio.

COSER CARNE QUEBRADA — Benzedura em tom cabalistico, que fazem as curandeiras sôbre as luxações, entorses, desmentiduras. Ao tempo que rezam, fingem coser com uma agulha, que atravessa, por muitas vezes, um novelo de algodão.

COSMOPOLIS — Cidade universal (Ruy Barbosa — João Leda)

COSTAS QUENTES — Ter as costas quentes: ter protetor. **(Linguagem do Santo Ofício** — Ruy Barbosa, **Collectanea Juridica).**

COSTELA — Mulher, companheira.

COURO E CABELO — Maxima, exigencia, cobrar preços exagerados. **(Linguagem do Santo Ofício** — Ladislau Batalha, l. c.)

COVA DE CACOS — Não se trata do celebre bandido e da sua lendaria toca ás margens do Tibre. No Norte **cova de cacos** significa coisa sem valor, que vai em decadencia.

CRIOULO — Mulato. **(Palavra castelhana) Pão crioulo:** feito de farinha de má qualidade.

CRISTO — O mesmo que **pato:** aquele que paga as despezas.

CRUEIRA — Residuo da mandioca depois de peneirada. **(Termo indigena)**

CRUZES! — Interjeição equivalente a **abre nuncio.**

CUIA — Vasilha aproveitada da fruta do cabaço, aberta em duas bandas de igual tamanho. Medida de secos, usada no Nordeste: regula dez e cinco litros.

CUMBUCA — Pequeno deposito feito do fruto do coité ou do cabaço. **Meter mão em cumbuca:** "macaco velho não mete mão em cumbuca", isto é, não se enrasca. (Termo indigena: **cuiambuca).**

CURIBOCA — Filho de negro com caboclo. E' tipo semelhante ao malaio. (Euclides da Cunha escreveu:

"cariboc, que procede do branco". E' engano: o filho de caboclo com branco é o que se chama mameluco).

CURTIR — Emprega-se na frase **curtir a cachaça:** dar tempo a que desapareçam os efeitos da embriaguez. **Curtir o fumo:** deixá-lo bem passado.

CUTRUCO — Portuguez (no Ceará). Equivalente ao galego, em Pernambuco.

(Continua)

RODRIGUES DE CARVALHO

Superstições do povo paulista

1 – O Homem - Gestação, nascimento e batismo

O presente artigo é o primeiro de uma serie em que pretendo classificar boa copia de superstições paulistas, comparando-as com as abusões do folclore de outros Estados do Brasil e paises estrangeiros. Procurarei, sempre que possivel, averiguar ou pelo menos indicar a origem das crendices, e adotarei a linguagem simples de nossa gente, evitando palavreados inuteis e mesmo contraproducentes em trabalhos desta ordem, em que a clareza é o principal requisito exigido.

Quanto ao plano geral do ensaio e sistema de classificação das abusões, procurarei orientar-me, entre outras obras, por dois excelentes livros de Paul Sébillot, o eminente folclorista francês. Esses livros, intitulados: "Le Paganisme contemporain chez les peuples celto-latins" e "Le Folk-Lore", ser-me-ão valioso subsidio para a elaboração dêstes artigos. Constituindo um grande repositorio de superstições dos mais variados povos, as duas obras de Sébillot a que me refiro encerram material de estudo dos mais interessantes e nelas encontrei descritos usos e costumes de raças estranhas identicos ou quasi identicos a muitas de nossas tradições.

Não se pode, no entanto, conceder demasiada importancia a essas semelhanças que se verificam entre as crendices de varios povos. E' provavel que a maior parte de nossos prejuizos seja de origem iberica, dada a nossa ascendencia portuguesa; e certo que muitas das crendices paulistas foram trazidas para estas terras pelos escravos, no bojo dos navios negreiros; está averiguado que os indios nos legaram boa cópia de abusões; é possivel, ainda, que inumeras superstições novas tenham vindo se incorporar ao nosso patrimonio tradicional com a entrada de imigrantes neste Estado, e, em breve não será de estranhar que vejamos o nosso folclore acrescido de crendices italianas, sirias, ungaras, russas, estonianas, etc... Mas, é de crêr tambem que muitas dessas identidades entre superstições de varios povos não sejam consequencia de transplantações, e sim fruto de determinadas condições que se repetem semelhantes em terras por vezes afastadas umas das outras.

Criticando a tendencia de certos folcloristas para descobrir sobrevivencias do paganismo em todos os prejuizos que subsistem em nosso tempo, Arnold van Gennep escreveu estas sensatas palavras: "Para eles, todo o rito e toda crença não conformes aos dogmas nem ao ritual cristão admittido pelo Papado são **sobrevivencias** de antigos

costumes e de antigas crenças. Como se desde a conversão ao cristianismo todo poder de inventar novos ritos ou de elaborar novas crenças tivesse desaparecido para sempre. Chega-se a um ponto de vista completamente diverso, pelo exame das modificações que se produzem, em todos os sentidos, desde que o cristianismo penetra entre as populações "selvagens" da atualidade (1)".

Essas palavras devem te--las os folcloristas sempre em mente, para evitar que persista a tendencia a descobrir em toda e qualquer superstição uma revivescencia de antigos usos, e que aumente a mania de procurar até para as crendices mais nacionais que imaginar se possam uma genealogia complicada que se enraiza no "Zend-Avesta" ou no "Ramayana".

Iniciei êste trabalho por inspiração de meu pai, quatro annos antes de sua morte. Tinha, a principio, a idea de organisar uma especie de dicionario de superstições, mas com o andar do tempo passei a achar mais racional a distribuição das crendices de acôrdo com o plano que agora desenvolvo. Quanto lamento não ter a orientar-me as pesquizas a mão segura de meu pai. Quero, porém, dedicar á sua memoria êste ensaio com que me inicio num genero de estudos de que ele foi apaixonado cultor.

E' imensa a cópia de crendices e abusões sôbre os mais variados assuntos existente no Estado de S. Paulo. A superstição impera ainda, no interior e mesmo na capital, entre as classes menos cultas. Esta afirmativa pode ser comprovada a qualquer momento, pois são frequentes as manifestações da fé depositada por inumeras pessoas em **simpatias** para curar toda a sorte de males, assim como do receio que têm essas mesmas pessoas de violar qualquer tabú estabelecido por velhas crendices. Neste trabalho refiro-me a algumas dessas cousas que "não se devem fazer" e a muitas outras cuja realização só beneficios pode trazer. Por exemplo: colocar picuman e teia de aranha sobre feridas para que estas cicatrizem depressa é ato comum entre os nossos caipiras, sendo o estranho remédio aconselhado a todas as parturientes para que o apliquem no umbigo de seus filhinhos recem-nascidos. Mas, que a pobre mãe não se dê o capricho de assistir ao batisado do pequeno — o que, certamente, lhe seria muito grato — porque isso atrairia toda a sorte de males sôbre a inocente creatura.

Caso raro nas tradições populares paulistas, que são bastante ricas, o capítulo que agora desenvolvo e que se estende das abusões tendentes a proporcionar a fecundação até as que acompanham a primeira infancia, não regista grande numero de crendices e aquelas que pude recolher são, em sua mór parte, sobejamente conhecidas. O que me anima a publicar este primeiro ensaio é o fato de ser ele um dos poucos que sôbre o assunto têm aparecido em nosso Estado.

a) — FECUNDAÇÃO

1. As práticas supersticiosas tendentes a proporcionar ou impedir a fecundação, quasi que não existem entre nós. Anotei, porém, a seguinte **simpatia** indicada pelos nossos caboclos como remédio seguro contra a esterilidade:

Quando uma mulher cabocla não tem filhos e está desejosa de os ter, o marido vai a procura de uma anta macho, caça-a e arranca-lhe o membro genital, cujo couro põe a secar ao sol. Dêste couro, depois de sêco, é feita uma infusão que deve ser tomada pela mulher esteril que, assim, verá finalmente satisfeitos os seus anseios maternais.

(1) Arnold van Gennep, **Religions, Moeurs et Légendes**, pags. 91-92; 2.ª ed. Paris, 1908.

Essa crendice, que me foi comunicada por pessoa observadora e concienciosa, não teve confirmação por parte de nenhum outro estudioso dos costumes caipiras que consultei a esse respeito, nem se encontra em nenhuma das obras em que baseei o presente ensaio. Registo-a, não obstante isso, dada a fé que me merece o informante.

2. Na vespera de S. João costumam muitas pessoas pôr ao relento um copo dagua em que lançaram uma clara de ovo. Na manhã seguinte, indo ver o copo, procuram essas pessoas credulas interpretar as figuras que se formaram com a clara. Exporei mais detalhadamente, num artigo subsequente, em que consiste essa superstição; no presente quero apenas me referir a outra parte dessa crendice, e esta menos conhecida do que a primeira. As mulheres do povo parecem acreditar que a água que passou a noite ao relento, juntamente com a clara de ovo, possúi virtudes fecundantes e muitas tomam-na, quando querem ter o seu lar enriquecido.

Trata-se, como se vê, de uma simples prática de magia simpatica, cuja origem não precisa ser revelada a ninguem, uma vez que nada tem de obscura.

3. Abusão corrente aqui é a que ensina não deverem as mulheres comer frutos duplos, para que não venham a ter, quando casadas, filhos gemeos.

Em Pernambuco, a proibição se estende aos ovos duplos (2). De Gubernatis refere igualmente essa crendice, dando-a como existente no Voigtland, onde "se tem o cuidado de impedir ás mulheres, especialmente ás mulheres gravidas, o comerem frutos duplos", afim de que não venham a fecundar-se de gemeos (3).

4. Diz o povo que quando o marido sofre dôr de dentes é isso indicação de que a esposa está gravida.

5. As mulheres em estado interessante têm grande cuidado em procurar não vêr pessoas ou cousas que possam influir desfavoravelmente sôbre a criatura que trazem no ventre. Supõem elas que a vista de individuos defeituosos, ou mesmo de fotografias dessas pessoas, fará com que a criança venha ao mundo com identicos defeitos.

Sobre essa superstição que é, talvez, universal, correm, em nosso Estado, inumeras lendas e contos. Na Italia ela é conhecida, dizendo-se "nos arredores de Napoles á mulher que olha para um coelho ou uma lebre que ela se expõe a ter um filho de orelhas grandes ou afeiado por um labio leporino (4)". A mesma crendice existe na França, na Irlanda, na Suecia, na Columbia Britanica, no Mexico, em Madagascar, etc. (5)...

b) — O PARTO

6. Monteiro Lobato, no seu apreciado volume de estrea, "Urupês", dedica uma pagina ás superstições e crendices dos nossos caboclos e, entre outras, refere a seguinte:

"Num parto dificil nada tão eficaz como engulir três caroços de feijão mouro de passo que a parturiente veste pelo avesso a camisa do marido e põe na cabeça o seu chapeu tambem pelo avesso (6)".

Em Pernambuco diz o povo que "basta collocar na cabeça da parturiente um chapéu de homem e a

---

(2) Pereira da Costa, **Folk-Lore Pernambucano**, sem data, pg. 114.

(3) A. de Gubernatis, **Storia Comparata degli usi natalizi in Italia e presso gli altri popoli indo-europei**, p. 62; Milão, 1878.

(4) Paul Sébillot, **El Paganismo contemporaneo en los pueblos celto-latinos**, trad. de F. Peyró Carrió; um volume da Encyclopedia Scientifica, pg. 40, Madrid, 1914.

(5) Paul Sébillot, **Le Folk-Lore**, um volume da "Encyclopédie Scientifique", pgs. 187-189; Paris, 1913.

(6) Monteiro Lobato, **Urupês**, Coll. Brazilia, p. 80.

criança nasce logo sem o menor incidente (7)".

Leoncio de Oliveira, que conhece perfeitamente os usos e costumes do caipira paulista, fala-nos, em seu livro "Vida Roceira", sôbre o mesmo assunto:

"Acreditam (os caboclos) tambem em breves para os partos laboriosos, facilitando incontinenti os mesmos, logo que forem colocados no pescoço das parturientes. E para maior eficacia sentam as mesmas sôbre uma quarta, colocam-lhes sobre a cabeça o chapéu do marido e ordenam-lhes que soprem com fôrça numa garrafa" (8).

O costume de fazer as mulheres gravidas vestirem peças de roupa do marido no momento do parto encontra-se em varios outros povos. Diz o ilustre autor de "Le Folk-Lore": "Na tribu australiana Arunta, o pai se despoja de sua cinta, que é levada á parturiente por um outro homem e colocada pelo mesmo na cintura dela. Usos paralelos aparecem na Europa. Na França, no seculo XVIII, vestia-se na mulher prestes a dar á luz os calções de seu marido e esse costume era ainda recentemente observado na Lorena, no Limousin, na Espanha e na Escocia. Na Irlanda, quando se colocava sôbre a parturiente uma vestimenta do marido, pronunciando um conjuro, era ele quem sofria em seu lugar e gritava como ela" (9).

7. Falhando a **simpatia** dos caroços de feijão, da camisa e do chapéu pelo avesso, indica Monteiro Lobato "um derradeiro recurso usado frequentemente pelas parteiras matutas: colar no ventre encruado a imagem de S. Benedito".

S. Benedito não aparece com frequencia na superstição paulista como protetor das parturientes; pelo menos foi essa a primeira vez que o encontrei nessas funções. Sabe-se, porém, que o autor de "Cidades Mortas" costuma relatar com fidelidade os usos e costumes do nosso Jeca.

8. E' ainda de "Urupês" a seguinte passagem: — "Nesses momentos angustiosos (os do parto) outra mulher não penetre no quarto sem defumar-se ao fogo, nem traga na mão caça ou peixe: a criança morreria pagã" (11).

Interessante esse aspeto do culto ao fogo, culto de que encontramos reminiscencias várias em nosso folclore. O ato de defumar-se outra mulher antes de entrar no quarto teria como unico fim, provavelmente, purificá-la de quaisquer faltas que por acaso houvesse cometido.

Quanto á proibição da entrada de certos alimentos, no presente caso caça e peixe, no quarto da parturiente, existe na Europa crendice semelhante. Diz Sebillot: "Na Alemanha a proibição se aplica particularmente ao pão e ao sal" (12).

9. A tesoura, que surge em inumeras superstições europeas concernentes a êste capítulo, vêmo-la em nosso Estado apenas na seguinte **simpatia**, indicada para favorecer o parto: deve-se amarrar uma tesoura (aberta?) sôbre o ventre da parturiente, afim de que a creança nasça sem dificuldade.

10. Acreditam os nossos matutos que se uma mulher dá á luz sete filhos do sexo masculino, sem que o nascimento de uma menina venha interromper a serie, o setimo rebento está condenado a ser lobishomem quando atingir a idade adulta.

"Se mulher (a setima filha) transforma-se em bruxa, ou numa grande e bravia porca acompanhada de qua-

---

(7) Pereira da Costa, op. cit., pg. 111.

(8) Leoncio de Oliveira, **Vida Roceira**, pg. 31, S. Paulo, 1919.

(9) Sébillot, **Le Folk-Lore**, pgs. 193-194.

(10) Monteiro Lobato, op. cit., pg. 80.

(11) Id. ibid.

(12) Sébillot, **El Paganismo contemporaneo**, pg. 43.

torze leitões e sai, estrada fora, a atacar os retardados forasteiros" (13).

Na Sicilia empresta-se aos homens nascidos nessas condições o poder de curar determinadas doenças (14).

c) — OS PRIMEIROS DIAS DA CREANÇA

11. Muitas creanças, ao nascer, trazem sôbre a cabeça um tenue véu, uma pelicula finissima. Diz o povo que são creanças felizes. Nasceram **empelicadas**; serão afortunadas durante toda sua vida e em todos os seus empreendimentos alcançarão sucesso. Os pais dos venturosos pimpolhos devem conservar a pelicula sempre comsigo, pois que, assim, ela lhes trará igualmente felicidade.

E' essa uma superstição extraordinariamente difundida. Resumo de De Gubernatis (15) as seguintes linhas:

Os alemães crêm nessa superstição e denominam á pelicula "Gluckshaube", ou **touca da felicidade**. Os venezianos denominam-na **camiseta** e dão-lhe os mesmos poderes de talismã benefico. Na Lombardia acreditam igualmente nas virtudes da pelicula. Na Italia diz-se de um homem afortunado que nasceu vestido, e alude-se sem dúvida, á camiseta de bom agouro; na França diz-se que ele é "né coiffé".

Diz ainda De Gubernatis: — "Secondo Elio Lampridio, le antiche levatrici romane levavano quella cuffieta (ch'egli chiama **pileum**), per venderla, come praticavano nel secolo passato le levatrici danesi ed inglesi, agli avvocati, che se ne servivano come di talismano per riúscire eloquenti"... Na Bolonha emprestam-lhe o mesmo poder protetor e chamam-na a **camisa da Madona**, sendo a propria creança quem deve trazê-la comsigo (16).

O povo romano crê igualmente na **camicia** que traz felicidade a quem a trouxer comsigo (17). Vemol-a, ainda, na Belgica.

12. Logo que a creança nasce costumam os caipiras colocar sôbre a ferida recem-aberta do umbigo teia de aranha e picuman... para estancar a hemorragia e facilitar a cicatrização!

13. O cordão umbilical é enterrado cuidadosamente, porque se ele fôr roido por algum rato, o infante ficará, como aquele animalzinho, com o mau veso de se apropriar das cousas alheias.

A mesma superstição em Portugal e na Toscana (18).

14. As mulheres que amamentam, para que não lhes falte o leite, devem rezar um rosario de contas de capim ou ter junto ao seio umas contas tambem de capim. Ha uma determinada especie dessa graminea cujas grossas sementes, de uma côr azulada ou lilaz, são muito usadas pelos matutos para fazer rosarios. Essa especie já recebeu, mesmo, a denominação popular de **capim de rosario** e sobre ela corre uma lenda em nosso Estado.

Conta-se que as primeiras sementes do **capim de rosario** formaram-se de gotas de leite caidas do seio da Virgem, quando, em certa ocasião, amamentava ela o Menino Jesus. Dizem outros que foram lágrimas de Nossa Senhora quando fugia para o Egito, afim de livrar Jesus da cruel perseguição de Herodes. Em Minas Gerais, as sementes do mesmo capim são chamadas **contas de lagrima**.

"Na Alemanha, o **polypodium vulgare**, que cresce entre as fendas dos

---

(13) Leoncio de Oliveira, op. cit., pg. 14.

(14) Giuseppe Pitré, **Curiositá di Usi Popolari**, pgs. 155-156, Catania, 1902.

(15) A. de Gubernatis, op. cit., pgs. 127-128.

(16) Id. ibid., pg. 196.

(17) Giggi Zanazzo, Usi, Costumi e Pregiudizzi del popolo di Roma, pg. 42; Turim, sem data.

(18) Consiglieri Pedroso e Alessandro de Gubernatis, apud Sébillot, **El Paganismo Contemporaneo**, pg. 52. Cf. tambem Leite de Vasconcellos, **Tradições Populares de Portugal**, pg. 204, Porto, 1882.

rochedos, passa por ter nascido do leite da Virgem" (19).

Segundo Leite de Vasconcelos, as mulheres da Beira Alta (Portugal) trazem ao pescoço uma conta a que denominam **conta leiteira**, emprestando-lhe o poder de evitar que lhes venha a faltar o leite (20).

15. Acredita-se que a água do primeiro banho do recem-nascido tem virtudes magicas. Assim é que costumam as mães dar de beber a seus filhinhos uma colherada daquela água, afim de que eles comecem a falar em breve prazo.

Usa-se tambem colocar na bacia uma moeda de ouro para que a creança venha a possuir fortuna. Em Portugal, na Suecia e no Norte da Escocia o povo faz o mesmo (21).

16. As creancinhas, antes do batismo, têm uma sorte extraordinaria. Não sofrem desastres, não padecem doenças, não correm perigo de especie nenhuma.

d) — O BATISMO

17. A mãe da creança que vai ser batisada não deve comparecer á cerimonia. O povo não explica a classe de perigos que ameaçarão o pequenino ente, caso essa tradição seja violada. Diz sómente que "faz mal."

Um folclorista francês, o sr. R. Bézoles, parece ter descoberto o motivo dessa interdição. Em seu livro "Le Baptême", refere o citado escritor como existente na Grecia abusão identica áquele nosso prejuizo. Entre os gregos a proibição de comparecer á cerimonia do batisado se estende tambem ao pai da creança.

"Porque não podem eles (os pais) — pergunta o sr. Bézoles — assistir ao batismo de seu filho?" E acrescenta, logo a seguir: "A resposta me parece facil. Sabe-se que nem o pai nem a mãe têm o direito de batisar sua progenie, a menos que esta se encontre **in extremis** e que não se achem proximas outras pessoas. Não lhes é possivel ser, ao mesmo tempo, pai e compadre, mãe e comadre" (22).

18. Não se deve dar ao infante o nome de um irmão já falecido; senão a creaturinha corre perigo de não vingar.

Em Roma aconselham que não se dê o nome, não só de irmãos como de quaisquer parentes já falecidos, para evitar o mesmo perigo (23).

19. A creança deve chorar durante o batisado. Se não o faz, tiram daí maus presagios, dizendo que morrerá no mesmo ano em que se realizar a cerimonia ou dentro em breve. Muitos beliscam o neofito para que chore.

Essa superstição corre mundo, quasi sempre ligada á idea de morte proxima.

Assim, "em Maia, se a criança se abstem de choros é sinal de que morrerá cedo (24). Sôbre o mesmo assunto diz Sébillot: "Em Portugal, se (a creança) não grita morrerá antes de um ano; em Marselha, em Menton e em Suffolk, viverá muito pouco. No Norte da Inglaterra, em Cornwall e em Sussex, diz-se que o diabo ainda não saiu de seu corpo e beliscam-na para que grite" (25).

20. Creança de breves dias que entrega sua almazinha pura de qualquer pecado ao Creador, vai para o céu, caso já seja batisada, sendo lá transformada em anjo. Quando morre an-

---

(19) A. de Gubernatis, **Mythologie des Plantes**, I, 216, apud Sébillot, **Le Folk-Lore**, pg. 138.

(20) Leite de Vasconcellos, op. cit., pg. 92.

(21) Sébillot, **El Paganismo contemporaneo**, pgs. 56-57.

(22) R. Bézoles, **Le Baptême**, apud A. de Gubernatis, **Storia Comparata degli Usi Natalizi in Italia**, pgs. 213-214.

(23) G. Zanazzo, op. cit., pg. 115.

(24) Leite de Vasconcellos, op. cit. pg. 204.

(25) Sébillot, **El Paganismo contemporaneo**, pg. 74.

tes do batismo — pagã, diz o povo — não vai para o céu, fica no Limbo.

Leite de Vasconcelos recolheu a mesma abusão na localidade portuguesa de Villa Real (26). Na Argentina "é crença generalizada que as creanças de curta idade, mortas sem ter podido pecar, vão direitas ao céu, sendo lá transformadas em anjos" (27). Os naturais de Costa Rica dizem de uma creancinha morta que ela se foi encontrar com os anjos; o mesmo pensam os rumenos e os bulgaros (28).

---

(26) Leite de Vasconcellos, op. cit., pg. 210.

(27) Juan B. Ambrosetti, **Supersticiones y Leyendas**, pg. 45, Buenos Aires, 1917.

(28) Roberto Hertz, **Mélanges de Sociologie Réligieuse et Folk-Lore**, pg. 94, nota 1, Paris, 1928.

E' só o que pudemos recolher sobre êste capitulo. Não é muito, sem dúvida, mas os primeiros intentos não podem ter a galhardia daqueles de quem já encontra o terreno desbravado e amanhado. O folclore paulista, mormente no que se refere ás superstições é um campo tão vasto e tão inculto, que desanima, com sua extensão e com sua rudeza, o explorador mais afouto. Não é possivel fazer-se, do primeiro arranco, obra duradoura. Apelo para os hipoteticos leitores dêste ensaio afim de que, no caso de se interessarem pelo assunto, tenham a bondade de me enviar contribuições, consignando sempre as localidades onde foram registadas as crendices.

(Continua).

AMADEU AMARAL JUNIOR.

Notas

TRISTÃO DE ATHAYDE: **Estudos** (4.ª serie, ed. do Centro D. Vital, Rio, 1931. (1)

Bem definido pela religião que professa com uma firmeza moral rarissima num país que apesar de suas côres tão vivas só produz individuos de meias tintas, Tristão de Athayde continua nesta serie dos **Estudos** a obra sectaria que o caracteriza. Tristão de Athayde é talvez o exemplo mais util que se possa apresentar á mocidade brasileira, covarde e indecisa. Não apenas aos catolicos, mas a todos em geral, que na ordem das suas crenças e destinos desejados, têm a copiar dele o desassombro, a cultura coordenada, a nobreza de intenção, o incorruptivel do caracter.

Está claro que sob o ponto-de-vista literario, toda crítica dotada de doutrina religiosa ou politica, é falsa, ou pelo menos imperfeita. Pragmaticamente exata mas tendenciosa. Ha um contraste insoluvel entre os detalhes duma religião ou sistema politico, e a criação artistica. Os estetas catolicos se esforçarão em falar que não ha. Ha. Ha desde início, por ser impossivel estabelecer a medida justa em que a criação passe a pecado. A não ser que se acredite em criterios tais ver o daquela censura fradesca, referida por Gonçalves Dias, a qual num soneto mudou pra "ósculo" a palavra "beijo" considerada imoral.

Por essa impossibilidade de limite, a Igreja condescende com Camões, com Dante, Miguel Anjo ou Bernini. Só se condena as obras decididamente **contra**, deixando as outras pra essa especie de intriga de comadres: campanhas de jornais, surdina de confissionarios, etc. E' dolorosamente mesquinho.

Quem quer que tenha seguido a evolução de Tristão de Athayde através dos 5 volumes dos **Estudos**, notará desde logo que, de crítico literario, êle vai gradativamente passando a comentador de ideas gerais. Essa mudança lhe veiu em função do proprio Catolicismo que aceitou em meio caminho. E é tambem uma prova da contradição que existe entre a Arte e a crítica sectaria. Não estou longe de crer que dentro de Tristão de Athayde se processou todo um drama penoso de remorso, que o tornou cada vez mais desgostado da crítica literaria, cada vez mais conciente, não digo das injustiças, mas das indecisões, das irregularidades que praticava como crítico de arte. Daí a precisão de se evadir dessa crítica dos artistas prá crítica das ideas gerais, em que todo sectarismo, todo pragmatismo pode se mostrar com mais lealdade e justiça.

---

(1) Não foi publicada no n. 2, por falta de espaço.

Como crítico literario, Tristão de Athayde sofria dos defeitos por assim dizer já tradicionais na crítica literaria brasileira, desde Silvio Romero. Nesta barafunda que é o Brasil, os nossos críticos são impelidos a ajuntar as personalidades e as obras, pela precisão ilusoria de enxergar o que não existe ainda, a nação. Daí uma crítica prematuramente sintetica, se contentando de generalização muitas vezes apressadas, outras inteiramente falsas. Apregoando o nosso individualismo, êles **socializam** tudo. Quando a atitude tinha de ser de análise das personalidades e ás vezes mesmo de cada obra em particular, êles sintetisavam as correntes, imaginando que o conhecimento de Brasil viria da sintese. Ora tal sintese era, especialmente em relação aos fenomenos culturais, impossivel: porque, como sucede com todos os outros povos americanos, a nossa formação nacional não é natural, não é espontanea, não é por assim dizer, logica. Daí a imundicie de contrastes que somos. Não é tempo ainda de compreender a alma-brasil por sintese. Porque nestas ou a gente cai em afirmações precarias, e inda por cima confusionistas, como Tristão de Athayde quando declara que o sentimento religioso "é a propria alma brasileira, o que temos de mais diferente (sic), o que temos de mais nosso" (p. 278); ou então naquela inefavel compilação do fichario de Medeiros e Albuquerque que censurava a um poeta nacionalista por cantar o amendoim "frutinha estrangeira, talvez originária da Siria" (**Jornal do Comércio**, Rio, 22 — I — 1928).

Outros defeitos da crítica literaria de Tristão de Athayde são a quasi dolorosa incompreensão poetica; a conversão sistematica de todos os nossos valores individuais e movimentos a fenomenos de mera importação; e, o que é pior, a sujeição das suas opiniões artisticas á cour d'amour europea. Sujeição tanto mais tipica que lhe permite, no seu catolicismo, revoltar-se contra Freud; ou repartir, ainda por Catolicismo, o "genio imenso" de Joyce, "o mais tipico representante do homem moderno" (p. 59), do movimento criado por êle. Sujeição especificamente literaria pois, que o leva a redescobrir aqui os genios artisticos apontados pelos europeus, mas não lhe permite, diante dos nossos valores, distinguir o estirão fenomenal de distância que vai dum José Americo de Almeida, que é um valor real, a um Plinio Salgado que não passa dum bléfe de indigencia artistica mascarada pelo saudosismo das ideas grandes.

Por todos esses defeitos tradicionais, a critica literaria de Tristão de Athayde se ressentia duma tosquidão esboçadora muito grave, duma falta de subtileza de análise, que a entrada no Catolicismo só veiu aumentar. E com efeito, o pensador catolico se via em grande parte despojado daquele liberalismo que inda faz pouco Thibaudet achava imprescindivel a toda crítica literaria (N. R. F. I — 131, pag. 105). O que ganhava em combatividade perdeu em poder de contemplação. A mudança de personalidade foi pra milhor, é minha opinião; mas a crítica já indecisa dos "Estudos" adquiria mais uma indecisão nova. Sem praticar injustiças conscientes, do que é incapaz, Tristão de Athayde oscilava agora quanto ao ponto-de-vista em que devia encarar as obras. Daí injustiças que, por involuntarias, não deixam de ser flagrantes. Tal é o caso, p. ex., das atitudes diversas tomadas ante "O Gaucho", de Paulo de Freitas, (p. 96), e "A Bagaceira", de José Americo de Almeida (3.ª serie, vol. I, p. 137). Ao primeiro, que romanceia sobre a vida particular de três pessoas, que podiam perfeitamente não ter espirito religioso, censura a ausencia de sobrenaturalismo; ao passo que nem toca no assunto diante da "Bagaceira", que romanceia uma região, uma psicologia coletiva, a que o problema religioso não apenas se pren-

de necessariamente, mas é imprecindivel como realidade. A injustiça é flagrante. Podia citar mais exemplos.

Mas não apenas em casos particulares se especifica a perplexidade em que se via o pensador catolico pra continuar como crítico literario. Uma nova anomalia grande surgia vingarenta:

A prova mais íntima de que talvez formemos hoje uma literatura nacional realmente expressiva da nossa entidade (no que ela possa ser considerada como entidade...), não está em se parolar Brasil e mais Brasil, em se fazer regionalismo, em exaltar o amerindio; não está na gente escrever em fala brasileira; não está na gente fazer etnografia e ser dogmaticamente brasileiro: está, mas no instintivismo que a fase atual da literatura indigena manifesta. E é rúim sintoma. Si é certo que êsse instintivismo coincide em grande parte com o movimento universal das artes (Tristão de Athayde a horas tantas equipara e confunde o nosso primarismo atual e o do universo...), essa coincidencia me parece meramente exterior. Num Proust, num Joyce, num Picasso, num Strawinsky (êstes dois sintomaticamente perdularios e viracasacas...), em Carlito, no Surréalisme, em Mussolini (1), êsse instintivismo universal representa ainda uma continuidade culta reacionaria (instintivismo por assim dizer organizado...) da exasperação racionalista do Oitocentos. Entre nós o instintivismo é outro, é ignaro e contraditorio: não representa nenhuma cultura nem nenhuma **incultura** propriamente dita: é apenas uma coisa informe, hedionda, dessocialisante, ignara, ignara. E' o instintivismo bebedo e contraditorio dum povo que já se lembra só fracamente do importante Diabo e inda poetiza popularmente sobre as sereias e Cupido; é o instintivismo que se deixa abater por 30 anos de miseria política; cria de sopetão o entusiasmo revolucionario de 1930, sem razão objetiva pro povo; e depois dessa unanimidade que se acreditara nacional, rompe num rush de cavação, de novo empregadismo-público mamifero da especie mais parasitaria, pedindo paga pessoal do sacrificio coletivo; e cria mais essa macaqueação indecente do "batismo de sangue" pela qual agora **mandam** os espadas-de-ouro, só porque **mandaram** a soldadesca... ensanguentar-se nas avexadas Itararés. E isso enquanto, como jamais, deslustra as conciencias, não a necessidade economica, não a realidade geografica do Separatismo, porém a queixa, o despeito, a irritação, o **sentimento** de Separatismo. Tudo isso é que as nossas artes, desmandibuladamente instintivistas de agora, representam. Frutos azedos, embora muitas vezes admiravelmente liricos, duma contradição nem mesmo sistemaitca, duma desorganização nem mesmo barbara. Frutos do Nada que somos como entidade. Frutos do mais amargo nada humano. Se compreende pois a anomalia que eu indicava entre a literatura nossa e a crítica sectaria e incontestavelmente pragmatica (2) de Tristão de Athayde. E' que quanto mais as artes estão **verdadeiras**, mais o crítico tem que as censurar, porquê representativas daquilo que é a expressão mais nitida da realidade nacional!

Por tudo isso se compreenderá o drama interior do crítico, drama que o leva cada vez mais a abandonar o estudo das obras literarias em favor da discussão das idéas gerais. Perdemos um excelente crítico literario, apesar dos defeitos, excelente; ganhâmos um pensador catolico. Que estamos de parabem é a minha opinião.

A principal preocupação que a gente constata neste **Estudos** novos é ve-

---

(1) Lembro Mussolini porque a tirania ditatorial é o processo mais instintivo de governo, diretamente provindo dos reis-deuses, e dos reis representantes de divindades.

(2) Pragmatica no sentido de ser prefixada e organizada segundo uma ideologia utilitarista social.

rificar afirmativamente a catolicidade da gente brasileira. Inda numa cronica de 29 de março passado, d'O **Jornal**, Tristão de Athayde voltava á afirmativa. Êsse assunto se desenvolve especialmente no capítulo V e no importante cap. XXI. A todo momento no volume o pensador catolico volta á idea utilitaria que o preocupa. Si reconhece "o agnosticismo radical (...) de quasi todas as nossas inteligencias" (p. 107); si verifica "na mentalidade das novas gerações uma tal cegueira agnostica" (p. 37); si vê no brasileiro um "povo de indiferenças alarmantes (...), sem religião nos moços" (p. 321); si pra êle a situação em que nos encontramos é laicismo do Estado, barbarismo dos diletantes e santismo das classes mais espiritualmente abandonadas, "para dar fôrça ao tremendo indiferentismo integral (sic) que corroi todas as nossas fôrças vitais, tanto economicas como religiosas" (p. 278): por outro lado afirma que "um dos fatores primordiais da nossa unidade foi justamente a Fé" (p. 248); entende que "foi êle (o factor religioso) que nos deu uma alma comum, uma tradição comum e a possibilidade de sempre (sic) fundir os elementos disparatados que nos formaram" (p. 248); indica que "o laicismo absoluto das camadas superiores (...) não conseguiu ainda arrancar as virtudes e a Fé tradicional das camadas inferiores, dessas que constituem propriamente o corpo da nacionalidade" (p. 249); fala na "participação real, profunda, ardente na Fé que formou êsse povo (brasileiro), que abriu a sua alma, que alimentou o seu ideal e até hoje o penetra em toda a sua vida, sob todas as formas (sic), das mais puras ás mais degeneradas" (p. 250).

Reconheço que ha certa perversidade em ajuntar assim textos que tantas vezes, embora refletidos, dependem dum bom jantar ou dum quasi desastre de automovel aguentado na esquina. Seria perversidade, si tivesse da minha parte a intenção de provar que o crítico se contradiz. Ora não vejo propriamente contradição nessas afirmativas apaixonadas, quero apenas provar o quanto o problema da nossa catolicidade **persegue** Tristão de Athayde. Essa preocupação o leva no entanto a algumas afirmações inválidas, e principalmente a um tal ou qual confusionismo entre religiosidade e catolicidade.

Afirmação inválida me parece, p. ex., aquela que aludindo aos versos pra Nossa Senhora, dum poeta sem Fé, Augusto Meyer (e poderia ter lembrado com muito mais razão, Manuel Bandeira...) comenta: "como que a mostrar quanto um sentimento religioso espontaneo lutava contra o seu ceticismo precoce," do poeta (p. 272). Ora isso me parece um carinho exageradamente sectario. O problema religioso não apenas foi posto em moda na literatura de depois da Guerra (e era pois aqui um caso de Tristão de Athayde reverter o fenomeno individualista do poeta a uma importação europea, como costuma fazer...), como se tornou uma moda toda especial do modernismo brasileiro. Até pintores, como Tarsila do Amaral, e escultores como Brecheret (mas o caso dêste não é nacionalista), não escaparam dessa tematica em voga. Preocupados especialmente em dar analiticamente as tendencias que regiam com mais efusão a alma brasileira, os nossos artistas modernos logo salientaram, especificaram e desenvolveram a religiosidade nacional. Porêm não apenas essa religiosidade quando orientada pela tradição cristã, como ainda pelo feiticismo africano e pela superstição, que tanto irritam o pensador catolico. Si o geito de expressar o tema mudou pela maneira derramada e mais exteriormente brasileira com que atualmente somos artistas, nem por isso a "Nossa Senhora" de Augusto Meyer, a "Macumba" de Graça Aranha, a "Santa Teresinha" de Manuel Bandeira, a "Cabra Ca-

briola" de Ascenso Ferreira, a "Cuca" ou o "Coração de Jesus" de Tarsila do Amaral, deixam de ser tão tematicos como faunos e Pan pros parnasianos, Cupido e Venus pros arcades.

Outra vez em que a afirmação do crítico me parece invalida é quando afirma que a religião catolica "foi **sempre** em nossa história, um princípio de ação e de reação" (p. 275) e, depois de enumerar algumas provas reais disso, insuficientes pra justificar o "sempre" entusiasmado, conclúi: "E si (os deturpadores da nossa História) não olham para o exterior, que fará com o que não está visivel aos olhos do corpo! Com o que se sente mas não se vê. Com o que se sente mas não se define (sic). Com o que se sente e não se pode provar por estatisticas pois transcende a toda estatistica, e é mais leve que todo pêso, mais subtil que todo número, maior que toda medida" (p. 278). Ora não era possivel o pensador catolico encontrar maneira mais rapida de invalidar o que vinha provando, do que citar em abono proprio essa coisa que êle é que sente e considera indefinivel. E portanto não pode servir de prova. Porquê o contraditor dirá que é justamente êsse indefinivel, essa coisa que êle (contraditor) tambem sente mas não vê, que prova a falta de catolicidade da nossa gente. Argumento de mil gumes.

O problema da catolicidade brasileira é dos mais delicados da entidade nacional e, por mim, jamais cheguei a uma verdade nitida. Confesso que não consigo verificar bem na gente brasileira um catolicismo essencial, digno do nome de religião. Principalmente como fenomeno social. Digo isso com tristeza porquê me parece mais outra miseria nossa, porém o que tenho percebido em nós é uma tradição ou costume catolico, vindo de fóra pra dentro; na infinita maioria dos eruditos e semieruditos, muito deturpado pelo carinho sentimental ás memorias de infancia e tradição. Nada ou quasi nada essencial. Por meio dêsse costume que tem 4 seculos de raizes, era natural que existisse em nós uma expontaneidade catolica. Ela existe. Mas reage a infinita maioria das vezes como fenomeno individualista (3): não funde mais a gente em movimentos de ataque ou de defeza coletiva.

No entanto nós sabemos como são furiosos aqui os movimentos criados pelo "santismo" popular, pelos Antonio Conselheiros, pelos João Antonio dos Santos, o criador da religião (?) da Pedra Bonita. E o nosso padrinho, padre Cicero...

Mas a propria superstição catolica persevera em nós com bastante precariedade. E' precaria em nosso povo a conversão das crendices confortadoras das indecisões quotidianas a uma ordem catolica de abusos. Essa conversão existe porém abundante na idolatria de santos inventados. Ficou célebre, não apenas aqui no Estado, aquela briga de familia que deu pra Araraquara o apelido de Linxaquara. Não importa saber do caso todo, basta aqui lembrar que os dois Britos sergipanos, sacrificados á sêde dos seus inimigos, não tiveram sepultura no cemiterio regular da cidade, mas noutro bem afastado, onde se tinha enterrado os mortos da epidemia de febre-amarela. Apesar da lonjura e de tudo, isso fazem 34 anos, a sepultura dos Britos continua visitadissima por todos, e na certa que por enorme maioria que nem conheceu os dois desinfelizes. Esse cemiterio até os de Araraquara conhecem por "cemiterio dos Britos". A religiosidade trabalhou. Se conta que os dois corpos esfaqueados continuam intactos no ce-

---

(3) E' engraçadissimo a gente reparar como, nas proximidades da Semana Santa, em principal depois dela passar, aumenta o número de pessoas tirando chapéu diante das igrejas. Depois a cumprimentação vai diminuindo, diminuindo, fica reduzidissima por janeiro e fevereiro.

miterio. Outros falam que os ossos foram roubados. O certo é que quem visita o cemiterio dos Britos, topa com a sepultura deles sempre cheia de velas e um rio morto de cera no chão. Mas não são ofertas a Deus pra que outorgue piedade ás duas almas; são velas, crenças e ansias ofertas aos Britos, sabei-me lá em que embrulhadas de gerarquias celestiais, pra se conseguir, ou pagar, tal desejo, tal recuperação de saúde etc. São promessas feitas aos Britos, que agem numa zona vasta como santos. Pra não dizer como deuses. Tambem contam que no Paraná tem um tumulo que chora agua curativa. E entre santos vivos do Brasil, alem da famosa santa mineira de Coqueiros, tem mais dois em Pernambuco, um padre Serra e uma Santa Izabel do Alto do Céu. E a estigmatizada de Campinas. Mas si êsse abuso de superstição é de ordem catolica, por outro lado é sintomatico que as bruxas, superstição catolica, não tivessem vitalidade nenhuma na tradição nacional. Em Portugal, que nos deu quasi todo o nosso folclore de ordem intelectual, a tradição da bruxa permanece viva. Luís de Pina, em 1929, inda publicava um livro lá sobre "Bruxas e Medicina". No último número da "Revista Lusitana" (v. XXVIII, p. 252) se prova a sobrevivencia dos sabats em Portugal. No Brasil, onde se generalizaram as cruzes de estrada celebrando assassinados, não medraram nada as cruzes de encruzilhada que em Portugal "encontram-se por toda a parte (...) a santificar o lugar que é ponto de reunião das bruxas e do demonio" (rev. cit. p. 65). Aliás o proprio costume de rezar nas cruzes de estrada si inda persiste no Nordeste, já vai fraco e irregular. Em S. Paulo quasi não existe mais.

No extremo sul não é menos patente, ou talvez é ainda mais, que no centro e no norte, essa religiosidade superficial. Saint-Hilaire (**Aperçu d'un voyage dans d'interieur du Bresil**, p. 54) afirma serem os gauchos "mais ou menos estranhos a sentimentos religiosos", observação que João Pinto da Silva (**A Provincia de S. Pedro**, p. 69) comenta e confirma desta maneira: "Não é licito deixar de reconhecer, por exemplo, a exatidão do seu conceito (de Saint-Hilaire) relativo á fragilidade do espirito religioso, entre nós. Não ha, pelo menos, na história rio-grandense ato ou episodio que autorise outra conclusão. Se não existem provas de completa indiferença, não se encontram, tão pouco, ardentes afirmações de fé, demonstrações energicas de crença. Em materia religiosa, o que sempre se observou, aqui, foi um belo e solido equilibrio, distante, por certo da indiferença e mais distante ainda do fanatismo."

O Diabo, que é duma necessidade popular primordial, a não ser na frase-feita das exclamações, tem vida pouca no país. Nas Macumbas o identificaram com Exú, em que êle perdeu finalidade e função. Porém mesmo essa identificação parece tão falsa como a dos primeiros jesuitas e viajantes quando descobriam Jeová em Tupã e o Diabo nos **demonios** da mitologia amerindia. De Pernambuco, onde aliás as Macumbas foram suplantadas pelos Catimbós, me interpretam Exú como "espirito escravo dos outros" espiritos. Nos Catimbós nordestinos não achei o Diabo, pois não tem Mestre catimboseiro que se identifique com êle. Tambem nas Pagelanças da Amazonia, que após o hiato catimboseiro do Nordeste, renovam a tradição africana das Macumbas de Rio-Baía e do Vodú antilhano, não sei que tenha Mestre, espirito mau ou coisa que o valha, identificavel com o Diabo. Por Norte e Nordeste porém, mais que do Centro pro Sul, permanece a Oração da Cabra Preta, em que se percebe, si não o enxofre, pelo menos o pé do Pé-de-Cabra. E na tradição dos cantadores de lá continua vivissima a universal tradição

da luta musical com o Cão. Por todo o resto do país o Diabo se tornou, quanto a crendice quotidiana, uma abusão desnecessaria, ao passo que muito menos etnica e tradicionalmente justificaveis, inda vivem de vida saborosa os sacis, os corupiras, os Negrinhos do pastoreio, os tutús, as cucas — estas últimas, resto pobre da bruxaria europea. Sem me dar ao trabalho de pesquiza grande, embora reconhecendo que no Brasil tambem tenha muito jeito de nomear o Diabo, muito proverbio em que êle entra, pegando num só artigo dêsse mesmo vol. da Rev. Lusitana, eis o que encontro em Portugal, só na regiãozinha de Turquel: Disfarces vocabulares do Diabo: Diaço, Diago, Dialho, Diango, **Dianho** (grifo o que sei permanecer no Brasil), Diatras, Diogo, Nabo, o das unhas grandes. Faísca-velha (mãi do Diabo). Exclamações: **C'os diabos!**; C'os diabos de Castela!; Com 10, (30, um cento de, 300, 600, 1000, 1000000 de) diabos! (e lembrar que nos "Volcoens de Lama" o Roberto Rodrigues jura "com dez milheiros de diabos!"...); Os diabos se queimem!; Os diabos se percam!; **Diabos o levem!**; Cara do Diabo!; Cara de Barzabú!; o raio do Diabo!; o **alma do Diabo!**; Raça do Diabo!; **Vai para o inferno!**; Vai para o meio do inferno!; **Vai para os quintos do inferno!**; Vai para a casa do Diabo!; **Vai para o Diabo que te leve!**; **Vai para o Diabo que te carregue!**; Oh homem de Deus ou do Diabo! (falamos só "oh homem de Deus!"); Viram o Diabo em guedelha!; Viram o Diabo azul!; **Houve o Diabo a quatro!**; **Diz o que o Diabo não lembrou!**; Deu volta no inferno! Ditos sentenciosos: Abobora e nabo enganou o Diabo; Quem com o Diabo cava a vinha, com o Diabo a vindima; Para um coxo, um calvo e para um calvo o Diabo; O Diabo nunca foge para a igreja; O Diabo tem uma manta e um chocalho; **Mais tem Deus para dar que o Diabo para levar**; **O Diabo não é tão feio como o pintam**; Porquê sabe o Diabo tanto? porquê é velho; Quem o seu não vê o Diabo lho leva; Na vinha do Diabo não fica rabisco; Milhor é um com Deus que dois com o Diabo; Os demonios são muitos e a agua-benta é pouca. Está claro que podia compendiar tambem o que sei sobre o Diabo no Brasil, principalmente os eufemismos pra nomea-lo que são muitos, mas alem de quasi tudo nos vir de Portugal, êste exemplo duma só região pequena de Portugal pequenino aturde pelo número, mostrando uma preocupação do Diabo de que positivamente o brasileiro está livre. Displicentemente pego nos "Proverbs and Maxims", de Rayner, e conto sem cismar 59 proverbios sobre o Diabo! Se vê como estamos longe do Diabo por toda esta documentação ajuntada... enquanto o Diabo esfrega um ôlho.

Mas é ainda na propria aplicação supersticiosa dos santos, das datas religiosas e das lendas sagradas que a catolicidade brasileira se mostra precaria. Os nossos santuarios são valhacoutos de desabusados e de abusos quando chega o tempo da festança. A simpatica invocação de N. S. do Brasil não pegou, que era de religiosidade bem nacionalizadora, era de cultura propria e nenhuma importação. Pelo contrário, Santa Teresinha, importada em grande parte pelos padres estranhos que vivem aqui, se tornou dum abuso sentimental que é excessivamente urbano e assanhado. O que prova a exterioridade da importação. Sem querer ferir o sentimento de ninguem, é incontestavel que importações sacras assim, ou como o S. Cristovão dos automoveis, são enormemente similares ás mascotes importadas do bricabraque europeu.

Nas classes incultas, em que não existe a vaidade, ou o orgulho, ou si quiserem o preconceito das tradições cultas, que faz a burguesia se dizer catolica por "familia e história", o

Protestantismo e o Espiritismo, apesar do combate dos padres, encontram uma complacencia extraordinaria e disseminação facilima. Este escrito não saiu no 2.º número da Revista Nova como devia, o que me permite lembrar ao leitor o estudo dos drs. Leonidio Ribeiro e Murillo de Campos, lá publicado, sobre a violencia com que o Espiritismo grassa em nosso povo. Tambem o dr. Osorio Cesar, médico e escritor paulista, possui estudos a êsse respeito. Numa viagem recente que fiz pelo interior paulista, apalpei o verdadeiro fóco espiritista de Matão, cidadinha próspera. Se falava então de horrores de moças convertidas em mediums, urrando na escureza das fazendas de-noite. E o padre tem luta brava pra conseguir um bocado de catolicismo na zona. Quanto a Protestantismo creio que não careço lembrar opinião de ninguem. Mas lembro ainda um caso de viagem: Quando estive em Porto Velho pra conhecer a Madeira-Mamoré, notei na cidade importante e nova, umas ruinas, paredões descobertos e imponentes. Me falaram que era a unica igreja catolica da cidade. Não foi possivel acabar, estava abandonada porquê a religião local era a protestante. Si a Fé catolica ajudou muito os movimentos da Colonia contra os calvinistas de Holanda e França, são rarissimos dum seculo pra cá os, não digo movimentos, mas apenas casos, casos pansudos de revolta contra os nova-seitas, que nem o engraçado da cidade pernambucana de Palmares (4). Casos aliás sem a minima perseverança, sem a minima essencialidade de Fé, facilmente explicaveis pelo proverbio do boi novo que posto em malhada velha até das vacas apanha. Uma recordação de infancia me conta que de-noite varios colegas do Ginasio de N. S. do Carmo nos reuniamos pra fumar de escondido, beber cerveja e outros então crimes dos 14 anos. Entre êstes primava o de atirar pedra nas vidraças dum colegio diz-que protestante que havia numa esquina do então inculto largo da Republica. Hoje que posso me analisar milhor, sei que não era o zêlo religioso de que nos imaginavamos possuidos que nos levava a atirar pedra, e sim o zêlo das pedradas que nos tornava catolicos e cruzados.

E é incontestavel que o primeiro do ano e o triduo carnavalesco têm significação brasileira pelo menos tão importante pro povo como a Noite de Festa (Natal) ou a Semana Santa. Não é bom falar do S. João em que, quando a festa não é exclusivamente profana, o santo aparece enormemente paganisado á contaminação de mitos vegetais (Frazer), como nos veio da Europa. O Carnaval, como costumes, é uma das criações mais livres, mais nossas, mais originais do Brasil, apesar de importado. Nele nasceu e evolúi a dansa nacional urbana por excelencia, o maxixe. O espaço de Natal a Reis que inda tem uma verdadeira significação popular no Nordeste, se caracteriza pelos espectaculos das dansas dramaticas, em que o naco de catolicidade, subsistente dos autos jesuiticos talvez, é pura superfectação antiquada, sem significação nenhuma. E quanto ás rezas tradicionais de oratorios particulares ou improvisados, de familias reunindo a redondeza com o chamariz do samba que as termina: pelo chamariz se identificam com os mutirões, sem ter a significação social nem mesmo ritual dêstes.

E desleixadamente desabusado pra não dizer incredulo, o nosso povo tradicionaliza coisas que jamais uma catolicidade intrinseca não permititiria que existissem. No meu "Ensaio

---

(4) No Nordeste chamam ao protestante de "nova-seita". O primeiro nova-seita que apareceu em Palmares foi um norteamericano chamado Anderlight. Realizou com a familia um batismo público no rio Una. A população toda foi ver, vaiou e jogou lama nos tais.

sobre Música Brasileira", registrei uma roda infantil nossa, incrivel pela falta de ingenuidade, rindo do padre e seus namoros (5). No romanceiro nacional, especialmente no dessa zona prodigiosa de lirismo literario musical que do Nordeste litoraneo entra sertões a dentro pelo caminho do S. Francisco, especialmente no romanceiro nordestino, o padre é sistematicamente ridicularizado, embora frequentes as manifestações de catolicidade. (6) Nos "Violeiros do Norte" (p. 151), Leonardo Mota afirma que o povo é sinceramente religioso, que o padre é respeitado e que "faria um rol reduzidissimo quem se propuzesse a catalogar as irreverencias religiosas contidas na poesia do povo". Outro observador do nosso nortista, José de Carvalho, em "O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará", afirma que as cantigas paraenses em louvor de certos santos "nada têm de religiosas ou liturgicas". E si maldar do padre, caçoar dele, é irreverencia religiosa, não posso concordar com Leonardo Mota. O povo respeita no geral o padre, como respeita qualquer "seu dotô", mas se desforra na poesia do respeito mistico que tem pelos que lidam com incenso, com papelada ou drogas que são formas de feitiçaria. Quem quer que tenha frequentado o romanceiro nordestino de cordel, ha-de concordar comigo.

Mas essa caçoada ao padre tambem já é portuguesa... Em Portugal como na Espanha, Leite de Vasconcelos (**Ensaios Etnograficos**, Lisboa, 1906, v. III, pgs. 41 e 60) afirma que "o bomsenso (sic) popular não é nada favoravel á igreja" e que "sendo o nosso povo (português) nimiamente catolico, fanatico por vezes até, satiriza sempre que pode, nas suas poesias, o padre, os santos e a igreja". Sinto um certo exagêro nisso. O padre, sim, êsse é satirizado 80 % das vezes. E é curioso lembrar que o religiosissimo Casemiro de Abreu, que mais duma vez nas **Primaveras** cheira a beatismo burguês, nem por isso, nas estancias a Faustino Xavier de Novais, deixa de citar os "frades dos conventos" entre os "bons tipos" que o satirico português deverá zurzir. O versejador do **Evangelho das Selvas**, pouco menos que sacrista, só fala de padre e frade pra caçoar: "Arqueti-

---

(5) Falo da roda do Padre Francisco, colhida em Cananea (p. 37). O texto não passa duma deformação, sem a significação primitiva, adquirida outra mais bandalha, daquele passo de certas versões do Conde Claros em que o conde, enganado em frade, vai confessar a infanta prestes a caminhar prá fôrca. No meio da confissão êle pede beijos e abraços, ao que a infanta se enquisila toda e responde que boca beijada pelo conde Claros só por êle será beijada. Então o conde se dá a conhecer e salva a moça. Numa versão ribatejana diz o frade-conde:

— Venha cá, minha menina,
Que a quero confessar;
No primeiro Mandamento
Um beijinho me ha-de dar.

(etc. T. Braga: **Romanceiro Geral**, 1906, v. I, p. 362).

A origem do nosso texto é essa. Parece ainda que teve contaminação com outras fontes portuguesas, como a oração "Meu Padre S. Francisco" (Firmino Marques: **Folclore do Concelho de Vinhais**, 1928, p. 65) em que se fala de confessar os pecados e "dar graça" nesta vida, oração a que está ligada (loc. cit.) a anedota sacra duma moça velha (é o caso da nossa roda), que aos 30 anos vai se confessar pela primeira vez. E ainda com a significação de namôro padresco é imprescindivel lembrar, como justificativa tradicional da nossa roda, aquela peça, musicalmente americana, textualmente bem portuga, impressa por João do Rio nos "Fados e Canções de Portugal" sob o título "Frei Paulino". A contaminação me parece provavel. Mas o significativo é a conversão dum romance puro português, e possivelmente de peças brejeiras pra adultos, numa roda infantil nossa...

(6) Note-se que no romanceiro paulistano o padre é completamente ignorado.

po", "Velha Canção", "Harmonicordio". Acha, descrevendo "A Cidade" que "canta na catedral a hipocrisia". Mas a maneira depreciativa de tratar o padre brilha na "historia brasileira", **Antonico e Corá**, nosso milhor conto libertino em verso. Só que não devo entrar na documentação dos intelectuais cujo agnosticismo o proprio Tristão de Atahyde reconhece.

Muito curioso aliás o conceito que o povo tem do padre. Este não é propriamente o ministro de Deus. Perde a função de intermediario, em vez, age diretamente sobre os poderes invisiveis beneficos ou malignos, por meio dos gestos, das palavras rituais e da preparação mistica anterior ao oficio de padre. E' o caráiba, o piaga, o pagé, o medicine-man, — é exatissimamente o feiticeiro das religiões chamadas "naturais". Inda prova disso é a intriga do padre milagreiro, mais eficaz que os seus emulos, e ao qual o povo todo recorre. Não tem comunidade que não possua o seu frade, a sua freira especialista nessa coisa tão facil do povo interpretar como milagre pela aplicação do princípio determinista da Magia. Porém não creio que esta seja tendencia especifica nossa pois que contra ela já Dão Francisco Manuel punha em guarda o seu noivo, na **Carta de Guia de Casados**. Mas é bem especialmente nossa, por causa dos ritos brasis e africanos de feitiçaria magica, permanecidos com tanta vitalidade em nossos meios mais civilizados.

Nos Fandangos, o capelão de bordo "do anau" Catarineta faz o mesmo papel comico dos diabos e personagens ruins dos Milagres, Farsas e Diableries medievais. Ouvi num Bumba-meu-Boi cantarem um Bemdito de esmolar, pedindo dinheiro aos assistentes pra dizer missa. Noutro Bumba rural da zona potiguar dos engenhos, o Mateus, macaqueando o padre, fez com aplauso e enorme riso de todos, um sermão blasfemo que levaria qualquer Fé essencial á revolta. Na Amazonia, pleno mato, na dansa dramatica da "Ciranda", como êles chamavam, vi macaquear confissão e comunhão, em que o padre figurado, entre muitas graças da mesma qualidade, falava fornecer por hostia aos comungantes um pedaço de pirarucú.

Enfim, muito embora ache pueril tirar dêstes exemplos extraídos dos nossos costumes sociais populares, qualquer afirmativa de falta de Fé, mesmo catolica, o que me parece é que o Catolicismo, si existe generalizado no país como consolação individualista (não me atrevo a dizer como apôio de conciencia...), não parece assumir entre nós os valores sociais duma religião.

Num trabalho recentemente publicado de Carlos Estevão de Oliveira (**Boletim do Museu Nacional**, vol. IV, fasc. 2) se conta que os Apinagé do norte de Goiaz, apesar de vivendo ha mais de cem anos sob a não sei si diga gestão religiosa catolica, tambem conservam o seu culto e ritos tapúias. Vivem com duas religiões, o que não é pouca ambição. Ao mesmo tempo que o padre os batisa e casa, tambem o Vaiangá, pagé deles, faz o mesmo. Cultuam a Deus como a Mebapáme que é o Sol. Isso é curioso de aproximar daquela observação de Ambrosetti, (**Supersticiones y Leyendas**, Buenos Aires, 1917, p. 145) que "el elemento indio de la población del valle Calchaquí puede decirse que no tiene fe religiosa, en el sentido verdaro de la palabra. Es puntual en la observación de las fiestas y ceremonias religiosas, como también lo es cuando se trata de hacer ofrendas, de invocar a la Pacha Mama; de modo que en el la religión cristiana no ha hecho más que aumentar el número de sus supersticiones, sin disminuirle las muchas que ya tenia cuando los españoles entraron en esa región". Aproximo tais passos, do meu assunto porquê me parece quasi êsse o estado religioso atual do povo, disso que "constitúi propriamente o corpo da nacionalidade" pra me

servir das proprias palavras de Tristão de Athayde: uma superstição desbragada. Schlichthorst ("**Rio de Janeiro wie es ist**", p. 65) se referindo ao femeeiro amante da Marquesa de Santos, diz que era voz geral que dona Domitila tinha enfeitiçado o imperador. E que si uma superstição destas podia parecer ridicula pra europeu, não o era aqui onde os processos sobrenaturais e simpatias estavam universalmente espalhados. A enormidade da nossa superstição, o uso e abuso quotidiano dos seus processos, a violencia incontestavel da magia branca e negra de proveniencia amerindia e africana, o uso das sibilas de todos os estilos, provam a falta de catolicismo verdadeiro tanto na burguesia como na massa popular. E' contrapor a isso as opiniões de Paul Foerster e Menendez y Pelayo sobre a Espanha eminentemente catolica (Ver Ludwig Pfandl: **Spanische Kultur und Sitte**, Munique 1924, p. 101), ambos afirmando que o Catolicismo, impediu na Espanha um desenvolvimento da superstição e da feitiçaria (mesmo de ordem cristã) tão grande como a de outras terras europeas.

Desde que o país se fez politicamente livre, jamais que o Catolicismo ligou os seres a ponto de constituir verdadeiramente um movimento de opinião, igual pelo menos ao de Antonio Conselheiro ou do padre Cicero. Haja vista o caso dos bispos. Tristão de Athayde, num artigo pro **Jornal** de 3 de maio passado, afirmava que **no dizer dum dos nossos historiadores** a questão D. Vital fôra a causa principal da dissolução da monarquia (cito de memoria). Ha um exagêro tamanho nisso que desejava saber si Tristão de Athayde perfilha êsse "dizer dum dos nossos historiadores". E si é certo que o caso tomou grande vulto, antes: fez grande bulha, não é menos certo que não provocou "no corpo da nacionalidade" nenhuma reação forte.

Aliás pra falar dum assunto que toca diretamente a psicologia popular, prefiro menos a História que as histórias. Estas, quando refletidoras de qualquer movimento coletivo, são mais expressivas. Principalmente porque as datas de História se fabricam por meio de representantes do povo que entre nós o que menos têm sido é representativos da gente. A não ser na desorganização moral. O proprio Tristão de Athayde concordará com isso pois que reconhece (p. 249) que "cada dia é maior a cisão entre as classes governantes e as classes governadas".

Assim: o tragico é que a nossa catolicidade não... deturpa em nada a maneira de ser do brasileiro. Não diminúi em nada o egotismo, não coíbe a descaracterização moral, não socializa, não nacionaliza, não funde, não cria uma unanimidade. Tristão de Athayde não se esquece de salientar aquela verificação feita por Alcantara Machado, de que os bandeirantes paulistas eram intimamente catolicos. Mas a gente não percebe no quê essa catolicidade de boca lhes conformasse de alguma forma o caracter e gestos. E os fracassos das tentativas de formação de partidos politicos catolicos, é outra prova inda mais forte do que afirmo. E não se pode esquecer aquele reparo fino de Lima Barreto nos "Bruzundangas" (p. 147) de ser admiravel que um país dito catolico não produza seus padres e tenha nos seus conventos quasi exclusivamente freis e freiras da estranja. Atualmente é quasi heroico o esfôrço dos bispos pra desenvolver entre nós a vocação sacerdotal...

O indivíduo brasileiro é catolico?... Ainda isso me parece duvidoso. E lembro agora o confusionismo em que paira Tristão de Athayde que, pra afirmar essa catolicidade, tanto fala em Catolicismo, como mais genericamente em religião. Que como generalidade marcante se reco-

nheça na psicologia do brasileiro a tendencia religiosa, estou perfeitamente de acôrdo. E' ainda êsse um lado em que, como psicologia, coincidimos com os russos e com os indianos. O proprio Tristão de Athayde fala na "religiosidade vagamente teosofica" que irmana brasileiros e indianos (p. 189), coincidencia que tambem preocupava a Jackson de Figueiredo. E é ainda importante notar que essa religiosidade nos vem não apenas da fonte luso-catolica, como talvez até mais dos sangues negro e amerindio. Pelo menos parecem provar isso certos ritos festivos permanecidos espantosamente até agora, sem justificativa quasi que se pode dizer nem de raça, como p. ex. as dansas dos Cabocolinhos nordestinos, impressionantemente conservando as coreografias rituais de caça e guerra dos brasis, faz tanto inexistentes na região; os Maracatús que pelo Carnaval vão ainda dançar na frente das igrejas; os Congados da zona caipira, que especialmente em Minas inda conservam contato vivo com as festas do Rosario. E os movimentos numerosos, das religiões, das caraimonhagas, e dos santões rurais.

Mesmo sem aceitar a excessiva generalização de Freud e seus dicipulos, todos êstes fenomenos expressivos ao mesmo tempo da religiosidade e da sensualidade brasileiras, fenomenos quando não diretamente provindos, sempre parentes dos tão eroticos ritos religiosos criados pela "mentalidade primitiva": todos êstes fenomenos da nossa religiosidade são eminentemente contraditorios não só da elevação filosofica catolica, como do Catolicismo tout court. Nos ritos criados pelos santões, especialmente no caso medonho da Pedra Bonita; nos horrores denunciados pelos profetões, como o do caso mineiro de Cubas; nas defezas expiatorias como a dos guerreiros de Canudos; e ainda nas superstições mais ou menos escatologicas como a do boiato zebú de padre Cicero ou da estuprada menina Julieta, hoje adorada por santa e martir nas vizinhanças de Sorocaba, é impossivel não discernir um erotismo exasperado. Erotismo tão tipico e mais caracteristico que o dos negros que vão nas festas religiosas de agosto em Pirapora munidos de capotes enormes dentro dos quais abotoam tambem as negras com quem sambam. Aqueles fenomenos são a religiosidade criadora do pavor, da angústia, do sofrimento, em que, mesmo despresado o elemento importantissimo de derivativo sexual das cantorias e especialmente das coreografias solistas de ginastica exaustiva, subsiste nitido o desejo de autopunição, que tenho por uma das observações mais finas da psicanálise. Nosso clima, nossa alimentação, nossa preguiça, nosso sistema de vida e trabalho rural, nossas dificuldades de comunicação, predispoem a uma atividade sexual evidentemente em contradição com o depauperamento fisico do nosso homem, corroido de doenças, desprovido de higiene, defraudado por uma alimentação enganadora. Essa atividade, de que são prova as escadinhas de "familias" de cada par rural, provocava naturalmente uma nevrose e exigia um derivativo. A nossa religiosidade macumbeira, catimbózeira, os santões e seus ritos, os profetões e seus clamores, certas danças dramaticas como os Cabocolinhos, os Maracatús, os Pastoris; as coreografias propriamente ditas que nem a dança de S. Gonçalo e os Congados afrocaipiras eram isso: excitantes uns, derivativos outros. Ou principalmente manifestações ciliciais, o masoquismo disfarçado das autopunições. E, por grosseiros, mais accessiveis ao nosso povo tão primario, que a elevadissima religião catolica. A religiosidade se desenvolveu. A catolicidade corroeu-se por dentro, ficou apenas uma casquinha epidermica. Enfim: é facil perceber na grande religiosidade do povo brasileiro, mesmo quando ela se manifesta pelo Credo e ritual catolico, os processos,

os caracteres, as leis psicologicas e sociais que formam as religiões naturais. Porém leis, processos, caracteres não tendo, como o Cristianismo, "recebido de Deus a orientação e finalidade que por si, êles, seriam incapazes de atingir", pra me expressar conforme a concepção catolica (Habert, em "La Religion des Peuples non civilisés" do padre A. Bros, p. XI, ed Lethielleux). Deismo e Sexualismo, serão talvez as fontes matrizes da religiosidade brasileira. Aliás Wetherell tambem, nas "Stray Notes from Bahia", do meio do seculo passado, verificando várias vezes a exterioridade do catolicismo nosso (v. p. 18 e p. 24) concluia (p. 99) que os baianos eram apenas deíatas.

Todos estes fenomenos e provas indicam religiosidade muita em nosso povo, mas tambem a superficialidade em que nele permanece a Fé catolica. Seja por má orientação dos padres; seja pelos nossos acidentes climaticos, fisiologicos, etnicos; seja ainda pelo nosso hinduísmo mistico que nos seus extases deliciosos nos sequestra das preocupações e necessidades sociais da Terra: o mais visivel é que a catolicidade brasileira se conserva em nós que nem um dêsses abrigos que o urbanismo ergue no meio das ruas de circulação vasta. Não faz parte da rua nem da vida. Só presta episodicamente pra quem sofre de fobias, ou nos momentos de grande atrapalhação. Tristão de Athayde lembra liricamente a horas tantas as capelinhas que consagram a Nossa Senhora a morraria do Brasil... E' verdade. Melancolicamente, é possivel responder a essa poesia com outra poesia, e falar que as capelinhas estão nos morros pra que fiquem bem visiveis, porquê ninguem não iria buscá-las si escondidas nas noruegas do vale. A nossa catolicidade me parece exterior, intangivel, inativa e absurda, sem nenhuma ou quasi nenhuma relação mais com a nossa vida terrestre, sem nenhuma ou quasi nenhuma influência em nossa atitude individual e social diante da vida. Catolicidade duma gente de que Jackson de Figueiredo denunciava o conformismo, a tendencia pros compromissos faceis, o individualismo vagamente espiritualista; catolicidade dum povo que tem por sexo a paciencia; catolicidade dum povo de que Tristão de Athayde indigita o primarismo (p. 30), o instintivismo (p. 44), e uma mocidade "que se deixa levar pela vida" (p. 43). O nosso catolico é identico áquele nescio de que fala Gregorio de Matos:

Que não elege o bom, nem mau reprova,
Por tudo passa deslumbrado e incerto.

E o nosso catolicismo é um Catolicismo balão-de-oxigenio e covarde, pra uso da hora da morte, como aquele que tanto temia Jean Barois. "Some are atheists only in fair weather" já observa o povo inglês... Si somos uma terra cheia de catolicos, será dificil afirmar que somos uma nação catolica. Inda não teremos decerto atingido nem mesmo êsse grau primario de civilização em que os clans se organizam por meio da religião!...

Os **Estudos** de Tristão de Athayde são um drama enorme. Apaixonantes, irritantes, sectarios, cultissimos, nobilissimos, si não representam porventura o mais caracteristico da personalidade do grande pensador catolico, representam milhormente o seu martirio. E si é certo que já agora êle é das mais fortes figuras de críticos que o país produziu, desconfio que os futuros não-sei-o-quê vivendo nestas terras que são atualmente o Brasil, terão ao lê-lo o espetaculo dum homem querendo desviar uma enchente, apagar o incêndio dum mato, ou parar um raio com a mão.

M. DE A.

MARQUES REBELLO: **Oscarina** (Schmidt editor, Rio, 1931).

Oscarina representa a estrea em livro do sr. Marques Rebello. Mas o

jovem escritor já era conhecido, e bem cotado, através de contos publicados em revistas: esta mesma **Oscarina** aparecera anteriormente, creio que há uns quatro anos, na "Feira Literaria"; é, portanto, dos primeiros trabalhos do sr. Marques Rebello, obra talvez dos vinte anos; não obstante, excelente e revelando de pronto o romancista que há nele. Mario de Andrade, no "Diario Nacional", Ribeiro Couto, na revista portuguesa "Descobrimento", e outros criticos muito entendidos na materia filiaram logo o sr. Marques Rebello na linhagem dos nossos mestres mais admiraveis da novela carioca: Manuel Antonio de Almeida, Machado de Assis, Lima Barreto. Isso mesmo. O que é para desejar é que não aconteça com ele o que vai acontecendo com o proprio Ribeiro Couto, que, herdeiro do mesmo legado, não está cumprindo pontualmente as suas obrigações de legatario: ficou até agora nos contos, deliciosos aliás, do "Crime do Estudante Batista" e de "Baianinha e Outras Mulheres". Cadê romance?...

De resto a estrea do sr. Marques Rebello já é uma traição, pois á pag. 61 se acaba, no melhor da festa, a história do cabo Gilabert com a mulata Oscarina: quando o ambiente estava tão bem debuxado, as personagens tão bem campadas! Na realidade **Oscarina** é o primeiro capitulo de um romance que seria otimo, a julgar pela amostra.

O sr. Marques Rebello está emprazado para nos dar os romances da vida carioca que só ele e Ribeiro Couto nos podem fornecer. Ele sabe como ninguem observar a existenciazinha dos nossos Catumbis, as pobres dolorosas tragediazinhas das ruas D. Emerenciana; ele conhece tudo que diz respeito a essa humanidade da rua D. Emerenciana; sabe, por exemplo, que o pequeno funcionario público há anos atrás comprava "A NOTICIA" quando ia para casa, "A NOTICIA" que ninguem lia! Para esperar a "NOITE"...

Se tudo neste livro fosse como "Oscarina", "Na Rua Emerenciana", "Caso de Mentira" (êste lembra bem a filosofia do criador de "Brás Cubas"), e um ou outro mais conto, eu acabaria esta nota sem lamentar nele um certo sentimentalismo de impressões, umas certas indiscreções de facil lirismo, tanto mais deploraveis quanto é sabido (por mim pelo menos) que o sr. Marques Rebello não o tolera nos confrades...

M. B.

JOÃO PINTO DA SILVA: **A Provincia de São Pedro** (ed. da Livraria do Globo, Porto Alegre, 1930).

O sub-titulo explica o objetivo do livro: **Interpretação da história do Rio Grande.** Interpretação algum tanto apressada talvez. Mas sem dúvida nenhuma inteligente. Síntese viva e clara do que se pode chamar as constantes históricas do Rio Grande do Sul. As que nortearam o seu passado e fatalmente lhe dirigirão o futuro. A história da terra vista por um sociologo e assim explicada pela psicologia do habitante, sua formação racial, seu modo de vida, seu ambiente físico.

Isso para o fim (não declarado de maneira expressa mas evidente) de desmentir a fama separatista do Rio Grande. Isolado num territorio que já não é bem Brasil e ainda não é bem o Prata, o gaúcho foi sempre o guarda da fronteira contra o inimigo do sul. Combateu-o como soldado brasileiro quando preciso. E se na revolução de 35 o Rio Grande (ou boa parte dele) tentou constituir-se em república independente foi sobretudo devido ás manobras dos enviados do Prata. Nêsse sentido a argumentação de João Pinto da Silva me parece concludente. Os responsáveis pelo movimento, e Bento Gonçalves mais do que os outros, nunca foram republicanos convictos e sinceros. Hesitantes e sugestionáveis, fortes na guerra mas fracos na política, se deixa-

ram levar por uma minoria exaltada que os agitadores estrangeiros guiavam.

Descendentes dos paulistas aventureiros, devendo verdadeiramente á gente de Piratininga com o desbravamento da terra "a fixação do espirito de raça e nacionalidade", a sua altivez e até certo ponto a sua "formação heroica", os senhores feudais das estancias, embora insulados geografica e socialmente, sempre se consideraram ligados de maneira indissoluvel á imensidão brasileira. Contra a unidade nacional só pegaram em armas num momento de desespêro contra os erros do govêrno central e fraqueza deante dos incentivos vindos de fora, dos interessados na desagregação do imperio. Mas para logo depois se voltarem contra êstes pelo Brasil.

Historiando a revolução de 35, João Pinto da Silva se demora no estudo de seus herois destacados: Bento Gonçalves e Bento Manuel principalmente. Dá as razões que fizeram daquêle o campeão de uma república que de fato lhe repugnava e procura explicar as reviravoltas dêste. O caso de Bento Gonçalves nada tem de extraordinario. Aconteceu com ele o que acontece sempre com os chefes revolucionarios: começam arrastando para acabar arrastados. Agora o de Bento Manuel é bem mais complicado.

Um dos responsáveis do movimento contra a Regência, abandona-o quando a idea separatista pega fogo Muito certo até aí. Não era republicano nem separatista, não tinha portanto obrigação de continuar numa revolução que não se fizera para isso. E a sua ação contra-revolucionária de então ainda se pode justificar. Mas o que me parece de justificação mais difícil é o fato de quando hostilizado depois por Antero de Brito haver voltado para os farroupilhas. João Pinto da Silva defende-o com o fundamento de que "assim fazendo se comprometeu a auxiliá-los unicamente até ser declarada a maioridade do Imperador". Defesa discutível. Primeiro, porque (por mais resalvas que fizesse) Bento Manuel se punha ao serviço do separatismo republicano que com o seu auxilio poderia se consolidar em definitivo. Segundo, porque, provando o seu temperamento inconstante de impulsivo, capaz de abandonar uma causa por melindres pessoais, há a circumstancia de se ter desligado pela segunda vez do movimento um ano antes da maioridade de Pedro II, julgando-se desautorado por um ato do govêrno republicano. Entretanto, Bento Gonçalves não se julgou no dever de abandonar a luta quando teve serios motivos de queixa contra seus companheiros. E afastado da revolução desde 39, proclamada a maioridade desde 40, Bento Manuel só se lembrou de mudar de campo pela terceira vez em 43, com a chegada de Caxias, quando a república rio-grandense já tinha seus dias contados. Baixezas de traidor sem dúvida que não eram. Mas certamente manifestações de um caracter bambo.

Cousa sem importancia deante da brava firmeza daqueles que após dez anos de heroismo castigado ainda tiveram a coragem de ditar as condições de paz que o governo imperial aceitou. Aceitou porque, como João Pinto da Silva acentúa, dessa combatividade inaudita precisava para se defender das ameaças do sul. E eu acredito que na história brasileira não há nenhum documento mais honroso do que esse que enfeixa as clausulas de paz impostas (é o termo) pelos vencidos em farrapos. Numa delas, a quarta, demonstram a sua nobre preocupação de premiar os humildes que comandaram na luta: "São livres e como tais considerados todos os escravos que serviram a revolução". Em outra, a nona, o seu desprendimento pessoal: "Não serão reconhecidos em suas patentes os nossos generais, porém gozarão das imunidades aos demais cidadãos designados" (garantia individual e de propriedade, etc.).

Ainda em outra, a decima, o seu sentimento brasileiro: "O govêrno vai tratar definitivamente da linha divisoria com o Estado Oriental".

João Pinto da Silva, interpretando com bastante conhecimento e honestidade a história da terra, mostra a grandeza dêsses homens. O livro que escreveu é um excelente estimulante para a época de brasileirismo frouxo que a gente atravessa. Necessario portanto para os desanimados. E de grande utilidade para os estudiosos.

A. DE A. M.

JOÃO RIBEIRO **Floresta de Exemplos** (ed. J. R. de Oliveira, Rio, 1931).

O sr. João Ribeiro é talvez ainda mais que Latino Coelho um "estilo á procura de assunto". Cada livro novo dele revela mais um aspeto da sua insaciavel e solida curiosidade. Quando esta se enrama sôbre as pergolas da ciencia, o douto academico nos dá livros onde sempre ha muito o que aprender. Mas a curiosidade insaciavel não vai sem castigos: e o sr. João Ribeiro é mais um exemplo daqueles homens da geração anatoliana, que de tão friamente terem anatomizado a mosca azul, a enxergaram numa falsa verdade intermediaria, não ainda nas dansas miraculosas da geração, nem já na sua finalidade de joia viva e alada, mas na ciencia exata da anatomia, "baça, nojenta, vil". Daí, quando o sr. João Ribeiro se lança em trabalhos de ficção, onde as ariméticas podem ser desprezadas, uma frieza de desencantado, uma sabedoria enormemente individualista e desapaixonada, uma velhice timida que toma o partido da ironia e do sorriso complacente — velhice que nada tem que ver com as idades do corpo, certamente prematura pro espirito luminosissimo do sr. João Ribeiro. Na "Floresta de Exemplos" é êsse castigado da curiosidade que nos aparece, rapsodiando, que nem os moralistas antigos em suas Florestas e Silvas, anedotas e casos pansudos. Mas a diferençá-lo dos moralistas antigos, o sr. João Ribeiro tem o desencantamento da vida e a ironia dos que temem sofrer os pealos da comovente e apaixonada ingenuidade humana; e se as florestas antigas têm para torná-las ao menos respeitaveis, a boa intenção moralista e o perfume de santidade, a do sr. João Ribeiro nos saiu infelizmente amoralista e cetica, além de subtilmente libertina. E' certo que o sr. João Ribeiro não tem culpa do periodo historico da inteligencia em que o seu espirito admiravel se fez, porém não é menos certo que a sua ficção duma anticlerical sensualidade mistica, em que se acumulam frades, citações biblicas e casos ecitantes, não nos edifica absolutamente. Nem nos desedifica mais! E nisso é curioso observar que a Floresta nova do sr. João Ribeiro se reune á Nova Floresta e mais vegetações literarias de dantes: escrita como está no mais delicioso estilo do mais puro português, fixa o sr. João Ribeiro entre os classicos da nossa lingua materna. Ninguem lê mais Bernardes pra se edificar. Ninguem lerá o sr. João Ribeiro pra se desedificar. Mas ambos perseverarão sempre como farois ilustres do bom dizer.

L. P.

PAULO DUARTE: **Que é que há?** (s. ind. de ed., 1931).

E' o que se chama uma reportagem sensacional. Os defeitos do livro são os proprios do genero: coisa escrita ás pressas, meio desordenada, mais preocupada em registrar tudo do que em registrar corretamente. Senões que o grande interesse do livro mal deixa perceber. Trata-se realmente de uma contribuição preciosa para a história do movimento de Outubro de 1930 e suas consequencias em São Paulo. A revolução vista de dentro com todo o seu lixo abundante: traições, deslealdades, covardias, leviandades, herois de meia pa-

taca, ingratidões, hesitações e o resto do costume.

Paulo Duarte, que participou da campanha liberal, conheceu intimamente os seus chefes, conspirou e depois de outubro exerceu cargos administrativos em São Paulo, nunca se esqueceu de sua profissão de jornalista: observou, remexeu, descobriu e anotou. Daí os furos, as revelações ineditas de seu livro: como, por exemplo, a cópia da ata assinada pelo interventor militar em São Paulo e seu primeiro secretariado a 25 de novembro, estabelecendo a orientação a ser seguida pelo govêrno. Mas que não foi, provocando a crise desastrosa que todos conhecem.

Depoimento apaixonado, muitas afirmações dêle serão ou não aceitas pelo leitor conforme o seu credo político. Assim as contidas na análise do periodo anterior á revolução. O valor do depoimento entretanto permanece em qualquer caso e o conhecimento dele se impõe a todos.

O. G.

JOÃO PINTO DA SILVA — **História Literaria do Rio Grande do Sul** (2.ª ed, Livraria do Globo, Porto Alegre, 1931).

A segunda edição dêste livro vem bastante refundida. Apesar de ampliada, falta-lhe agora o capitulo antropogeografico que por necessidades de ordem passou para outro livro do autor, **A Provincia de São Pedro**, de que a **História Literaria** se tornou um complemento. E o tríptico se completará com o já anunciado volume sôbre **Tribunos e Publicistas**, que vai versar a história dos partidos polítiticos gaúchos no Imperio e na República. Não tem dúvida que assim a ordenação da obra toda fica mais lógica, porém perdeu a **História Literaria** um dos seus melhores capitulos, porque o que avulta na obra do sr. João Pinto da Silva é a sua faculdade de sociologo. Os momentos mais interessantes da **História Literaria** continuam sendo aqueles em que o critico sulista examina os fatores, os fenomenos gerais da intelectualidade gaúcha, a maneira com que ela está se processando e engrandecendo. Nesses momentos, que são aliás numerosos no livro, o crítico se desenvolve em observações finas, afirmações penetrantes, em que aquela paixão admiravel que os gaúchos têm pela querencia deles, e o sadio e muito perfeito nacionalismo brasileiro que é especifico no pensamento do ilustre crítico, não perturbam uma clarividencia metalica. Já no estudo das personalidades particulares me parece que o crítico divaga o seu tanto e principalmente esquece, talvez pelo quotidiano trato com todas elas, aqueles planos de perspectiva em que os artistas se colocam, independente da boavontade e do esforço de cada um e é a "parte de Deus" dentro de nós, deshumanissima e terrestremente injusta. A figura tão variada, tão esquecida e mal estudada do barão de Santo Angelo, apesar do livro afirmar a posição culminante dela no cenario artistico nacional, não mereceu do crítico as provas dessa culminancia. Estatisticamnete o autor do **Colombo** vem estudado em 8 páginas, ao passo que Barbosa Neto em 10 e Marcello Gama em 21. E' ainda pra lamentar que o sr. João Pinto da Silva não tenha tambem estudado nesta **História Literaria**, o tão interessante movimento moderno da intelectualidade sul-riograndense, que, apesar do seu tão vivo colorido gauchesco, foi o que definitivamente normalisou a arte da provincia dentro da arte nacional. Si é certo que o Brasil ignora figuras nacionais da importancia dum Apollinario Porto Alegre, e esquece um Araujo Porto Alegre, é licito duvidar que um moço brasileiro de hoje dado ás coisas literarias, ignore, já não digo figuras tão primordiais como Augusto Meyer e Darcy Azambuja, mas outros que não nomeio pra não enumerar toda uma tropilha luzente. Isso aliás que não se dá ape-

nas em referencia ao Rio Grande do Sul mas a todos os Estados, e parece ter sido o fenomeno social mais importante do movimento modernisador das nossas artes: a normalização da provincia na vida intelectual do Brasil. Si o Rio de Janeiro permanece como focalizador mais facil de figuras, os movimentos provinciais se correspondem sem intermedio da Côrte, e se aplaudem antes mesmo da distribuição de premios central. Mas si apontei a exclusão dos modernos na **História Literaria** foi só para ter o gôsto de citar outro livro do sr. João Pinto da Silva, os **Vultos do meu Caminho**, livro onde êles todos vêm, e é igualmente indispensavel para conhecer a evolução intelectual do Rio Grande do Sul.

L. P.

BEATRIS FERREIRA: **Azas** (of. Graf. d'A Pilheria, Recife, 1931).

Os poemas na opinião do prefaciador Ferreyra dos Santos, "são riscos de azas doiradas na ampla gaiola do céu azul do sonho".

Mas eu acho esse juizo por demais depreciativo. Para quê dizer coisa tão comprometedora de versos escritos com facilidade e que com facilidade são lidos? Para quê logo de entrada botar antipatia em poesias que podem ser tudo menos antipáticas?

O. G.

ODETTE DE SÃO FELIX SIMONSEN: **Meu vestido de retalhos** (Emp. Graf. Ed., Rio, 1930).

O poema **Cousas sem importancia** é de uma simplicidade agradavel. O que se pode dizer de mais dois ou três. Não me parece entretanto que qualquer dêles tenha força bastante para viver fora do livro. Lá estão. Lá morrerão. Estrea precipitada talvez. As qualidades que é possivel descobrir na autora só darão seu maior rendimento depois de rigorosos ensaios. Para os quais (como é de regra) os estranhos não devem ser convidados.

O. G.

I. STALINE: **Em marcha para o socialismo** (Edit. Marenglen, S. Paulo, 1931).

E' a versão brasileira do relatorio apresentado pelo secretario geral do P. C. ao XVI Congresso (Moscou, junho e julho de 1930), do discurso com que Staline encerrou os debates e da resolução do Congresso aprovando "a linha politica e a atuação" do Comité Central. Documentos indispensaveis para o conhecimento da nova Russia, já vulgarizados e discutidos no mundo inteiro. Superfluo, portanto, encarecer a importancia do livro e utilidade da versão. Basta reproduzir, subscrevendo, estas palavras dos editores: "Qualquer que sejam os pontos de vista de cada leitor, a nenhum será licito subestimar o valor especifico que esta obra representa como contribuição ao estudo dos grandes problemas postos na ordem do dia, mundialmente".

O. G.

ERNESTO CLAUDINO DE OLIVEIRA E CRUZ: **A reforma da Polícia e as diretrizes da Política Criminal** (Tip. Celeste, Rio, 1931).

O autor, membro da comissão que recentemente reformou a Policia do Distrito Federal, pronunciou em maio último, na Escola Nacional de Belas Artes, uma conferencia que agora vulgariza em folheto, expondo e justificando varios pontos da reforma. Esta, a seu ver, seguiu a mais moderna orientação da politica criminal, dando á prevenção a repressão do delito um carater acentuadamente cientifico. Reagiu, assim, contra a mentalidade, ainda hoje predominante entre nós, a que se deve a organização policial da grande maioria dos Estados, organização que é das mais atrasadas, defeituosas e ineficientes do mundo.

O. G.

RECEBEMOS:

— "Megafono" (Buenos Aires), n. de agosto.

— "Le Opere e i Giorni" (Genova), n. de agosto.

— "Monterrey" (Correo Literario de Alfonso Reyes, Rio).

— "Repertorio Americano" (Sam José, Costa Rica), ns. 541 a 546.

— "La Vida Literaria" (Buenos Aires), ns. de julho e agosto de 1931.

— "Claridad" (Buenos Aires), ns. 232 e 233.

— João Palma Travassos: **Discurso pronunciado na Faculdade de Farmacia e Odontologia de Ribeirão Preto em homenagem ao dr. Aloysio de Castro.** (1928).

— "Revista de Estudos Juridicos e Sociais" (Rio), n. 3 de maio de 1931.

— "La Vie Intellectuelle" (ed. du Cerf, Juvisy), ns. de Junho e julho de 1931.

— **Estatistica da Imprensa Periodica do Brasil,** 1929-1930 (publ. do Departamento Nac. de Estatistica, Rio, 1931).

— "Nosotros" (Buenos Aires), ns. de maio a agosto de 1931.

— "Brasil-Polonia" (Rio de Janeiro), ns. 1 a 4.

— "Letras" (Buenos Aires), ns. 7 e 8.

— "Orto" (Mansanillo, Cuba), n. de julho.

POR FALTA DE ESPAÇO, DEIXAM DE SAIR NESTE NUMERO AS NOTAS SÔBRE:

— Emilio Moura: **Ingenuidade** (ed. "Os Amigos do Livro", B. Horizonte, 1931);

— Alfonso Reyes: **Discurso por Virgilio** (ed. "Contemporaneos", Mexico, 1931);

— Maria Eugenia Celso: **Vicentinho** (tra. fr. de Jean Duriau, ed Payot, Paris);

— Octavio de Faria: **Machiavel e o Brasil** (Schmidt-Editor, Rio, 1931);

— Arthur Bittencourt: **Iniciação Filosofica** (Irmãos Ferraz, S. Paulo, 1931);

— **Cartas Jesuiticas, II: Cartas Avulsas** (anotadas por Afranio Peixoto, ed. da Acad. Bras., Rio, 1931).

— Cassiano Ricardo: "**Deixa estar jacaré...**" (S. Paulo, 1931).

COLABORADORES DÊSTE NÚMERO:

Afranio Peixoto — da Academia Brasileira de Letras.

Azevedo Amaral — sociologo e jornalista (sobrinho de Alvares de Azevedo).

Homero Pires — professor da Faculdade de Direito da Baía.

Vicente de Paulo Vicente de Azevedo — promotor público na capital de São Paulo.

Arthur Motta — da Academia Paulista de Letras.

Motta Filho — da Academia Paulista de Letras.

Luis da Camara Cascudo — do Instituto Historico do Rio Grande do Norte.

Aurelio Gomes de Oliveira — critico literario, residente no Rio de Janeiro.

Rodrigues de Carvalho — folclorista paraibano.

Amadeu Amaral Junior — jornalista em São Paulo.

Resenha

Alvares de Azevedo no colegio Pedro II

A vida e a obra de Alvares de Azevedo relembram e glorificam indiretamente duas instituições: o Colegio Pedro II e a Faculdade de Direito de São Paulo.

O primeiro foi o berço da inteligencia do poeta, o segundo o talamo nupcial do seu espirito com a sua mocidade e, por fim, o leito funebre de ambos.

Dentro das paredes daqueles edificios conventuaes surgiu, acendeu-se, brilhou, apagou-se um dos mais belos e prematuros talentos desta terra tropical e temporã onde rapazolas de quinze anos, de beiço apenas sujo de buço, filosofam a respeito dos mais graves problemas sociais, julgando tê-los resolvido por lhes escrever os nomes com maiusculas, aconselhando e criticando quais anciãos tempesteados com a vida.

Professor do Colegio Pedro II, antigo aluno da Faculdade paulista, creio conhecer um pouco os meios onde se desenrolou bruscamente a existencia de Manuel Antonio Alvares de Azevedo.

Seja-me licito, pois, buscar compreender num deles o nosso poeta.

Tento-o não só em homenagem ao sexagesimo segundo aniversario do obito do autor do Pedro Ivo, como á gloria quasi secular do Colegio inesquecivel, mansão de honra no edificio das humanidades no Brasil.

Alvares de Azevedo nasceu na Capital de S. Paulo, a 12 de Setembro de 1831, meses depois da efemeride grave do Sete de Abril.

Segundo notas biograficas, distribuidas e repetidas pelas varias edições da sua obra, foi robusto até cinco anos. Adoecendo seriamente, teve convalescença e cura. Saúde intacta nunca mais.

Dos seis aos nove anos, de acôrdo com as mesmas fontes de informação, aprendeu muito pouco. Foi um quatrienio de preguiça doentia. O corpo dizia não ao espirito. A inteligencia sentia-se traida pelos orgãos.

No começo de 1840 matriculou-se no Rio, no Colegio Stoll. O diretor era um dêsses estrangeiros admiraveis que, como o Barão de Tautphoeus, vieram ao Brasil para ganhar o pão honesto, repartindo comnosco o sal finissimo de sua cultura.

Alvares de Azevedo permaneceu quatro anos no Colegio Stoll, laureadissimo em todas as aulas e o mais vergonhoso aluno de ginastica. Nessa disciplina foi sempre o ultimo, por unanime aclamação dos trapezios, das barras fixas, das argolas e das paralelas.

Em 1844, com uma saúde cada vez mais mascada, seguiu para S. Paulo, onde prestou alguns exames de preparatorios, regressando ao Rio.

Deram-lhe por explicador o Barão de Planitz, erudito professor do Pedro II e digno companheiro daquele poço de ciencia, o já citado Barão de Tautphoeus, poço do qual se utilizou tanta gente sem mostrar ao público onde mergulhara o balde. O sabio nunca reclamou.

Planitz tomou conta dos estudos de Alvares de Azevedo, fazendo-o entrar para o Colegio Pedro II como aluno do 5.º ano. Tornou-o um **galgo.**

Essa pitoresca e feliz expressão, graciosa como o esguio e agil animal que evoca, pertence á giria academica. Aplica-se a quem adeante o curso, já requerendo exame de ano superior com breve intervalo do prestado no inferior, já entrando para o curso em ano adiantado.

Até aqui me estou servindo de informações conhecidas. Cito-as na fé dos padrinhos, humilimo afilhado da verdade historica a varrer a sua testada.

De ora em deante terei ensejo de fixar algumas notícias ainda não fixadas em parte alguma, pelo menos que eu saiba.

Devo-as a estudos feitos em 1907, no arquivo do Colegio Pedro II, a mór parte do qual amontoado no Externato, em momentos de grata solidão nas salas do velho edificio onde tanta cousa otima falava de tanta gente boa.

Outros trabalhos, outros gozos, outras recompensas inteletuais me foram concedidos por Deus, mas jamais esqueci essas horas de 1907, quando apenas nomeado definitivamente para o Colegio procedia á sondagem da profundidade do seu passado, por conta propria, para satisfação da consciencia, o grande juiz que transportamos por toda a parte no tribnal ambulante de nós mesmos.

Ao encalourar-se no Pedro II, o menino Alvares de Azevedo, entrando diretamente para o 5.º ano, levava bordados de veterano.

Tinha quatorze anos. Matriculou-se a 2 de Junho de 1845, como aluno interno, sob n.º 430 (1.º livro de matrícula do Pedro II, página 28).

O estabelecimento, o protetor dele, professores, os empregados, os alunos, tudo era novo. O Colegio contava oito anos de existencia, o Imperador vinte de idade.

Joaquim Caetano regia a casa. Não lidava de perto com os alunos. Respondendo a um questionario meu sôbre o antigo Colegio, dignou-se o Conselheiro Duarte de Azevedo manter comigo correspondencia, no correr da qual, em 7 de Novembro de 1908, me afirmou, como bacharel em letras de 1851, que o vice-reitor, Frei Rodrigo de S. José, "era por sua energia e severidade o verdadeiro diretor do Colegio."

Joaquim Caetano, de saudosissima memoria, que, para vergonha nossa, ainda não é bronze na praça pública, e Frei Rodrigo moravam no edificio do Colegio, em 1845, externato, semi-internato e internato.

Como interno, Alvares de Azevedo pagava cem mil reis por trimestre, com enxoval fornecido pelo progenitor. Despendiam sómente trezentos mil reis anuais os pais de internos, incumbidos do fornecimento, da lavagem ou das costuras da roupa do Colegio.

Os estudos corriam de conformidade com o decreto de 1 de Fevereiro de 1841, inspirado por Joaquim Caetano. As aulas abriam-se em Fevereiro, os exames se faziam em Novembro. O ano letivo contava, pois, oito meses.

Na 5.ª serie do curso de bacharelando em letras, Alvares de Azevedo frequentou as seguintes onze aulas: francês, inglês, alemão, grego, latim, geografia descritiva, história média, aritmética e algebra, zoologia e botanica, desenho e música.

Em grego, o idioma dourado para sempre pela palavra de Demostenes,

esculpido pela pena de Tucidides, Alvares de Azevedo teve por mestre Joaquim Caetano, o douto que era doutor.

Planitz ensinou-lhe alemão, geografia e história; Bernardo José Falletti, latim; José Luiz Alves, inglês; Francisco Maria Piquet, francês. A matematica lhe foi explicada pelo Dr. Lino Antonio Rabello; as ciencias naturais o foram pelo Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia; a música e o desenho por Faria Pardal e Luz Pinto.

Alguns dêsses professores tinham direito a fama distinta. Ainda o têm a menção especial. Assim, Lino Antonio Rabello, platino de nascimento, buonairense de berço, passou á Europa, onde se graduou em ciencias naturais e matematicas, em Bolonha.

Carregado de familia, angariador de subsistencia para um lar tão povoado de gente quão necessitado de bens, o Dr. Lino talentoso, instruido e probo, lutou muito. Sustentou com a pobreza e o meio exterior a luta ignorada, tremenda, sublime de candura e de pureza, de homem reto, de homem de bem que nem quer dobrar a esquina, nem curvar o joelho, nem estender a mão.

O Dr. Lino encaneceu moço. Não mostrava mau humor, nem esse cancro da inveja que róe o portador de tantos braços que nos afagam, de tanta bôca que nos sorri.

Sorria o Dr. Lino, disse Joaquim Manoel de Macedo mas o seu sorriso entristecia.

O professor Planitz, estimado pelos alunos, era tão bom quanto ilustrado. Vivia para o estudo, respirava para o trabalho. Sedentario como os sujeitos de estudo, Planitz tinha, porém, dia de nervosia, de exasperação, talvez oriunda de uma molestia á qual a medicina reconhece o privilegio de tornar os seus padecentes sobremaneira susceptiveis e irritadiços, requerendo como medicação refrigerante o uso das calças brancas.

Uma vez estava lecionando, empenhado em tornar compreensivel o assunto da preleção. Levantou-se. Tomou o giz. Foi á pedra. Escreveu qualquer cousa nela e regressando á catedra, apontando com a flecha o que escreveu na quadro negro, continuou a teimar na elucidação, na filtração do assunto.

Uma mosca poisou no nariz do professor. Espantou-a êste debalde. O bicho fugia celere para voltar impertinente. E ia azoinar o Barão de Planitz, em cocegas á face, ao queixo, ao nariz, aos labios.

Os alunos riram-se da luta entre o pedagogo e o ditero. Planitz perdeu a paciencia e raivoso, sem tramontana, atirou-se pela sala a fora, procurando exterminar a mosca a golpes de flecha, entre a risota dos discipulos, cuja lição foi interrompida.

Macedo narra a cena no segundo volume do seu **Passeio pela Cidade do Rio de Janeiro.**

As excentricidades do Barão de Planitz nunca o furtaram ás admirações e á estima dos seus escolares.

Do pessoal subalterno do Colegio, no tempo de Alvares de Azevedo, ficou memoria na pessôa do Babo, porteiro do estabelecimento por espaço de quasi vinte anos, de 1838 a 1855.

O velho Babo era o cronista da casa. Sabia e contava a história de cada pedra que vira alçar nas obras do colegio. Tinha de cor o numero das visitas de Bernardo de Vasconcelos, Ministro que presidiu á fundação do Pedro II.

Português de origem, chegou á Baía com uns nove anos de idade. Empregou-se na loja de um negociante cuja familia por elê se desvelara. O velho porteiro contava essa história um ror de vezes por dia e concluia chorando: "A senhora dona Maria foi minha mãe e queria que eu a chamasse minha mãe!"

Original avarentissimo, o Babo era autor de uma teoria para ter saúde. Segundo ele, quem quisesse ter um vigor de cedro bastava tomar banhos frios, ter os pés gelados pela manhã e andar durante o dia.

A's dez da noite o Babo deitava-se. Despertava ás três da madrugada. Banhava-se nagua fria. Vinha conservar-se descalço, por meia hora, no marmore da porteira. Começava então a espirrar com estrondo tal que com certeza muitas vezes acordou o interno Alvares de Azevedo.

Depois de varias duzias de espirros, o homem tinha os pés frios. Exultava.

Das quatro ás cinco e meia da madrugada o velho Babo passeava em toda a extensão da varanda que cercava por dois lados o patio interior do Colegio.

Passeava aceleradamente, de cabeça baixa, olhando quasi para as pisadas. A' tarde somava os passos do dia. Anunciava o número de leguas andadas em vinte e quatro horas.

Era isso o regalo de Alvares de Azevedo e dos seus companheiros.

O Babo, da manhã á noite, estava de casaca. Em 1854, foram caiadas algumas paredes do Colegio. O porteiro fiscalizou o trabalho. Foi tão infeliz que um dos caiadores caiu da escada e despejou um balde de cal em cima do velho Babo, que perdeu a casaca.

Era, porém, a despeito das exquisitices muito estimado por todos do estabelecimento, inclusive pelos alunos, o que é um grande elogio.

Alvares de Azevedo, sofreu bastante no Colegio, já por certa altivez, já pelo seu pendor para a caricatura. Provou a cafua. Os chefes da diciplina, reconhecendo que não lhe quebravam o genio, nem o lapis, o deixaram por fim em paz. Aliás a sua saude debil não consentia sem maldade castigos rigorosos.

Naturalmente o alvo principal das caricaturas de Alvares de Azevedo, foram os inspetores, as vitimas-algozes, para citar Macedo.

Os inspetores eram pessoas estimaveis. Recomendavam-se por sua instrução, tanto que José da Silva Pinheiro Freire, a princípio inspetor, fôra nomeado substituto interino de português e de latim na reitoria do Bispo de Anemuria.

Chegou o fim do ano letivo de 1845.

Começavam os exames, as provas que com tantas emoções salteiam estudantes, mórmente os vadiaços, em triplo ajuste de contas, com os examinadores, o lar e a conciencia.

Segundo o arquivo do Colegio, ás nove horas da manhã de 24 de Novembro de 1845 reuniram-se numa das salas do Pedro II o comissario do Govêrno, o Visconde de Sapucaí e os lentes Joaquim Caetano, Piquet, Silva Maia, Luiz Pinto, Pardal, Lino Rabello, Planitz, Falletti e José Luiz Alves.

O quinto ano de 1845 compunha-se de duas turmas de exame. Na primeira figuravam, conforme os livros do Colegio, Joaquim Mendes Malheiros, Firmo de Albuquerque Diniz, Ildefonso Simões Lopes, Nicolau Lobo Viana e Antonio Luiz Sayão. Na segunda inscreviam-se os nomes de José Antonio de Souza Gomes, José Martins Vieira, José Soares Teixeira de Gouvêa, Antonio Maximiano de Araujo Pereira e Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Das nove da manhã ás duas da tarde foram examinados, a 24 de Novembro de 1845, os cinco examinadoda 2.ª turma do 5.º ano; sendo aprovado simplesmente apenas Araujo Pereira. O resto da turma foi galardoado com a nota plena.

Na 1.ª turma tinha havido duas aprovações plenas, conferidas a Malheiros e a Firmo Diniz.

Os esforços de cada estudante do 5.º ano de 1845 estavam reconhecidos, bem ou mal, justa ou injustamente. Poucas cousas neste mundo despertavam mais queixas do que provas de capacidade inteletual, arranhadoras do ai-Jesus do homem: a vaidade.

O exame era o batismo do estudante do Pedro II. Faltava-lhe o sacramento da confirmação, que, como acontece com os batizandos, nem todos recebiam.

Esse sacramento vinha a ser a distribuição de premios. Durante largos anos, no Colegio, coincidiu com a colação do grau de bacharel em letras.

Onze bacharelandos o receberam em 1845, figurando entre eles João Antonio Gonçalves da Silva, depois professor no estabelecimento, e Joaquim Francisco de Faria, mais tarde Presidente da Relação da Côrte, e em seguida Ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Alvares de Azevedo não foi contemplado na distribuição de premios do Colegio, segundo fazem fé os livros do seu arquivo. Logrou o primeiro premio Joaquim Mendes Malheiros; o segundo foi conferido a Firmo de Albuquerque Diniz, ficando Martins Vieira de posse de uma menção honrosa.

Em 1846 Alvares de Azevedo entrou para o 6.º ano ginasial. Recebeu as lições, os conselhos da experiencia em materia de estudo, quasi dos mesmos professores do 5.º ano, explicadores do grego, do latim, do inglês, do alemão, do francês, das ciencias naturais, do desenho, da música e da matematica.

Os unicos professores novos para a turma eram o docente de história moderna, retorica e poetica e o de filosofia.

Este chamava-se Domingos José Gonçalves de Magalhães, o futuro Visconde de Araguaia. Trocou depois o magisterio pela diplomacia, a cujo cimo chegou. Em 1846 ia apenas em caminho da fama, caminho de calçamento tão desigual.

Santiago Nunes Ribeiro, lente de história moderna, retorica e poetica, era Chileno. Viera para o Brasil ainda menino, acompanhando um tio e protetor, expatriado por motivo de lutas políticas.

Esse tio era frade e muito douto. Foi o primeiro mestre do sobrinho. O religioso aqui morreu, definhando rapidamente de saudades do seu longinquo Chile. O rapaz ficou no Rio, órfão, na miseria, no desamparo. Empregou-se como caixeiro em uma loja e mourejou infeliz, pauperrimo, obscuro. Estudava de noite, fatigando sobre o livro os olhos papudos de sono.

Instruiu-se. De caixeiro se transformou em tipografo. Foi depois professor particular, escrevendo em jornais literarios. Tornou-se um dos fundadores e o último redator, o redator coveiro da **Minerva Brasiliense.**

Manejou o verso com vantagem, legando-nos varios escritos de natureza vária e os fragmentos de um poema: **O Libertador.**

Esse esfôrço de Santiago Ribeiro, para sair do nada, lembra, mais modernamente, o de Timoteo Pereira. Este, de empregado no comércio, conseguiu, após concurso, ser nomeado lente de matematica do Ginasio Nacional, falecendo moço, a 5 de Novembro de 1901.

Santiago era modestissimo. Tinha rosto triste e voz debil. Timido em excesso, parecia ser o unico a não perceber o seu merito.

Macedo atesta-nos que Santiago passou a vida sofrendo e esperando. Faleceu muito joven. Muito joven devia falecer o seu discipulo Alvares de Azevedo.

A 20 de Novembro de 1846, Alvares de Azevedo prestou exame do 6.º ano. Foi aprovado plenamente, obtendo a mesma nota os colegas do dia, Sousa Gomes, o segundo premio de 1846, e Martins Vieira, a menção honrosa desse ano.

O dia 20 de Novembro de 1846 não terminou em alegria completa. Dois sexto-anistas levaram bomba. Os seus nomes figuram na ata, mas, para que nomeá-los? **Parce sepultis...**

Findos os exames, procedeu-se á classificação dos estudos do ano. Malheiros obteve 624 pontos; Sousa Gomes, 371; Firmo Diniz, 362; Alvares de Azevedo, 278, etc. Coube a Alvares a 1.ª menção honrosa.

Estava, pois, no alto da carreira ginasial. Era 7.º anista do Colegio Pe-

dro II, o que, no meio escolar do tempo, dava direito a especialissima consideração, já no Colegio, já fora dele, nas salas, nos atos publicos, em toda a parte.

Aliás, os alunos do último ano de qualquer estabelecimento de ensino, de grau superior ou médio, procuram sobresair na massa dos colegas, não só por afetada gravidade de modos, de palavras e de ideas, como pela comica seriedade com a qual, não raro, tentam encarar e resolver os mais serios problemas e as questões mais futeis.

No 7.º ano, Alvares de Azevedo continuou a ter como Reitor Joaquim Caetano da Silva e por Vice-Reitor Frei Rodrigo de São José.

Joaquim Caetano habitava na rua Estreita de S. Joaquim, num sobrado de cinco janelas de peitoril, com duas alcovas, uma saleta de jantar, cousa acanhada e pouco higienica.

A residencia do Vice-Reitor, Frei Rodrigo, ficava no antigo consistorio da igreja de S. Joaquim, do lado esquerdo do templo. Era longa sala metamorfoseada em três aposentos, divididos por tabiques.

Frei Diogo, monge beneditino, desde os dezoito anos, filho de um antigo intendente do ouro, havia sido Abade do Mosteiro de sua ordem no Rio, cargo que lhe dera muitos desgostos. Poliglota, teologo, poeta satirico, morreu em 1853, um ano depois de Alvares de Azevedo, tranquilo, sereno, confessando-se publicamente, abraçando muitos dos seus ofensores gratuitos, sublime de perdão, cristianizando a morte.

Além de Joaquim Caetano e de Frei Rodrigo, Alvares de Azevedo no 7.º ano lidou com os seus antigos docentes dos anos anteriores, encontrando-se com três lentes novos para ele: Paula Menezes, Calogeras e Tautphoeus.

Paula Menezes substituía Santiago Ribeiro, falecido. Medico, era orador; dizia aticamente, vestindo o pensamento com as melhores galas da lingua.

Fluente, imaginoso, feliz na expressão, o Dr. Paula Menezes repartia as horas com a clinica, o professorado, a Academia de Medicina e o Instituto Historico do qual foi Secretário.

Calogeras, de origem grega, e Tautphoeus, de nascimento alemão, honraram o Colegio, por muitos titulos.

O reitor e os professores lidavam com os alunos por pouco tempo, nas aulas. Frei Rodrigo tinha o encargo de fiscalizar os colegiais, estendendo passos solícitos por todo o edificio.

Quem passava pelo corredor onde vinha terminar a escada da portaria e seguia para o lado oposto, encontrava, junto da escada, uma sala que deitava duas janelas para o segundo patio. Contiguo á sala havia um salão com quatro janelas para o patio externo. Nele dormiram os internos até 1857. Nele dormiu Alvares de Azevedo os seus sonos de internato de 1845, 1846 e 1847.

O dormitorio, no fim do ano letivo, passava a ser a sala de exames, quasi sempre honrados com a presença do Imperador, do chefe da Nação, do primeiro magistrado de um povo livre e respeitado, que vinha estimular a mocidade e estudar os professores. Felizes tempos de atrazo.

Nesses se abrange o ano de 1847 no qual Alvares de Azevedo terminou o curso de bacharelado.

Foi a 25 de Novembro. Concederam-lhe aprovação plena em todas as materias do ano. Deram-lhe, como em 1846, a primeira menção honrosa.

Malheiros, com 700 pontos, ficou dono do primeiro premio; Firmo Diniz, do segundo, com 445; Sousa Gomes, do terceiro, com 437 pontos. A menção honrosa de Alvares de Azevedo foi a recompensa dos seus 343 pontos.

Estava, pois, o joven 7.º anista do Pedro II em vesperas de ser bacharel em letras nos fins do ano da graça de 1847.

Nessa época a cidade era pequena. Os tílburis estacionavam na rua Direita, das sete da manhã ás oito e

meia da noite. Pagava-se-lhes mil reis por hora de serviço na zona interior da Capital e dous fora dela, especificando a policia que a gorgeta jamais poderia ser inferior a um tostão.

Quando os internos do Pedro II saiam aos sabados, como Alvares de Azevedo, espalhavam-se pelo Rio. Se iam ao teatro, riam-se com o Martinho, o Vasques, o Corrêa, puxando a gargalhada ás plateas.

João Caetano brandia o gladio tragico. A Candiani soltava os cabelos sôbre os ombros para cantar a **Casta Diva da Norma.**

Os amadores dos esgares de palhaço ou de piruetas de circo afluiam ao **Circo Olimpico**, da rua de Sant'Ana, onde se exibia uma celebre macaca, a Gregoria, e um cavalinho ensinado, o Capadocio.

Quem gostava de damas, de dominós, de gamão, de tiro ao alvo ia para o **Tivoli.**

Os colegiais, e talvez com eles Alvares de Azevedo, preenchiam os domingos com visitas aos condiscipulos.

Colegios havia muitos. Entre eles o de **Instrução Primaria**, na rua de Matacavalos n.º 88, do qual eram alunos Carlos Augusto de Oliveira Figueiredo, que morreu Ministro do Supremo Tribunal, e Antonio Achiles de Miranda Varejão, malogrado homem de letras.

Ambos foram examinados nesse ano de 1847 por Piquet, professor do Pedro II, e pelo 2.º Tenente, hoje Marechal Francisco José Cardoso Junior, no tempo em que o General Conde de Caxias comandava as armas da Côrte.

Dos passeios do rapazola de então ficou memoria nos conhecidos versos de Alvares de Azevedo, quiçá alguma cena copiada do natural. Trata-se de um namorado, que alugou um cavalo de trote para passar pela casa dela. No caminho uma carroça o suja de lama:

Eu não desanimei. Se Don Quixote
No Rossinante erguendo a larga espada
Nunca voltou de medo, eu, mais va-
[lente,
Fui mesmo sujo vêr a namorada...

Mas eis que no passar pelo sobrado,
Onde habita nas lojas minha bela,
Por ver-me, tão lodoso, ela irritada
Bateu-me sôbre as ventas a janela...

O cavalo ignorante de namôro,
Entre dentes tomou a bofetada,
Arripia-se, pula e dá-me um tombo
Com pernas para o ar, sôbre a cal-
[çada...

O dinheiro do joven poeta daria para alguns passeios de tílburi, sendo talvez mais provavel estimasse os passeios a cavalo, nalgum dia em que, como disse em Ideas Intimas, sentisse.

Os diabos azues nos frouxos membros.

Se fosse guloso aí estavam as confeitarias do Francioni ou do Deroche ou café da Fama, no local do moderno Criterium, para lhe aplacar a gulodice ou a sêde.

Escoado o ano letivo de 1847, vieram os exames, quadra na qual a muitos se aplica o distico:

Tantos esforços fizeste,
Tantas asneiras disseste.

A 20 de Novembro de 1847, perante o comissario fiscal do Govêrno, o Visconde de Sapucaí, o vice-reitor Frei Rodrigo de S. José, e os professores Piquet, Silva Maia, Luz Pinto, Pardal, Lino Rabelo, José Luiz Alves, Calogeras, Tautphoeus e Paula Menezes prestou Alvares de Azevedo o seu ultimo exame de humanidades.

Foi plenificado com Antonio José Francisco Mendes, Ildefonso Simões Lopes, Antonio Luiz Sayão, Firmo de Albuquerque Diniz, José Martins Vieira e José Antonio de Sousa Gomes.

Apenas Joaquim Mendes Malheiros

obteve a aprovação com louvor, nota acima de distinção.

Na segunda dominga do Advento, 5 de Dezembro, Alvares de Azevedo e seus companheiros receberam solenemente o grau de bacharel em letras, prestando a promessa legal de "manter a religião do Estado, obedecer e defender a Sua Majestade o Senhor D. Pedro II e as instituições patrias, concorrer na medida de suas fôrças para a prosperidade do Imperio, satisfazendo com lealdade as obrigações que lhes fossem incumbidas".

Foi imposto a Manoel Antonio Alvares de Azevedo o simbolico barrete branco, com as sacramentais e belas palavras de então:

"A lei vos declara bacharel em letras, cujo grau espero honreis tanto quanto o haveis sabido merecer."

No principio de 1848 Alvares de Azevedo seguiu para S. Paulo, afim de matricular-se na Faculdade de Direito. Levava o primeiro diploma cujo grau tinha de honrar tanto quanto o devera merecer.

A título de curiosidade, copiei textualmente esse documento:

"Manuel Alves Branco, do Conselho de Estado, oficial da Ordem Imperial do Cruzeiro, Senador do Imperio, Desembargador da Relação da Côrte, Presidente do Conselho dos Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, Encarregado interinamente dos do Imperio, e, nesta qualidade, Diretor do Colegio de Pedro II, na forma dos estatutos que regulam o dito estabelecimento. Atendendo ao título de aptidão obtido pelo Sr. Manoel Antonio Alvares de Azevedo, filho de Inacio Manoel Alvares de Azevedo, nacido aos 12 de Setembro de 1831, natural da Provincia de S. Paulo, e certificado da sua identidade de sua pessoa pelo Vice-Reitor, que o apresentou perante os Membros do Conselho Colegial do mencionado Estabelecimento, faço certo aos que esta carta virem que ao dito Sr. Manoel Antonio Alvares de Azevedo foi conferido o grau de Bacharel em Letras, e mandei passar-lhe a presente, como seu diploma, em virtude do qual gozará ele da prerogativa que lhe concede o Decreto de 30 de Setembro de 1843, artigo 1.º, e das mais que lhe forem garantidas pelas Leis do Imperio.

Rio de Janeiro, em 5 de Dezembro de 1847. E eu, Albino dos Santos Pereira, servindo de Oficial-Maior da Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, o subscrevi. — (Assinado) Manoel Alves Branco". (Livro do Registro de Diplomas do Colegio Pedro II, pagina 18, n. 37.)

Na Faculdade de Direito de S. Paulo, Alvares de Azevedo, prestigiou imensamente a celebre cultura do Pedro II. O seu talento irrompeu juvenil, precoce, arrebatador, todo em primavera.

Produziu, produziu muito e bem. Dir-se-ia adivinhava a noite proxima, que o ia tornar vítima de uma inteligencia galopante, tão mortal quanto a tísica dêsse nome.

Os seus escritos em prosa, verdadeiras folhas caídas de tronco desmarcado, revelam instrução de primeira ordem, vasta, completa e variada.

Pelo lado erudito do espirito nenhum poeta nacional excede Alvares de Azevedo. E faleceu aos vinte e um anos, esse filho dileto do Pedro II! A sua herma devia há muito já estar erguida na praça pública, **por iniciativa do Colegio**, ou então no jardim do Passeio, refúgio florido dos bronzes de agora.

Até hoje, porém, nada se resolveu. Alvares de Azevedo espera a consagração, acolhido nas paginas de três volumes imortais, emquanto houver um coração brasileiro digno de o ser.

Quaisquer que sejam os seus defeitos, na relatividade, o poeta da **Lira dos Vinte Anos**, vivendo dois decenios, legando o que legou, afora ineditos, é simplesmente assombroso.

Mais ou menos em um lustro fez o que outros nem em longas vidas iniciam.

Deixou-nos o lindo, o maravilhoso, o fervido prefacio de uma grande obra, cosida ás pressas pelo destino e odiosamente rasgada de cima a baixo pela morte.

Jamais saiu do Brasil. Nele aspirou todas as ideas literarias do seu tempo.

Com Casimiro, Castro Alves e Varela constituiu-se um dêsses deuses lares do nosso verso. A sua imaginação, essa, é uma das eternas virações espirituais do jardim da arte brasileira.

ESCRAGNOLLE DORIA.

(Do **Jornal do Comércio**, n.º de 25 de Abril de 1914.)

REVISTA NOVA

publicará nos proximos numeros:

ALBERTO RANGEL — "Cruêra" (extratos de sua correspondencia particular)
ALFREDO ELLIS (Junior) — "Populações paulistas" *(cont.)*
AMADEU AMARAL JUNIOR — "Superstições do povo paulista" (*cont.*)
ANTONIO PICCAROLO — "Um engenheiro italiano na descoberta das minas brasileiras"
EUGENIO DE CASTRO — Estudo, com documentação inedita, sobre o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro
JOSE' DE MESQUITA — "Corá" (*novela*)
MANUEL BANDEIRA — Poemas
OSORIO CESAR — "Contribuição para o estudo do espiritismo como fator predisponente de perturbações mentais"
RIBEIRO COUTO — "Samuel" (*Notas do promotor de São José do Barreiro em* 1924)
RODRIGO OCTAVIO — "Silva Lisboa e a participação estrangeira no desenvolvimento economico do Brasil"
RODRIGUES DE CARVALHO — "Lingua Nacional" (*cont.*)
SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA — "Viagem a Napoles" (conto)

bem como artigos e cronicas de

A. C. COUTO DE BARROS — FERNANDO DE AZEVEDO — FLAMINIO FAVERO — LUIS NOGUEIRA MARTINS — MARQUES REBELLO — OCTAVIO DE FARIA — PEDRO DANTAS — RODRIGO M. F. DE ANDRADE — ROQUETTE PINTO — SERGIO BUARQUE DE HOLLANDA E OUTROS.

EM TODAS AS LIVRARIAS:

EMILIO MOURA — INGENUIDADE
TRISTÃO DE ATHAYDE — DEBATES PEDAGOGICOS
VICENTE DE PAULO VICENTE DE AZEVEDO — ALVARES DE AZEVEDO

Se os intelectuais do Brasil auxiliarem a

REVISTA NOVA

fazendo-lhe por todos os meios a propaganda

EM 1932

ela poderá desenvolver ainda mais o seu programa de cultura passando de trimestral a mensal.

E. G. "Revista dos Tribunaes"
Rua Xavier de Toledo, 72
São Paulo — 1931

46790